

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E DO ENSINO SECUNDÁRIO

# **Entre o Cálice e a História: O Património do Vinho do Porto na sala de aula (e fora dela)**

Cristiana Filipa Borges Ferreira

**M**

2024



Cristiana Filipa Borges Ferreira

## **Entre o Cálice e a História: O Património do Vinho do Porto na sala de aula (e fora dela)**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, orientado pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro e pelo Professor Doutor Hugo Daniel Silva Barreira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

*Não deixes de sonhar, professor. Sê o adulto que querias ter contigo quando eras criança, sê o professor que querias que fosse o teu quando eras criança. Inventa, cria, imagina. Pensa: e se conseguir fazer da minha aula um espectáculo? Pensa: e se conseguir inspirar alguém?*

*A raridade das coisas banais (Pedro Chagas Freitas, 2022).*

# Sumário

<b>Declaração de honra / <i>Declaration of Honour</i></b> .....	<b>6</b>
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>7</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>9</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>10</b>
<b>Índice de Fotografias</b> .....	<b>11</b>
<b>Índice de Gráficos</b> .....	<b>12</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>14</b>
<b>1. O Vinho do Porto: da terra ao cálice</b> .....	<b>17</b>
1.1. O Património do vinho do Porto: Dos saberes à construção .....	30
<b>2. A História Local</b> .....	<b>36</b>
<b>3. A Educação Patrimonial: Herança de Ontem, Tesouro de Amanhã</b> .....	<b>39</b>
3.1. O Património cultural na sala de aula (e fora dela).....	54
<b>4. Contexto de intervenção e de investigação</b> .....	<b>60</b>
4.1. Escola Secundária António Sérgio, Vila Nova de Gaia .....	60
4.2. As turmas.....	61
<b>5. Metodologia de trabalho, instrumentos de recolha dos dados e apresentação e análise dos dados</b> .....	<b>62</b>
5.1. Metodologia de trabalho e instrumentos de recolha dos dados .....	63
5.2. Apresentação, análise e interpretação dos resultados .....	70
5.2.1. 1.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos) .....	71
5.2.2. Aula «Filho do Douro, Protegido de Gaia: Vinho do Porto, quem és tu?».....	88
5.2.3. Visita de estudo « Filho do Douro, Protegido de Gaia: Vinho do Porto, quem és tu?»	90
5.2.4. <i>Escape Room</i> «Porto Proibido» .....	95
5.2.5. 2.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos) .....	98
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>111</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>113</b>
<b>Webgrafia</b> .....	<b>116</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>117</b>
Anexo 1 – 1.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos) .....	117

Anexo 2 – Plano de aula sobre a História do Vinho do Porto .....	119
Anexo 3 – Apresentação Powerpoint da aula sobre a História do Vinho do Porto .....	125
Anexo 4 – Ficha de Trabalho da visita de estudo «Filho do Douro, Protegido de Gaia: Quem és tu, Vinho do Porto?».....	129
Anexo 5 – Ficha de Trabalho preenchida por um aluno .....	131
Anexo 6 – Guião da atividade « <i>Escape Room</i> – Porto Proibido».....	133
Anexo 7 – Ficha de trabalho – 1ª equipa de investigação .....	136
Anexo 8 – Ficha de trabalho – 2ª equipa de investigação .....	137
Anexo 8 – Fichas de trabalho – Relatório final de investigação.....	138
Anexo 9 – Ficha de trabalho preenchida por uma equipa .....	139
Anexo 10 – Ficha de trabalho preenchida por uma equipa .....	140
Anexo 11 – Relatório final preenchido por uma equipa .....	141
Anexo 12 – 2.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos) .....	142

## **Declaração de honra / *Declaration of Honour***

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do presente relatório.

Vila Nova de Gaia, 13 de setembro de 2024

Cristiana Filipa Borges Ferreira

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Cláudia Ribeiro, agradeço de coração pela sua generosa disponibilidade e pelo apoio constante ao longo deste percurso. As suas palavras de incentivo e o seu abraço amigo foram verdadeiramente preciosos.

Ao Professor Doutor Hugo Barreira, expresso a minha profunda gratidão pela sua constante disponibilidade e pelo apoio incondicional que me proporcionou.

À Professora Doutora Sara Dias Trindade, expresso o meu profundo agradecimento por ter feito parte do meu percurso e por ter acompanhado de perto o meu trabalho na escola.

Ao Professor Doutor António Barros Cardoso, agradeço de coração por todo o apoio durante o meu percurso e por ser um amigo sempre disponível para responder às minhas infinitas perguntas sobre o universo que partilhamos: o vinho.

Ao Doutor Joaquim Gonçalves Guimarães, expresso o meu agradecimento por todo o apoio durante este percurso.

À Doutora Ana Nápoles, expresso a minha gratidão pela sua generosidade e carinho com que recebeu os alunos na empresa Ramos Pinto.

À Professora Célia Gomes, expresso o meu mais sincero agradecimento por tudo. Agradeço profundamente pela receção calorosa na escola, pelas palavras de incentivo e pelo apoio constante.

Ao meu amigo e colega Luís Brandão, agradeço profundamente por caminhar lado a lado comigo durante este percurso. A sua presença como colega de estágio foi inestimável, sempre pronto para ajudar, ouvir e até atender o telemóvel muitas vezes para simplesmente ouvir os meus desabafos. A sua amizade e apoio foram fundamentais para mim.

Aos meus amigos e colegas, Joana e João, expresso a minha profunda gratidão pelo apoio e amizade que me ofereceram durante este percurso. À Joana, agradeço pela amizade sincera e pelo carinho constante, sempre pronta a oferecer ajuda. Ao

João, sou grata pela sua amizade e pela assistência indispensável nas minhas «crises informáticas», sempre com ânimo e paciência.

Às minhas amigas Elisabete e Inês, agradeço por terem sido as primeiras a apoiar-me desde o momento em que decidi embarcar nesta aventura. O vosso apoio e amizade foram fundamentais para mim.

## Resumo

Num mundo onde o ritmo acelerado e o stresse dominam o nosso quotidiano, a pressa muitas vezes nos impede de observar e refletir com atenção, até mesmo sobre objetos e elementos que sempre estiveram presentes e que nem reparamos. Nesta realidade agitada, torna-se cada vez mais necessário que nos reconectemos com as nossas raízes e com o que nos é familiar.

Assim, o presente estudo, desenvolvido no âmbito do estágio pedagógico supervisionado do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, incidiu sobre duas turmas do ensino secundário (11.º e 12.º anos) e teve como principais objetivos potenciar e valorizar o estudo da História e do Património local, com especial destaque para o universo do Vinho do Porto, junto dos alunos intervenientes.

O estudo de caso baseou-se em diversos instrumentos e metodologias para recolher as opiniões e perspetivas dos alunos acerca do que foi desenvolvido ao longo do ano. Optámos por utilizar a análise de documentação histórica, a visita de estudo, o jogo didático e os exercícios reflexivos como as principais estratégias pedagógicas.

A recolha e análise dos dados permitiram avaliar as conceções iniciais e finais dos alunos acerca da História local e do Património, com destaque para a temática do Vinho do Porto. Os resultados foram muito satisfatórios, pois evidenciaram um significativo aprofundamento do conhecimento dos alunos sobre a temática.

**Palavras-chave:** *História Local; Património Cultural; Educação Patrimonial; Vinho do Porto*

## **Abstract**

In a world where fast pace and stress dominate our daily lives, haste often prevents us from observing and reflecting attentively, even about objects and elements that have always been present and that we barely notice. In this hectic reality, it becomes increasingly necessary for us to reconnect with our roots and with what is familiar to us.

Developed as part of the supervised pedagogical internship of the Master's in History Teaching for the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education, focused on two secondary school classes (11th and 12th grades), the objectives of the present study are to enhance and value the study of History and local Heritage, with a special emphasis on the universe of Port Wine, among the participating students.

The case study was based on various tools and methodologies to gather students' opinions and perspectives on what was developed throughout the year. We chose to use historical document analysis, field trips, educational games, and reflective exercises as the main pedagogical strategies. The collection and analysis of data allowed us to assess the students' initial and final conceptions of local History and Heritage, with a focus on the theme of Port Wine. The results were very satisfactory, as they demonstrated a significant deepening of students' knowledge on the subject.

**Key-words:** *Local History; Cultural Heritage; Heritage Education; Port Wine*

## Índice de Fotografias

<b>FOTOGRAFIA 1</b> – VISITA DE ESTUDO À EMPRESA RAMOS PINTO. INTERIOR DO MUSEU. FONTE: FOTOGRAFIA DA NOSSA AUTORIA.....	91
<b>FOTOGRAFIA 2</b> – VISITA AOS ARMAZÉNS DE VINHO DA EMPRESA RAMOS PINTO. FONTE: FOTOGRAFIA DA NOSSA AUTORIA.....	92
<b>FOTOGRAFIA 3</b> – VISITA À ESTAÇÃO DE SÃO BENTO. ANÁLISE DOS PAINÉIS AZULEJARES. FONTE: FOTOGRAFIA DA NOSSA AUTORIA. ....	94
<b>FOTOGRAFIA 4</b> – ESCAPE ROOM «PORTO PROIBIDO». SALA RECRIADA. FONTE: FOTOGRAFIA DA NOSSA AUTORIA.....	95
<b>FOTOGRAFIA 5</b> – ESCAPE ROOM «PORTO PROIBIDO». MESA CENTRAL COM A CARTA DE ANTÓNIO RAMOS PINTO E RESPETIVAS PISTAS DE PARTIDA. FONTE: FOTOGRAFIA DA NOSSA AUTORIA. ....	96
<b>FOTOGRAFIA 6</b> - ESCAPE ROOM «PORTO PROIBIDO». À DESCOBERTA DOS ENIGMAS. FONTE: FOTOGRAFIAS DA NOSSA AUTORIA.....	97
<b>FOTOGRAFIA 7</b> – ESCAPE ROOM «PORTO PROIBIDO». À DESCOBERTA DOS ENIGMAS. FONTE: FOTOGRAFIAS DA NOSSA AUTORIA. ....	97
<b>FOTOGRAFIA 8</b> – ESCAPE ROOM «PORTO PROIBIDO». PREENCHIMENTO DA FICHA DE INVESTIGAÇÃO. FONTE: FOTOGRAFIA DA NOSSA AUTORIA.....	97

## Índice de Gráficos

<b>GRÁFICO 1</b> – FREGUESIA DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS DO 11.º ANO INTERVENIENTES NO QUESTIONÁRIO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	72
<b>GRÁFICO 2</b> – FREGUESIA DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS DO 12.º ANO INTERVENIENTES NO QUESTIONÁRIO. FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	73
<b>GRÁFICO 3</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «O QUE CONSIDERAS SER PATRIMÓNIO HISTÓRICO? PODES ESCOLHER MAIS DO QUE UMA OPÇÃO» (11.º ANO).....	74
<b>GRÁFICO 4</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «O QUE É QUE CONSIDERAS SER PATRIMÓNIO HISTÓRICO? PODES ESCOLHER MAIS QUE UMA OPÇÃO» (12.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA. ....	75
<b>GRÁFICO 5</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «SELECIONA MONUMENTOS E LOCAIS DO CONCELHO DE VILA NOVA DE GAIA QUE JÁ TENHAS VISITADO. PODES ESCOLHER MAIS DO QUE UMA OPÇÃO.» (11.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	79
<b>GRÁFICO 6</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «SELECIONA MONUMENTOS E LOCAIS DO CONCELHO DE VILA NOVA DE GAIA QUE JÁ TENHAS VISITADO. PODES ESCOLHER MAIS DO QUE UMA OPÇÃO.» (12.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	80
<b>GRÁFICO 7</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «EM QUE CONTEXTO FIZESTE A(S) VISITA(S)?» (11.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	80
<b>GRÁFICO 8</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «EM QUE CONTEXTO FIZESTE A(S) VISITA(S)?» (12.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	81
<b>GRÁFICO 9</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «O QUE CONSIDERAS SER PATRIMÓNIO HISTÓRICO? PODES ESCOLHER MAIS QUE UMA OPÇÃO» (11.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	99
<b>GRÁFICO 10</b> – RESPOSTA À QUESTÃO: «O QUE CONSIDERAS SER PATRIMÓNIO HISTÓRICO? PODES ESCOLHER MAIS QUE UMA OPÇÃO» (12.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	100
<b>GRÁFICO 11</b> – GRÁFICO ELABORADO A PARTIR DOS DADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO «ÍNDICA A TUA AVALIAÇÃO DA AULA SOBRE A HISTÓRIA DO VINHO DO PORTO. MARCA COM UM (X) O NÍVEL DE CONCORDÂNCIA COM CADA UMA DAS FRASES SEGUINTE:» (11.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA .....	106
<b>GRÁFICO 12</b> – GRÁFICO ELABORADO A PARTIR DOS DADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO «ÍNDICA A TUA AVALIAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DO VINHO DO PORTO» (12.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	107
<b>GRÁFICO 13</b> – GRÁFICO ELABORADO A PARTIR DOS DADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO «ÍNDICA A TUA AVALIAÇÃO DO ESCAPE ROOM» (12.º ANO). FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA.....	107



## Introdução

O vinho do Porto, símbolo incontornável da cultura e identidade portuguesas, representa um património de inestimável valor que transcende as fronteiras regionais e nacionais. Com raízes que se estendem profundamente na história e nas tradições do Vale do Douro, este produto único carrega consigo não apenas um legado de técnicas vitivinícolas apuradas ao longo de séculos, mas também um vasto repertório de histórias, saberes e práticas culturais. A sua relevância vai muito além do contexto económico, tornando-se um veículo de transmissão de valores, identidades e memórias coletivas.

No mundo atual, marcado por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas, a preservação e valorização deste património cultural emergem como desafios urgentes e necessários. Neste cenário, o papel do professor adquire uma importância central, não só como transmissor de conhecimento, mas como agente fundamental na sensibilização e formação das novas gerações. A sala de aula, enquanto espaço privilegiado de aprendizagem e reflexão, torna-se um local estratégico para abordar e explorar o património do vinho do Porto, fomentando um diálogo enriquecedor entre a tradição e a contemporaneidade.

Para além dos muros da escola, o professor pode e deve estender a sua influência, promovendo uma ligação mais estreita entre a comunidade escolar e o meio envolvente. Este processo de sensibilização, que se inicia na sala de aula, ganha força quando se expande para o contexto familiar e comunitário, potenciando uma maior consciência e valorização deste património cultural no dia-a-dia. A educação para o património, neste sentido, não se limita a uma mera transmissão de conhecimentos, mas envolve uma formação integral que capacita os alunos para se tornarem cidadãos conscientes e ativos na preservação da sua herança cultural.

O tema deste trabalho adveio de um conjunto de fatores: o primeiro relacionado com a pertinência científica do tema; o segundo corresponde ao local de intervenção e investigação; o terceiro remete para aspetos relacionados com um certo desconhecimento dos alunos perante o tema e o quarto e último fator relaciona-se com a fraca expressão da temática nos manuais escolares. Falamos em vinho do Porto,

um produto e um símbolo de um património e de uma identidade nacional que transformou e dinamizou toda uma região e um país. De facto, torna-se impossível referirmo-nos ao vinho do Porto sem mencionar a sua cidade guardiã, onde o recebeu para estagiar e cumprir a designada «prova do tempo» – Vila Nova de Gaia – também o lugar onde a prática pedagógica está a ser desenvolvida. Localizada nas margens do Rio Douro em frente à cidade do Porto, Vila Nova de Gaia desempenha um papel vital na produção, armazenamento e comercialização do vinho do Porto, sendo enriquecida por um vasto e precioso património relacionado com o vinho e a sua história.

Assim, o presente estudo partiu de duas questões-orientadoras, as quais procuramos responder e refletir:

- Pode o Património e a História local motivar os estudantes para o desenvolvimento do conhecimento histórico?
- De que modo é que o estudo da História e Património Local podem contribuir para o desenvolvimento da consciência patrimonial dos jovens?

Da primeira parte deste trabalho faz parte um enquadramento teórico em torno da temática do vinho do Porto. Intitulada «O Vinho do Porto: da terra ao cálice» visa proporcionar uma visão abrangente da história do vinho, explorando os momentos-chave que definiram o seu percurso e destacando os aspetos mais marcantes da sua evolução. Para além disso, dedica-se um subcapítulo ao património relacionado com esta temática, onde procurámos refletir em torno do património material e imaterial. O segundo capítulo intitula-se «A História Local» onde refletimos sobre o conceito de História Local e a sua importância para a construção das identidades individual e coletiva.

No terceiro capítulo deste estudo, intitulado «Educação Patrimonial: Herança de Ontem, Tesouro de Amanhã», explorámos o conceito de «património» e as convenções que enfatizam a sua gestão e preservação. Refletimos sobre como a noção de património evoluiu e se tornou uma prioridade em determinadas políticas culturais e educativas. Abordamos, em seguida, como o património pode ser um valioso recurso didático no ambiente escolar.

No quarto capítulo, intitulado «Contexto de Intervenção e Investigação», apresentámos o contexto de intervenção e investigação que sustenta este estudo, dividindo-se em duas partes: uma dedicada à exposição do contexto educativo onde o trabalho foi realizado e outra à caracterização do público-alvo, através da descrição das turmas.

No quinto e último capítulo, «Metodologia de trabalho, instrumentos de recolha dos dados e apresentação e análise dos dados», apresentamos a metodologia de trabalho, descrevendo todas as atividades realizadas, bem como os instrumentos de recolha dos dados, nomeadamente os questionários e as fichas de trabalho, e os procedimentos de análise dos mesmos. Para além disso, analisamos os dados recolhidos por forma a retirar conclusões e a responder às questões de partida apresentadas anteriormente.

Por fim, nas Considerações Finais, explanamos as conclusões da nossa investigação, refletindo sobre a eficácia das atividades na aquisição e consolidação de conhecimentos e no desenvolvimento da consciência patrimonial dos jovens.

## 1. O Vinho do Porto: da terra ao cálice

«O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor pintou ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a refletir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.» (Torga, 1977, p.176)

Ao longo dos tempos, o vinho fez parte da realidade e do imaginário social, económico e cultural de Portugal. No entanto, se conhecemos bem a sua História, métodos produtivos e relações comerciais durante a maior parte da nossa Era, falta-nos um momento-chave para melhor o interpretar: o seu início. A partir de quando sentimos a sua presença? Segundo Cardoso (2003), as notícias mais recuadas sobre a presença de vinho na cultura dos povos pré-clássicos entrelaçam-se com misteriosas e encantadoras lendas. Aparecem-nos inúmeras referências à bebida-alimento, mas a verdade é que, com segurança, pouco se conhece no que se refere às suas primitivas raízes (Cardoso, 2003, p.40), surgem-nos as lendas que compõem os textos da história sagrada em que o vinho é o grande protagonista como relata o episódio pós-diluviano de Noé. Este se embriagou pela primeira vez aos 61 anos de idade, após ter provado o vinho que ele próprio colheu das videiras que havia plantado. Segundo Johnson`s (1999), o vinho aparece-nos referenciado como sumo dos Deuses no Livro do Génesis, na tábuca X, quando o herói Gilgamesh parte em buscar da imortalidade entrando nos domínios do Sol (Johnson`s, 1999, p. 21). Aí encontra uma vinha encantada cujo vinho lhe facultou a desejada imortalidade, assim lhe tivesse sido permitida a sua ingestão.

Na mitologia grega encontramos uma nova história diluviana que remete para a origem do vinho. Segundo esta lenda, Zeus, pai dos deuses, inflige em toda a raça humana uma grande inundação da qual apenas sobrevive um casal. Orestes, foi um dos seus filhos e segundo esta lenda foi também o primeiro a plantar a vinha. O outro, Amphyction, com quem Zeus fez grandes laços de amizade e a quem ensinou sobre aspetos relacionados com o vinho. Por sua vez, Helena, que emprestou o nome   cultura Hel nica, foi a filha mais velha, irmã de dois conhecedores de vinho. Bem, trata-se de lendas, mas que formaram o imaginário e a identidade de uma civilização (Cardoso, 2003, p. 40).

Saindo das lendas e passando pelos vestígios mais remotos da presença do vinho em Portugal, devemos aos romanos a sua difusão e implantação. Na Antiguidade, uma parte de Portugal, conhecido como Lusitânia, sofreu uma forte influência dos romanos no seu território. O seu impacto abateu sobre os hábitos de cultivo e de consumo. São extremamente raras as ocasiões em que os autores clássicos se debruçam sobre o vinho e a sua produção na Península Ibérica, sendo ainda menos comum a referência desta cultura agrícola na Lusitânia. A primeira referência ao vinho no território lusitano  -nos dada a conhecer por Políbio, historiador e geógrafo grego, quando se refere aos preços de alguns produtos no Sul da Lusitânia. Segundo Pereira (2017), «O vinho é conhecido na Península Ibérica pelo menos desde o século VII a.C. Todavia, a existência deste produto deve-se a importações, sobretudo de produções orientais, de comerciantes fenícios.» (Pereira, 2017, p. 33). Sobre a sua produção, surgem-nos informações fornecidas pelos autores clássicos como Catão, Varr o, Plínio e Columela, que nos d o um panorama sobre as técnicas e os métodos de produção e armazenamento do vinho (Pereira, 2017, p. 34).

Durante a Antiguidade, a maior parte dos métodos que temos ao nosso dispor nos nossos dias para controlar este processo não era conhecida, o que conduzia a várias situações problemáticas. Com os passar do tempo e guiados pela experiência (e pela prova) foram adotados, a par e passo, métodos mais eficazes aos quais sucederá uma multiplicidade de vinhos com diferentes características e sabores. Devido ao pouco aperfeiçoamento das condições de fermentação, o vinho romano seria de cor

clara, artificiado depois com a adição de outros produtos daria uma rica variedade de cores (Pereira, 2017, p. 35). No mesmo sentido, a única referência conhecida sobre o consumo de vinho na Lusitânia chega-nos pela mão de Estrabão, quando refere que os habitantes das «montanhas bebem água [...] eles bebem zithos e vinho, que não possuem em quantidade e que bebem muito rapidamente em banquetes familiares». (Pereira, 2017, p. 35). Para além de ser uma bebida consumida em banquetes e grandes festas, o vinho fazia parte da refeição das legiões romanas, que para além de o consumir, cultivava-o durante o seu percurso pelas terras por onde passavam. De facto, o seu cultivo por parte destes homens contribuiu para a rápida difusão por todos os territórios. (Pereira, 2017, p. 35).

Sendo um produto muito apreciado, questões relacionadas com a sua conservação começam a surgir. Falamos em métodos de conservação, que devem ser antecipadamente realizados no processo da fermentação do vinho e quanto a esse aspeto, são-nos dados a conhecer quatro técnicas utilizadas pelos agrónomos clássicos: o gesso, o pez, a resina, o defrutum, especiarias, o sal, o mel. Estas substâncias transformavam (artificiavam) a qualidade, o sabor, as propriedades do vinho romano. Curiosamente, algumas delas continuavam em uso em pleno século XIX. (Pereira, 2017, p. 36)

A produção do vinho inicia-se, antes de mais, com a plantação das vides. Vários fatores são tomados em conta aquando da escolha dos terrenos mais favoráveis para plantar a vinha, sendo um dos mais importantes o tipo de solo. Na Lusitânia, os latifundiários constroem as *villae* com o intuito de produzir vinho principalmente em terrenos aluviais, coluviais ou com solos castanhos calcários, adaptados a uma agricultura moderada ou intensiva. (Pereira, 2017, p. 36). Durante este período, existem diversas formas de plantar a vide «desde a *vina prostata*, caso em que a videira é deixada brotar e mantida a uma altura muito baixa, até à *vitis arbustiva*, que denomina a forma de plantar as videiras em conjunto com árvores, crescendo em conjunto.» (Pereira, 2017, p.37). Este processo é também ele acompanhado de um clima de festa. De facto, no período que vai desde a plantação até ao momento de colheita, e mesmo durante o processo de vinificação, ocorriam diversos festejos e

celebrações de índole religiosa na Antiguidade. Registam-se três grandes celebrações associadas à produção vinícola:

«Num primeiro momento e antes da introdução e divulgação do culto de Baco na sociedade romana, são oficialmente dedicadas a Júpiter: a vinalia prioria, que decorre no dia 23 de Abril e durante a qual os recipientes contendo o primeiro vinho do ano anterior são abertos; a vinalia rustica, no dia 19 de Agosto, que marca o início da vindima; as meditrinalia, dia 11 de Outubro, em que o mosto é consagrado.» (Pereira, 2017, p.40).

De facto, a par e passo tornou-se um dos produtos mais consumidos e comercializados. Consequentemente, fez parte da vida social e económica da Antiguidade Clássica e não só...

O vinho atravessou épocas e incorporou dinâmicas bem diferentes, mas com um elo em comum: um produto chave em cada sociedade que o bebeu. Falemos, da Idade Média, onde o vinho desempenhava um papel central na vida cotidiana, abraçando múltiplos aspetos sociais, culturais e religiosos.

O cultivo e a produção de vinho na Idade Média estão intrinsecamente ligados à agricultura e à vida social e religiosa. Os mosteiros, por exemplo, desempenharam um papel crucial na promoção da viticultura, cultivando uvas em extensas vinhas. Esta prática está ligada à necessidade de «vinho de missa» para a celebração da eucaristia. Durante este período, o Douro é palco da fixação da primeira ordem regular, a ordem de Cister. A Quinta e Casa dos Varais (Baixo Corgo), situada na margem esquerda do Rio Douro, na freguesia de Cambres (Lamego), terá sido a primeira propriedade que se integrou nos bens patrimoniais da Ordem de Cister no Douro, em 1142, produzindo-se aqui o primeiro «vinho cheirante de Lamego», hoje conhecido como Vinho do Porto. (Cardoso, 2017) Esta quinta esteve dependente do Convento de Salzedas até 1773, pagando as rendas anuais sobretudo em vinhos. (Cardoso, 2017)

São Martinho de Dume, Bispo de Dume e de Braga, reformador do ritualismo e da eclesiologia peninsular, é o primeiro a regular «o consumo de vinho nas terras bracarenses e minhotas. No seu *correctione rusticorum* proscreeve o costume – que

reputa de pagão – de deitar vinho sobre a lenha posta a arder no fogão. Por outro lado, nos *capitula ex orientalium patrum* termina que não se deverá oferecer senão pão, vinho e água no santuário. Ainda neste texto, Martinho dá-nos conta do desenvolvimento da prática comercial do vinho logo após a instalação dos reinos bárbaros na península». (Marques, 2011, p.31) Neste estudo sobre os mosteiros e o vinho verde no território de Entre Douro e Minho, Marques (2011) demonstra o papel desenvolvido pelas Ordens Religiosas, com um destaque particular para os Beneditinos, mas também Agostinhos e Monges-Cavaleiros de São João do Hospital, na promoção da viticultura e da vinificação no Entre Douro e Minho. Durante este período, devemos sobretudo a estes regulares a forte difusão da cultura e a sua inclusão na vida social e religiosa da população, fazendo parte da sua terra, da sua mesa e do seu cálice.

Seguindo a mesma dinâmica, saboreamos o vinho a partir do século XVI até meados do século XVIII, altura em que nos aparece a designação «vinho do Porto» e a afirmação da sua região de origem, o Douro, como veremos de seguida.

Desde os finais da Idade Média, os vinhos de qualidade superior eram os provenientes da região do Douro, onde alcançavam preços elevados em relação aos vinhos correntes. Rui Fernandes, autor da época e feitor do Rei na cidade de Lamego, citado por Pereira (2016) apresenta-nos um panorama do cultivo e da produção dessa zona do Douro. Mostra-nos um vinhedo diversificado, na sua maior parte situado nas encostas do Douro, produzindo vinhos aromáticos e com capacidade de envelhecimento, servidos nas mesas da Corte e das casas senhoriais. Este autor, indica que a produção seria abundante e com capacidade de exportação, quer para os mercados internos (Entre Douro e Minho, Aveiro, Lisboa), quer para os externos (para a Corte e casas senhoriais de Castela). (Pereira, 2016, p. 3) Por esta altura, os melhores vinhos do Douro, apesar de serem reconhecidos nos mercados internos e externos como «maravilhosos vinhos de pé» e «cheirantes», estavam longe de alcançar a vocação exportadora que lhes coloria a designação «vinhos do Porto» , mas já eram, indubitavelmente, vinhos de vocação mercantil, aparecendo, em diversos documentos do século XVI, com a designação de «vinhos de carregaço» o que significava « vinhos

que se destinavam a ser embarcados e a seguir pelo rio para o mercado do Porto.» (Pereira, 2016, p. 3) No entanto as designações mais comuns até ao início da Época Moderna seriam «vinhos de Riba Douro»; «vinhos de Cima do Douro» e «vinhos de Lamego».

Para além do forte contributo que tiveram as ordens religiosas na expansão de cultura na Região do Douro, a partir do século XVII, a expansão registada resultou do crescimento rápido do mercado, em especial britânico, que configurou uma nova dinâmica à região e a uma determinada cidade – o Porto. A cidade do Porto manteve desde tempos remotos uma forte relação com a sua vasta área de influência que, no decurso do último quartel do século XVII, se expandiu de forma definitiva à Região do Douro. Tal relação só foi possível devido ao papel exercido pela «estrada de água» - o Rio Douro, que permitia o fluxo de mercadorias vindas do Douro para o Porto. Segundo dados apurados por Cardoso (2001), a grande parte dos vinhos que chegavam ao Porto entre 1700 e 1756, eram provenientes das produções durienses que representavam 96% do total dos vinhos entrados na cidade, repartindo os restantes 4% entre os vinhos verdes de Viana, Monção e Caminha e das regiões circundantes do Porto, bem como, entre outros, os maduros da Anadia, Covilhã, designados por «Serra da Estrela», vinhos da Figueira da Foz e de Lisboa. De facto, esta variedade de vinhos nacionais mostrou-nos a cidade do Porto como polo de atração dos vinhos produzidos nas principais regiões vinícolas portuguesas de então. (Cardoso, 2001, p. 122)

Segundo Pereira (2017) a valorização dos vinhos generosos do Douro, ao longo da Época Moderna, decorreu, sobretudo, da sua vocação mercantil. Durante este período, deve-se às armadas o elevado impulso que recebeu o comércio dos vinhos europeus, inclusivo os portugueses. Ao longo do século XVII, a pressão da procura holandesa que se encontrava em fase de construção de um império ultramarino, necessitado de vinhos e no contexto de rivalidade com a França, tradicional fornecedora de vinho, em particular com as políticas protecionistas, alterou substancialmente o comércio internacional de vinhos. No caso dos vinhos do Douro, entre o início do século XVII e o início do século XVIII, verificou-se uma transformação configurada em alterações tecnológicas:

«primeiro, nos armazéns dos negociantes do Porto e de Gaia, com adição de aguardente aos vinhos já feitos e que se destinavam à exportação, obtendo vinhos mais fortes e alcoolizados; depois, já no início do século XVIII, com a adição de aguardente ao mosto, nas adegas dos produtores do Douro, para travar a fermentação e conservar a doçura natural das uvas». (Pereira, 2017, p. 5)

De facto, verificou-se uma alteração no modo de fazer vinho, sendo em grande medida estimulado pela procura crescente dos vinhos generosos<sup>1</sup> do Douro pelos britânicos, entre finais da década de setenta do século XVII e os anos vinte do século XVIII, numa conjuntura comercial favorável para os vinhos ibéricos, criada pela rivalidades e guerras entre os impérios marítimos do Norte.

O interesse dos ingleses pelo vinho regista-se desde cedo e cresceu em relação direta com o insucesso nas tentativas de produzirem nas suas terras vinhos de elevada qualidade. Essa circunstância levou-os a procurar vinhos um pouco por toda a parte. Seria o século XVII a marcar o gosto britânico pelos bons vinhos que produz o mundo. Nesta altura, os ingleses começam a apreciar vinhos fortes e doces, os designados “sack”, designação atribuída aos vinhos portugueses e espanhóis. (Cardoso, 2001, p. 115) Desde tempos medievais, Portugal e Inglaterra fomentaram laços de amizade assentes no comércio. A sua relação impulsionou um interesse comercial recíproco que envolveu mercadores do Porto e mercadores dos portos do sul das Ilhas Britânicas que «culminou com o estabelecimento de uma forte comunidade inglesa na cidade do Porto em torno dos lucros do comércio do açúcar do Brasil, dos produtos durienses, com destaque para os vinhos, azeites, frutas e sumagre.» (Cardoso, 2001, pp. 115-116) Os finais do século XVII foram decisivos para o comércio do vinho. Naquela época, o açúcar do Brasil enfrentou uma forte concorrência, obrigando os britânicos no Porto a mudarem o produto principal das suas transações. Assim, passaram a escolher os vinhos como o produto privilegiado no seu volume de trocas. Em 1699, aparece-nos pela primeira vez a referência “Wine Port”, vinho saído pelo Porto e chegado aos

---

<sup>1</sup> Os «vinhos generosos» são designados assim por serem fortificados, passando por um processo em que se adiciona aguardente vínica (álcool destilado) durante ou após a fermentação.

portos de Inglaterra. (Cardoso, 2001, p. 116)

Desta forma, o mercado britânico abraçou os vinhos do Douro, dada a sua qualidade e capacidade de aguentar longas viagens comparativamente a outros vinhos. Na cidade do Porto, uma comunidade de negociantes ingleses começou a fixar-se culminando num intensivo trato e na emblemática «Feitoria inglesa do vinho.» (Cardoso, 2001, p. 116) Ao contrário de outras feitorias britânicas esta fez assentar «quase todos os seus negócios num único produto, o vinho do Douro. Os mercadores ingleses embarcavam no «País do Vinho» a fim de aferirem a qualidade e os preços mais desejados. Segundo Cardoso (2001) este grémio passou a albergar a comunidade mais poderosa da cidade, sob o ponto de vista económico, registando um elevado aumento do seu número na cidade «recenseamos entre 1700 e 1756, 153 ingleses a operar na praça portuense, em nome individual ou associados em Companhias comerciais.» (Cardoso, 2001, p. 116)

Importa referir que a produção e o comércio do vinho do Porto, animados pelos britânicos, conheceram um novo panorama durante o reinado de D. José I, mais precisamente em 1756. Nessa altura, o vinho do Porto era a principal exportação portuguesa, excluídos os produtos coloniais. Esse estatuto explicava por que motivo o vinho era interpretado pelo Estado como um produto estratégico na ótica do mercantilismo de Sebastião de Carvalho e Melo, primeiro-ministro do rei D. José I. A solução adotada pelo ministro foi a criação de uma Companhia designada «Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro» por alvará régio de 10 de setembro de 1756, com poderes majestáticos para proceder à demarcação da região produtora e controlar a produção, transporte e comércio do vinho. Desta forma, «com a rigorosa e complexa legislação pombalina, o “vinho do Porto” ou “de feitoria”, com preços fixados por lei, passava a ser uma produção “exclusiva” da zona demarcada do Alto Douro.» (Pereira, 2016, p.5). Tais circunstâncias foram do desagrado por parte dos ingleses, que até então controlavam os preços dos vinhos saídos do Porto com destino a Inglaterra, e por parte dos lavradores que em muitos momentos manifestaram a sua discordância quanto aos preços estipulados para os seus vinhos (Fonseca, 1951, p. 15). Apesar do descontentamento e das limitações, os ingleses continuavam a

comercializar vinho e a manter-se envolvidos neste negócio. Trato esse cada vez mais aguçado pelas circunstâncias.

Neste contexto, até aos anos quarenta do século XVIII, o vinho resultante das vindimas anuais do Douro era conduzido até à cidade do Porto e, até ao mês de março/abril do ano seguinte ao da colheita, era armazenado na cidade do Porto. Esses vinhos não permaneciam nos armazéns em largos períodos, seguiam diretamente para os portos de importação, particularmente para as docas da Ilha inglesa de Guesnesey e para o cais de Londres e de outros portos britânicos ou então desaguavam nos portos coloniais portugueses, nomeadamente os portos das capitânicas do Brasil. O estacionar dos vinhos ocorria nesses portos de destino. Contudo «por razões que se prendem com a falta de qualidade de alguns carregamentos, os destinatários importadores e respetivos comissários de comerciantes ingleses no Porto, começaram por essa altura a comprar somente vinhos que “tivessem dado a prova do tempo». Ou seja, vinhos que tivessem permanecido nos armazéns do Porto, pelo menos durante três anos.» (Cardoso, 2019, p. 103). Desta forma, garantia-se que o vinho estaria em perfeitas condições de ser comercializado e bebido. A cidade do Porto confrontou-se com um problema, visto que os armazéns em sua posse não seriam suficientes para um armazenamento em longo período de tempo. É nesta altura que os vinhos do Douro começam a ser armazenados na margem do rio fronteira ao Porto. Seria em Vila Nova de Gaia – a “Guardiã dos vinhos do Porto” – que iriam prestar a prova do tempo (Cardoso, 2019, p. 103).

A cidade de Vila Nova de Gaia reunia todas as condições necessárias para acolher os vinhos para o seu envelhecimento, acabando por se transformar no «bairro do vinho» (Guichard, 2003, p. 23). Quais seriam essas condições? Salientamos a sua localização privilegiada «aberta sobre o estuário do rio, no exato ponto de encontro entre a navegação fluvial que trazia os vinhos de cima, e a marítima que os enviava para os mercados externos», um amplo espaço que possibilitava a arrumação dos intensos volumes de stock e culminava nas ótimas condições naturais para a conservação do vinho (Guichard, 2003, p. 25).

Formou-se um espaço estritamente delimitado para este efeito em

1926, e então proclamado “Entrepasto Único e Privativo do vinho do Porto” (Guichard, 2003, p. 25). De facto, tratava-se de combater as denominações abusivas e outras falsificações que o vinho ao longo do seu tempo sofreu (e sofre). Desde então não seria possível haver vinho do Porto sem ter passado por este entreposto, e pelo menos não poderia transitar nenhum vinho a não ser ele. Segundo Guichard (2003), era levar ao extremo uma das mais antigas normas do comércio deste produto, que desde o século XVIII tinha periodicamente concedido à barra do Douro a exclusividade da sua expedição. Importa constatar que a cidade do Porto mantinha a sua intensa vocação para acolher os bancos, residências, escritórios ou clubes de negociantes em vinhos, mas já não os próprios vinhos (Guichard, 2003, p. 25).

O Entrepasto estende-se dentro de um perímetro de aproximadamente 250 hectares, dos quais cerca de 50 são efetivamente cobertos de adegas, das suas respetivas dependências e dos seus escritórios. O restante corresponde aos espaços de circulação, alojamentos, comércios e diversos serviços associados (Guichard, 2003, p. 25). Aqui bateu (e bate) o coração do vinho do Porto.

Referimo-nos a um contexto de esplendor e de grande euforia, mas que conheceu os dissabores de uma crise. Em meados da década de 1860, o Douro e os seus vinhos enfrentaram um dos maiores desafios alguma vez registado nas suas terras – a devastação provocada pela filoxera, onde a sua história conheceu um novo rumo, com o aparecimento desta doença, considerada a praga mais temível e devastadora da viticultura mundial. A filoxera foi uma doença que atingiu as videiras no século XIX, um pouco por todo o mundo. É provocada por um inseto hermafrodita que se alimenta do suco das raízes da planta, gerando tumores que, em poucos anos, enfraquecem e destroem as cepas (Ferreira, 2023, p. 32). Em 1885, o viticultor José Eduardo Gomes, faz uma descrição pormenorizada desta praga, referindo-se a ela como um “insecto sugador” que descreve desta forma:

«tem a bocca formada por 4 sedas rígidas, que correspondem às maxillas e mandibulas, podendo intrar e sahir n’um rosto formado pelo labio inferior e composto de 4 articulos. O esophago é um tubo estreito. O intestino médio é

bastante desenvolvido; largo a princípio, fôrma depois muitas circunvoluções.»  
(Ferreira, 2023, p. 32)

Doença originária da América do Norte, onde foi encontrada pela primeira vez em 1853, chegou à Europa no início da década de 1860. Portugal foi o segundo país europeu a ser invadido pela praga, encontrada em vinhas do concelho de Sabrosa (Douro) em meados da década, espalhando-se depois pela região e por todo o país.

Considerada a praga mais temível e devastadora da viticultura mundial, conduziu a profundas alterações na distribuição geográfica da produção de vinho, atingindo as principais regiões produtoras. Referimo-nos a Portugal e a França, onde a doença levou à destruição de grande parte dos seus vinhedos e a uma crise comercial.  
(Ferreira, 2023, p. 33)

Nestas circunstâncias, o Estado exerceu uma ação interventiva impondo uma série de medidas que visaram o controlo e o combate da praga. Considerada como uma “calamidade nacional”, a praga foi controlada e eliminada através de um conjunto de esforços por parte do Estado, de particulares e dos viticultores. A primeira medida de intervenção, ocorreu em 1878 com a criação de uma Comissão de Estudo e Tratamento das Vinhas do Douro: composta por técnicos, proprietários e viticultores, tinha como finalidade:

«ensaiar e promover a aplicação dos medicamentos melhor aconselhados ao tratamentos das vinhas affectadas pelo phyloxera, estabelecendo para isso um ou mais postos experimentaes (...); «ministrar às camaras municipaes e aos proprietarios todas as informações esclarecimentos, indicações ou conselhos sobre o tratamento das vinhas e especialmente das que estiverem affectadas pelo phylloxera (...); «fornecer ás camaras municipaes ou proprietarios que o solicitem os medicamentos e aparelhos que julgarem convenientes, com as instrucções apropriadas ao seu emprego efficaz, e devendo dirigit-os no trabalho de aplicação dos mesmos medicamentos e uso dos aparelhos (...). Medicamentos como o sulfureto de carbonio, considerado e usado como

poderoso químico no combate contra a doença». (Ferreira, 2023, pp. 33-34)

Visto como um produto essencial, o principal objetivo da comissão foi a criação de uma fábrica de sulfureto de carbono devido a um conjunto de fatores de ordem interna e externa. O primeiro, por se confiar na eficácia do produto no combate contra a praga. O segundo, por ficar muito dispendiosa a importação do produto que, segundo a comissão, viria em quantidades reduzidas. Outro inconveniente, relativo à importação, era o transporte, onde se deparavam com uma dificuldade extrema devido ao facto de se tratar de um produto inflamável. Face ao panorama, sentiu-se a necessidade de levar a bom rumo a construção da primeira fábrica de sulfureto de carbono. Relativamente ao local Vila Nova de Gaia foi a cidade escolhida para a sua construção, sendo selecionado um lote, na margem esquerda do rio Douro, num terreno pertencente à antiga cerca do Convento da Serra do Pilar, no lugar de Quebrantões, junto à ponte D. Maria Pia. Aqui nascia a primeira fábrica de sulfureto de carbono com o objetivo de produzir o milagroso químico para ser injetado nas raízes das cepas (Ferreira, 2023, pp. 34-35).

Para além da utilização do sulfureto, os viticultores, nomeadamente, os durienses, começaram a optar, por volta da década de 1890, pela plantação de vinhas americanas, onde a resistência à praga seria superior às cepas europeias. Segundo Martins (1991) e citando a revista Vinha Portuguesa:

«extensos vinhedos, constituídos na sua quase totalidade por plantas resistentes à filoxera, de proveniência americana», cobriam no final do século imensas regiões do país, «não só aquelas onde a vinha fora outrora florescente, mas mesmo outras, como vastas campinas e férteis terras de várzea, onde a metição do bacelo se tem feito nestes últimos anos com entusiasmo quase louco.» (Martins, 1991)

E é esta expansão da cultura da vinha americana, mais produtiva do que a europeia, que, em parte, se deve ter ficado a dever o alargamento da superfície

vinícola e o crescimento da produção no final do século XIX (Martins, 1991, p. 670).

Devido às circunstâncias, registaram-se mudanças nas práticas de cultivo e de adubação. De facto, a introdução das vinhas americanas, contribuiu para o aumento da produtividade. Elas terão mesmo impulsionado, no dizer de alguns autores, uma verdadeira «revolução na viticultura portuguesa», na medida em que as velhas vinhas plantadas em solos pobres e secos foram substituídas por vinhas novas plantadas em terras mais férteis da planície e foram introduzidas diversas técnicas novas, nomeadamente a poda, o espaçamento das videiras e a intensificação dos trabalhos culturais e das adubações (Martins, 1991, p. 672). Nas plantações ou replantações com vinha europeia, que foi a opção mais seguida no Douro, utilizaram-se preferentemente castas mais resistentes à praga, como a touriga, tinta-cão e sousão, e alinharam-se as vinhas de modo a facilitar os trabalhos culturais. Segundo Martins (1991), as vinhas portuguesas não eram, regra geral, adubadas, o que, aliás, era considerado uma das vantagens desta cultura relativamente à dos cereais. Julgava-se que os adubos influíam na qualidade do vinho e, por outro lado, porque a sua utilização era dispendiosa nalgumas regiões, nomeadamente no Douro, em virtude da escassez de gado e matas e, também, das condições do terreno. A filoxera e a implantação da rede ferroviária modificaram, contudo, esta prática. As adubações começaram a entrar no quotidiano dos viticultores, sendo consideradas fundamentais na luta contra a praga (Martins, 1991, p. 672). A viticultura enfrentava assim uma crise em várias frentes, mas que dera início a um novo rumo nas técnicas e métodos de cultivo da vinha, modificando e construindo a geografia do nosso Douro Vinhateiro. A seguir, vamos fazer um brinde à região e ao seu património, mergulhando na rica história e nas transformações que moldaram esta paisagem vinícola única, e descobrindo como o passado e o presente se entrelaçam para criar o bouquet distinto do Douro.

## **1.1.O Património do vinho do Porto: Dos saberes à construção**

No capítulo anterior, explorámos a fascinante história do vinho do Porto e examinámos a região do Douro, cujas vinhas e tradições moldaram o nosso grandioso néctar. Agora, neste tópico que se inicia, embarcaremos numa nova e empolgante aventura dedicada ao património do vinho do Porto. Iremos mergulhar nas profundezas do legado cultural e histórico que acompanha esta bebida.

Em 2001, a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), classificou como Património Mundial uma área de 24.600 hectares do Alto Douro Vinhateiro, abrangendo 13 concelhos: Mesão Frio, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Alijó, Sabrosa, Murça, Carrazeda de Ansiães, Torre de Moncorvo, Lamego, Armamar, Tabuaço, São João da Pesqueira e Vila Nova de Foz Côa. Classificada na categoria de Paisagem Cultural Evolutiva e Viva, situa-se a cerca de 100 quilómetros a leste da cidade do Porto, instalando-se no vale do Rio Douro e principais afluentes. Segundo Cardoso, et, (2017), trata-se de uma paisagem muito heterogénea, principia em Mesão Frio, seu extremo oeste, e prolonga-se até à fronteira com Espanha, vendo-se cercada por cadeias montanhosas, das quais sobressaem a norte as Serras do Marão e Alvão, enquanto a sul deslumbra a Serra do Montemuro (Cardoso, 2017, p.8). Na descrição realizada pela UNESCO destaca-se o seu encanto assente na história e no património que incorpora o sabor das uvas e do seu vinho. Este reconhecimento é um tributo à sua paisagem deslumbrante e uma afirmação do seu valor universal excepcional, que combina aspetos culturais, históricos e ambientais de maneira intrincada e significativa. Segundo a UNESCO, o Alto Douro Vinhateiro (ADV) foi classificado como Património Mundial com base nos seguintes critérios:

«Critério iii: A produção de vinho na região remonta a cerca de dois mil anos e a paisagem foi moldada por atividades humanas ao longo deste tempo. Critério iv: A paisagem do ADV representa um vasto conjunto de atividades ligadas à produção vinícola, como os socalcos, quintas, aldeias, capelas e redes de

comunicação. Critério v: A paisagem cultural do ADV constitui um exemplo excecional de uma região vinícola tradicional europeia, espelhando a evolução dessa atividade ao longo dos séculos»<sup>2</sup>.

De facto, a autenticidade desta paisagem resulta da antiguidade da Região Demarcada do Douro, da forma como as encostas foram preparadas para o cultivo da vinha, e da integração de diversas culturas. A integridade do local é evidenciada pela conservação do seu tecido físico e pela manutenção dos processos que garantem a preservação do seu valor patrimonial.

O impacto da classificação da UNESCO vai além da proteção e preservação da região, na medida que também contribui para a promoção e o reconhecimento global do Alto Douro Vinhateiro. Esta designação atrai turistas e investigadores, fomentando o interesse e a apreciação pela rica herança cultural e pela beleza da paisagem. Ao mesmo tempo, a designação ajuda a apoiar a economia local através do turismo, proporcionando oportunidades de desenvolvimento sustentável que respeitam e preservam as tradições e a identidade cultural da região.

De facto, saboreamos (não só o vinho) um património cultural desde os métodos de cultivo até à arquitetura das suas características quintas. Mas não ficamos apenas pelo seu *terroir*, as cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia, constituem um fabuloso testemunho do impacto do vinho do Porto na sua vida social e económica. Como mencionado anteriormente, o vinho chegava a Vila Nova de Gaia pelo rio Douro em embarcações denominadas barcos rabelos. Estes barcos eram uma peça fundamental da economia e da cultura da região, desempenhando um papel crucial no comércio. Na época em que a navegação fluvial era a principal forma de transporte de mercadorias, os barcos rabelos foram pensados e construídos especialmente para enfrentar as condições desafiadoras do rio Douro. Esta técnica de construção naval, que remonta ao século XVIII e XIX, era um testemunho da engenhosidade dos

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1046/>

construtores navais locais e da necessidade de enfrentar o percurso íngreme e rochoso do rio:

«Dimensões compreendidas entre os 19 e os 23 metros, era erguido através de tábuas sobrepostas, com um fundo chato e vela quadrada. Em média, era possível transportar em cada barco até 100 barris de Vinho do Porto. E a tripulação aventureira desempenhava, também, um papel fundamental: constituída normalmente por 12 homens, eram eles que faziam a diferença quando o barco era apanhado na corrente enfurecida das águas do Rio Douro. Aqueles marinheiros, homens de coragem, davam nomes religiosos aos seus barcos numa prova de fé que, assim, confiavam os levariam a porto seguro.»  
(Agenda Cultural do Porto, 2020 p. 1)

Atualmente, tornou-se um símbolo incorporado em valores de identidade e memória presentes na história do vinho e conseqüentemente na narrativa da região e das cidades do Porto e Vila Nova de Gaia.

Passando das perigosas e encantadas águas do nosso Douro, chegamos às ruas do Porto e de Vila Nova de Gaia que o viram escoar pelo mundo. Parece-nos pertinente referir-nos à maravilhosa toponímia relacionada com o vinho do Porto presente nestas cidades. De facto, a toponímia carrega consigo fragmentos do passado, histórias, mitos, lendas e tradições locais, sendo a guardiã das memórias coletivas e contribuindo assim para a preservação da identidade cultural. Invocamos as cidades do Porto e Vila Nova de Gaia, onde existe um número elevado de arruamentos com designações ligadas à história do vinho. Encontramos ruas como a Rua Ferreira Borges, nomeada em homenagem ao conhecido negociante de vinho do Porto, António Bernardo Ferreira Borges, que teve um papel significativo no desenvolvimento económico da região; e a Rua Barão de Forrester, em referência a Joseph James Forrester, um renomado engenheiro, viticultor e cartógrafo inglês que desempenhou um papel vital no desenvolvimento da viticultura no Vale do Douro. Infelizmente, Forrester encontrou um trágico destino ao falecer afogado numa das zonas mais perigosas do rio, conhecida como Cachão da Valeira.

Para além da toponímia, encontramos designações relacionadas com a história do vinho em vitais infraestruturas. É o caso da nova ponte a ser construída e que liga as duas margens do rio Douro, cujo nome atribuído foi «Ponte Ferreirinha» em homenagem a Dona Antónia Adelaide Ferreira, uma figura histórica proeminente na produção de vinho do Porto. Dona Antónia Ferreira, também conhecida como "Ferreirinha", foi uma empresária do século XIX, uma das maiores produtoras e exportadoras de vinho do Porto da época. Segundo o Jornal JN (2023):

«Numa votação promovida pelos municípios do Porto e Vila Nova de Gaia, pelo Ministério do Ambiente e Ação Climática (que tutela a Metro do Porto) e pelo Jornal de Notícias, havia outros cinco nomes propostos: ponte da Boa Viagem, ponte Douro, ponte da Boa Passagem, ponte da União e ponte Engenheiro Joaquim Sarmento. A ponte da Ferreirinha (...) ganhou com 45% dos votos sendo a sua escolha realizada por cinco homens que compuseram a comissão de seleção: os historiadores Amândio Barros e Hélder Pacheco, o jornalista e investigador Germano Silva, o engenheiro civil Humberto Varum e o músico Rui Veloso.» (Jornal JN, 2023, p. 1)

De facto, o património do vinho do Porto transcende a taça, conectando-se à identidade e à história de Portugal. Ligadas ao património imaterial, as cantigas populares durienses refletem a presença e o encanto pela cultura da vinha. Estas melodias, passadas de geração em geração, capturam de forma vibrante a essência da vida dos viticultores durienses, refletindo tanto a dureza do seu labor quanto a sua resiliência e capacidade de celebração. Ao ouvirmos estas canções, somos transportados para o coração das vinhas, onde cada nota e cada verso contam histórias de dureza, dedicação e paixão. Eis algumas estrofes das “vínicas” canções que expressam o quotidiano das gentes alto-durienses no primeiro terço do século XX:

«Quando começam as vindimas, /Só se vêem trouxas de couro, /Não há vida mais bonita/Que as vindimas do Douro. / Debaixo desta ramada/Cheira a

cravos que rescendem. /Diga-me a minha menina/Se estas uvas se vendem.»  
(Costa, 1997, p. 291)

«A Senhora dos Remédios, / Vê-la, vem p'lo Douro acima, / C'uma cestinha no  
braço, / Fazer a sua vindima. / Chora a videira, / A videirinha chora, / Pelo meu  
amor/ Que se vai embora». (Costa ,1997, p. 291)

«Fica-te embora, ó Doiro, / Com tuas casas caiadas, / Que eu vou para a  
minha terra / Ver as minhas defumadas. / Fui ao Doiro à vindima, / Não achei  
que vindimar: / Vindimaram-me as costelas.../ Foi o que eu fui lá buscar! / Fui  
ao Doiro à vindima, / Não achei que vindimar: / Encontrei uma menina, / Com  
ela hei-de casar.» (Costa, 1997, pp. 295-296)

Não podíamos fechar este capítulo dedicado ao património do vinho do Porto sem mencionarmos a Estação de São Bento no Porto, cuja conjunto de painéis azulejares retrata não apenas momentos históricos, mas também a profunda ligação da região Entre Douro e Minho com a tradição vinícola, celebrando as vindimas e a herança cultural que moldou a identidade desta terra.

Localizada no coração da cidade do Porto, esta estação é uma verdadeira joia da arquitetura ferroviária, conhecida não apenas pela sua importância histórica e funcional, mas também pelo seu magnífico conjunto de azulejos. Estes azulejos, que cobrem as paredes do átrio principal da estação, foram criados pelo célebre artista Jorge Rey Colaço e produzidos e assentados entre 1905 e 1915 (Fernandes, 2010, pp. 56-57). Ao todo, mais de 20.000 azulejos retratam a história e a cultura de Portugal de uma maneira única e visualmente deslumbrante.

Entre as muitas cenas históricas representadas, dois painéis destacam-se pela sua conexão com a rica tradição vinícola da região do Douro: a representação das vindimas e o transporte da uva através dos barcos rabelos. Trata-se de uma representação em homenagem ao ciclo anual da vinha, que tem sido uma atividade essencial para a economia e a cultura da região há séculos. Nos azulejos, vemos homens e mulheres no labor das vinhas, colhendo uvas em cestos de verga, numa

atividade que envolve toda a comunidade local (Fernandes, 2010, p. 64). Os azulejos da Estação de São Bento não só embelezam o espaço, como também inspiram aqueles que passam por ali diariamente. Cada painel é uma janela para o passado, oferecendo uma visão idealizada das tradições, festas e trabalho árduo das gerações anteriores. A colheita das uvas, representada com tanto cuidado e detalhe, evoca o espírito de comunidade e a perseverança que caracterizam o povo duriense. Além disso, os azulejos também refletem a evolução das técnicas vinícolas ao longo dos tempos. Desde a colheita manual até ao transporte das uvas em barcos rabelo pelo rio Douro, cada detalhe é capturado com precisão. Este transporte era crucial para levar as uvas e o vinho desde as vinhas até aos armazéns de Vila Nova de Gaia, onde o vinho envelhecia antes de ser exportado para os mercados mundiais. Esta ligação entre a arte dos azulejos e a história da vinha não é meramente decorativa, mas um testemunho visual da importância desta indústria para o desenvolvimento da região e um verdadeiro laço entre duas tradições.

O Vinho do Porto, com uma rica história e um profundo enraizamento na cultura e economia da região do Douro, não é apenas uma bebida, mas um verdadeiro património cultural e histórico. Ao longo dos pontos anteriores, explorámos a evolução do Vinho do Porto desde os seus primeiros passos até a sua consagração como um dos vinhos fortificados mais renomados do mundo. A análise das tradições vitivinícolas, das técnicas de produção e das práticas de envelhecimento revelou um legado de inovação e preservação que moldou a identidade da região.

O património do Vinho do Porto está intrinsecamente ligado às paisagens pitorescas do Douro, onde as vinhas em socalcos e as quintas históricas contam histórias de dedicação e resiliência. Cada garrafa encapsula a essência de uma tradição que sobreviveu a séculos de desafios, adaptando-se às mudanças enquanto mantém viva a sua singularidade.

Ao refletirmos sobre este património, reconhecemos a importância económica e social deste néctar e também o seu papel como símbolo da herança cultural da região. Através da sua história, das suas técnicas de cultivo e produção, do seu impacto

na comunidade regional e local, o Vinho do Porto emerge como um testemunho vivo da capacidade humana de criar, preservar e inovar. Brindemos com Porto!!

## **2. A História Local**

Introduziremos este tema através de uma pertinente interrogação do autor Francisco Ribeiro da Silva (1999): «num universo quase ilimitado em extensão, numa era em que as viagens espaciais deixaram de ser uma fantasia e se tornam realidade ao alcance de muitos, justificar-se-á ainda que se gaste tempo a falar da história dos microcosmos que são os pequenos espaços? Porquê e, sobretudo, para quê a História Local e Regional?» (Silva, 1999, p. 383)

Passaram 25 anos e a interrogação ainda continua muito pertinente. Podemos responder e afirmar de imediato que a História está centrada no ser humano e que a vida de cada pessoa se desenvolve nos pequenos espaços onde vive, trabalha, circula, sendo evidente o vínculo de empatia. É nesse âmbito que cada indivíduo se integra e se realiza, envolvido numa família e numa comunidade. É verdade que a afinidade com a terra é uma razão válida para o estudo da História Local, pois o afeto torna-se mais profundo e significativo quando assente no conhecimento. Conhecer a História da sua própria terra permite um sentimento mais consistente e fundamentado. No entanto, esta é apenas uma das várias e possíveis razões para o estudo da história local e regional.

Ribeiro da Silva (1999) defende que a história local é essencial para a compreensão da história nacional. Argumenta que, ao investigar detalhadamente as dinâmicas sociais, económicas, políticas e culturais das comunidades específicas, os historiadores podem obter perspetivas valiosas que frequentemente são negligenciadas nas narrativas históricas mais amplas. Para o historiador, a história local enriquece o entendimento da macro-história, assim como proporciona uma visão mais completa e diversa sobre os processos históricos, revelando as complexidades e particularidades das experiências humanas em diferentes contextos. (Silva, 1999, p.

383-386)

De facto, os dias atuais estão repletos de desafios, especialmente para os docentes. Entre as múltiplas preocupações, como o domínio do conhecimento científico, a escolha dos conteúdos a lecionar, a gestão do tempo (o grande “obstáculo”), a seleção de recursos, a planificação e organização das aulas, e os instrumentos de avaliação dos alunos, frequentemente negligenciamos um dos mais importantes propósitos da disciplina de História: a sua função social. Esta sua função liga-nos de imediato ao contexto escolar e conseqüentemente a grande questão: Qual a função pedagógica da história local?

Ribeiro da Silva responde a esta questão:

«desenvolve a consciência cívica da necessidade de integração e intervenção na vida da comunidade (...) desperta o amor inteligente à terra e ajuda a explicar a sentido profundo das coisas e atitudes (...) ajuda a perceber que uma nação é um todo feito de partes». (Silva, 1999, p. 386)

A mesma perspectiva partilha Luís Alberto Alves (2014) acrescentando:

«A História, sempre num quadro curricular o mais interdisciplinar possível, pode e deve cumprir a função social e individual de inserir os jovens nas heranças culturais das comunidades em que vivem. (...) Está reservado à História o papel de abrir caminho para o aluno desenvolver o seu processo de construção pessoal que desague numa consciência histórica que exercite a sua cidadania na defesa de um património que também lhe pertence e que espera dele a capacidade de o conhecer-proteger-valorizar-divulgar e difundir.» (Alves, 2024, p. 70-71)

É notória a importância da História como uma disciplina que vai além do simples ensino de factos, sendo necessária uma abordagem interdisciplinar que visa essencialmente integrar os jovens nas heranças culturais das suas comunidades locais. Esta disciplina deve desempenhar um papel fundamental na formação da consciência histórica dos alunos, capacitando-os a exercer uma cidadania de forma informada e

ativa. Através deste processo, os jovens compreendem o património cultural a que pertencem e são motivados a protegê-lo, valorizá-lo e divulgá-lo. Falamos num ensino direcionado para a construção de identidades pessoais e coletivas, promovendo uma ligação profunda e significativa com o passado e, conseqüentemente, com o presente e o futuro da sociedade.

Perante tais factos surge-nos uma questão que nos parece pertinente levantar: Qual é o espaço disponível para a leção da História local dentro de um programa tão extenso como o da disciplina de História? De acordo com Pinto (2011), ao citar Cooper (1992), é destacado o desafio do tempo e do espaço na leção da História local, mas também é sugerida uma solução:

«Se é verdade que os extensos programas da disciplina de História não disponibilizam muito tempo para o detalhe, para a perspectiva local, para a discussão e a argumentação refletida – daí a posição ambivalente de tanto ser considerada uma disciplina aborrecida como um tema de entretenimento, superficial, intelectualmente pouco desafiador (Cooper, 1992) - também é possível, através da seleção de assuntos que poderão ser tratados no âmbito da História local, introduzir de forma interessante e adequada ao currículo a abordagem da educação patrimonial no âmbito da disciplina de História, recorrendo, por exemplo, a um museu local especializado ou mais generalista, ou a sítios históricos próximos da escola.» (Pinto, 2011, p. 138)

De acordo com Araújo (2017), o papel do professor de História vai muito além da simples transmissão de conhecimentos gerais, sobre acontecimentos globais e nacionais. A leção da história local reveste-se de uma importância singular, não só no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, mas também na criação de uma ligação mais profunda e pessoal com o passado que lhes pertence. De facto, a história local permite aos alunos compreenderem melhor o contexto imediato em que vivem, proporcionando uma perspectiva mais rica e significativa sobre a sua identidade e o seu lugar na comunidade (Araújo, 2017, p. 44). Quando os estudantes aprendem sobre a história da sua própria comunidade, eles podem estabelecer conexões

peçoais com os temas abordados, o que facilita a compreensão e a retenção da informação. Além disso, a história local pode fomentar um sentimento de pertença e orgulho, ao reconhecer a importância das contribuições e dos acontecimentos que moldaram o ambiente em que vivem (Araújo, 2017, p. 44).

No entanto, o programa curricular de História pode ser extenso e muitas vezes deixa pouco tempo para a exploração aprofundada da história local. Para contornar este desafio, os professores podem adotar diversas estratégias. Uma abordagem que achamos pertinente é a integração da história local em tópicos mais amplos do programa. Por exemplo, ao estudar uma revolução ou um período histórico, o docente pode destacar como esses eventos afetaram a região específica onde a escola está situada. Esta abordagem não só enriquece o conteúdo programático como também torna a aprendizagem mais relevante e significativa para os alunos. Outra estratégia é utilizar projetos e atividades práticas que envolvam a história local. A realização de visitas a museus locais, arquivos históricos e outros locais de interesse pode complementar o ensino e tornar a história mais próxima. Além disso, a colaboração com historiadores locais e a realização de entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade podem proporcionar uma perspectiva viva e autêntica da história local. No mesmo sentido, a tecnologia também pode ser uma aliada muito importante. Estamos numa era digital que é dominada e manuseada por jovens. Estas ferramentas digitais, plataformas de mapeamento histórico e recursos online, podem ajudar a integrar a história local de forma dinâmica e interativa no currículo. As redes sociais e blogs podem servir como plataformas para os alunos partilharem as suas descobertas e reflexões sobre a história da sua região, promovendo assim um envolvimento mais ativo com o tema.

### **3. A Educação Patrimonial: Herança de Ontem, Tesouro de Amanhã**

«Defender o património, em termos de futuro, passa, antes de mais, pela educação, pela sensibilização das jovens gerações para a preservação dos bens

patrimoniais que constituem suportes da memória coletiva nacional e do seu quadro de referências e valores. (...) Ora, a Escola desempenha um papel insubstituível nesta matéria, ao formar cidadãos conscientes das ações que devem empreender, ao nível local, relativamente à preservação do riquíssimo património cultural português.» (Manique & Proença, 1994, p. 54)

Muito se tem dito e escrito sobre o património. Mas, o que é isto do «património»? Segundo Maria Helena Pinto (2011), ao conceito de património são geralmente atribuídos valores de pertença que vão desde o pessoal e local até ao universal. A palavra tem sido frequentemente associada à ideia de "herança paterna" ou "bens de família" e, mais recentemente, à conceção de "bem cultural", adquirindo outros valores que a conectam a várias dimensões da cultura, particularmente ao edificado, que se impõe de forma imediata. (Pinto, 2011, p. 9)

Recuemos ao século XVIII, quando começou a emergir uma nova compreensão do património, que valorizava os monumentos e as obras de arte como testemunhos do passado coletivo. Esta mudança foi influenciada pelo crescente interesse pela história e pela antiguidade, levando à criação de instituições dedicadas à preservação dos monumentos históricos. No entanto, foi no século XIX que a Revolução Industrial trouxe consigo uma urbanização rápida e uma industrialização que ameaçavam destruir muitos vestígios do passado. Este período assistiu ao surgimento dos primeiros movimentos organizados de preservação do património, com a criação de sociedades de proteção dos monumentos e a implementação de leis de conservação. O trabalho de Eugène Viollet-le-Duc é notável neste contexto, com as suas restaurações de edifícios medievais em França a marcar um ponto de viragem na conservação do património (Choay, 2000, pp. 45-47).

De facto, verificamos que a ideia de património evoluiu e ganhou uma maior relevância, especialmente a partir do século XX, com a influência da *Nova História*, um movimento inovador surgido em França que procurava ampliar os horizontes da historiografia tradicional. Este movimento, associado à Escola dos Annales e aos historiadores como Fernand Braudel e Marc Bloch, enfatizava a importância das

estruturas sociais, económicas e culturais ao longo do tempo, em contraste com o foco anterior na narrativa dos grandes eventos e monumentos nacionais. Antes desse movimento, a História tendia a valorizar mais os grandes acontecimentos e os monumentos nacionais, negligenciando as experiências quotidianas e as histórias das populações comuns:

«Até à primeira metade deste século, praticamente, património cultural foi sinónimo de obras monumentais, obras de arte consagradas, propriedades de grande luxo, associadas às classes dominantes, pertencentes à sociedade política ou civil. Os prédios merecedores de cuidados especiais e exibidos eram os antigos palácios, residência de nobres ou locais onde aconteceram fatos relevantes para a História política de determinado local. A partir das décadas de 1920 e 1930, observou-se um alargamento significativo das possibilidades no campo do património. Esta mudança foi de grande importância, pois o património cultural passou a incluir «“[...] utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e formas de vida quotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõe a sociedade.» (Barreto cit. por Cardozo & Melo, 2015, pp. 1066-1067)

Nos tempos mais recentes, o conceito de património tem sido amplamente debatido e reavaliado. Pierre Nora introduziu o conceito de "lugares de memória", destacando a importância dos sítios, objetos e práticas que evocam memórias coletivas e que são essenciais para a identidade cultural de uma comunidade. Segundo Nora (1989), os lugares de memória são essenciais para a construção e manutenção da identidade cultural, funcionando como âncoras de memória coletiva que ajudam as comunidades a manterem uma ligação com o seu passado. (Nora, 1989, pp. 21-23)

David Lowenthal sublinha a subjetividade do património, argumentando que a forma como percebemos e valorizamos o património é moldada pelas nossas experiências pessoais e coletivas. Para Lowenthal (1999, pp. 41-42), o património é uma construção social que reflete os valores e as identidades de quem o preserva. O autor argumenta que o património não é um objeto estático, mas sim uma interpretação em constante mudança, moldada pelas necessidades e desejos das

sociedades contemporâneas.

Por sua vez, Maria Helena Pinto, explora a relação entre património e identidade nacional, destacando a importância do património na construção e manutenção da identidade cultural. A autora argumenta que o património é um elemento fundamental para a coesão social e para o fortalecimento dos laços comunitários, uma vez que permite às pessoas reconhecerem-se numa história comum e partilhada. Sublinha a importância da educação patrimonial como ferramenta essencial para a sensibilização e envolvimento das comunidades na preservação do seu património cultural. Pinto (2011) defende que a educação patrimonial deve ser integrada nos currículos escolares de forma transversal, incentivando o pensamento crítico e a valorização da diversidade cultural. (Pinto, 2011, pp. 137-141)

De facto, ambos os autores, levam-nos a refletir sobre a utilidade de uma disciplina como a História Local no currículo, uma vez que educação patrimonial é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e ativos, capazes de reconhecer e valorizar a riqueza do seu património cultural e de contribuir para a sua preservação e valorização. A educação patrimonial é um campo em crescimento que visa transmitir conhecimentos sobre o património e também fomentar uma maior participação cívica e uma gestão mais democrática dos recursos patrimoniais. Hugues de Varine, um dos pioneiros neste campo, defende que a educação patrimonial deve promover a participação ativa dos cidadãos na salvaguarda e gestão do património, indo além da mera transmissão de conhecimento (Varine, 1985, pp. 29-31). Varine argumenta que o envolvimento da comunidade na gestão do património pode levar a uma maior valorização e preservação dos recursos culturais. Sugere que a educação patrimonial deve ser vista como um processo contínuo de aprendizagem, onde os cidadãos são encorajados a participar ativamente na identificação, preservação e valorização do seu património cultural.

As diferentes abordagens sobre o património revelam a complexidade que ainda persiste sobre o próprio conceito. A visão tradicional, focada em bens materiais, é confrontada pela valorização das dimensões intangíveis e pela necessidade de uma

abordagem inclusiva e mais participativa. Smith (2006), critica a ideia de património como algo estático e universal, defendendo uma abordagem mais inclusiva, onde todas as vozes e histórias sejam reconhecidas. A autora argumenta que o património não é apenas um conjunto de objetos e lugares, mas sim uma prática cultural e social que envolve a negociação de significados e valores entre diferentes grupos e indivíduos. (Smith, 2006, pp. 11-13)

Por outro lado, a subjetividade do património, como defendida por Lowenthal (1985), sublinha a importância de uma abordagem crítica na educação patrimonial, que encoraje os alunos a questionar e a refletir sobre as suas próprias perceções e valores em relação ao património. A integração dessas perspetivas na educação patrimonial é essencial para fomentar um entendimento mais profundo e abrangente do património (Lowenthal, 1999, p. 214).

Assim sendo, consideramos que o património é toda a herança e legado deixados aos descendentes, que é necessário preservar, pois confere identidade e orientação a um povo. Mas não só, o património, seja no meio rural ou urbano, carrega consigo uma história que liga o passado ao presente:

«assume papel relevante e insubstituível enquanto referencial observável que permite obter respostas para muitas questões relativas às sociedades que nos precederam. Todo o meio, rural ou urbano, se situa no tempo, possui uma história, ainda que reduzida, pelo que objetos e construções atestam as existências anteriores, são os laços diretos do passado com o presente [...].»  
(Manique & Proença, 1994, p. 55)

Através desses objetos e construções, os indivíduos entendem seu passado, vivenciam o presente e conseguem projetar o futuro. De facto, o património é o resultado das ações humanas, podendo manifestar-se tanto em vestígios materiais, como edifícios históricos, quanto em elementos imateriais, como tradições, lendas e canções. Assim, podemos distinguir entre património material e imaterial:

«O Património material ou tangível; aquele que tem extensão e ocupa espaço, podendo ainda classificar-se, quanto à sua mobilidade, em bens móveis ou bens imóveis. Por sua vez, o Património imaterial ou intangível é constituído pelo conjunto de bens patrimoniais que não têm suporte físico que lhes dê a materialidade e que existem a partir das manifestações efémeras.» (Mendes, 2015, p. 5)

Segundo Mendes (2015), o património material inclui o património agrícola, arqueológico, arquitetónico e da construção, artístico, científico e tecnológico, documental e bibliográfico, das energias, industrial e mineiro, natural, dos transportes e comunicações, entre outros. Por outro lado, o património imaterial abrange as danças, festas e rituais, a música, a gastronomia, a língua e a literatura. (Mendes, 2015, p. 5)

No entanto, as noções de património material e imaterial estão profundamente interligadas e frequentemente se cruzam de formas que enriquecem a nossa compreensão e apreciação do legado cultural e histórico. Por exemplo, a região do Alto Douro Vinhateiro reveste-se de um património material que abrange paisagens, vinhedos e técnicas agrícolas ancestrais. Esta região está frequentemente associada a festas e festividades tradicionais, como a Festa da Vindima, que celebra a colheita das uvas e é uma expressão do património imaterial. Estas celebrações incluem danças, música e gastronomia local, refletindo a cultura e as tradições que sustentam a produção de vinho. Da mesma forma, os métodos tradicionais de vinificação, como a utilização de prensas de uva antigas e barricas de carvalho, são parte do património material. Estes métodos estão intimamente ligados ao saber-fazer e às técnicas transmitidas ao longo das gerações, que constituem o património imaterial. O conhecimento sobre como produzir e apreciar vinho é um elemento fundamental da cultura vinícola, que se preserva através das práticas e dos costumes das comunidades vinícolas.

Uma das principais entidades dedicadas à gestão, preservação e conservação do património é a UNESCO. Além da sua atuação no campo cultural, a instituição

promove a cooperação internacional em áreas como educação, ciência e comunicação. A criação de uma entidade deste tipo tornou-se necessária após a Segunda Guerra Mundial, durante a Conferência das Nações Unidas realizada em Londres, em 1945. As quarenta e quatro delegações presentes decidiram fundar uma organização que promovesse uma verdadeira cultura de paz, com o objetivo de estabelecer a solidariedade intelectual e moral da humanidade e, assim, prevenir uma futura guerra mundial. A carta que instituiu a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), assinada por trinta e sete países, entrou em vigor no ano seguinte, em 1946, após a confirmação de vinte nações. Em 1972, a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural elaborou um documento de que resultaram princípios e definição que moldaram os conceitos de património natural e património cultural:

É considerado património natural:

«Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural.» (Convenção da UNESCO, artigo 2.º, 1972)

Quanto ao património cultural, encontra-se dividido em três categorias: Monumentos, Edificações e Sítios:

«Os monumentos. – Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excecional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excecional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.» (Convenção da UNESCO, artigo 1.º, 1972)

Assim, ao falarmos de património natural, estamos a referir-nos a áreas protegidas como reservas e parques naturais. Por outro lado, o património cultural divide-se em duas categorias: material e imaterial. O património cultural material pode ser subdividido em bens móveis, como manuscritos, documentos, artefactos históricos e obras de arte, e bens imóveis, que incluem monumentos, sítios arqueológicos e conjuntos arquitetónicos.

Como já constatamos, quando nos referimos ao património imaterial, incluímos lendas, costumes e tradições. Em 2003, esses elementos ganharam um novo destaque com a aprovação da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, durante a 32ª Conferência da UNESCO.<sup>3</sup> Esta convenção tem como principais objetivos salvaguardar e respeitar o património cultural imaterial; aumentar a sensibilização sobre a importância deste património a nível local, nacional e internacional, e promover o seu reconhecimento mútuo; bem como fomentar a cooperação e a assistência internacionais num mundo cada vez mais globalizado. Além disso, a UNESCO é encarregada de inventariar e classificar bens como património mundial, um património que não se limita ao país de origem, mas é uma preocupação de toda a Humanidade. Outra organização de destaque no que se refere ao património é o ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios). Com

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>

o objetivo de trabalhar na conservação e proteção do património cultural, este organismo está estreitamente ligado à UNESCO: «É a única organização não governamental global deste género, dedicada à promoção da aplicação da teoria, metodologia e técnicas científicas para a conservação do património arquitetónico e arqueológico.»<sup>4</sup>

Ao referimo-nos à gestão, conservação e preservação do património torna-se inevitável mencionar o ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios). Este organismo fundamenta o seu trabalho nos princípios estabelecidos na Carta de Veneza de 1964. Esta carta surgiu no contexto do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos e teve um papel crucial ao reafirmar a necessidade de restaurar e preservar os edifícios históricos a nível internacional. Cada país é responsável por adaptar e aplicar esses princípios de acordo com suas próprias tradições e cultura. A Carta de Veneza consolidou e atualizou os princípios fundamentais que já haviam sido estabelecidos pela primeira vez na Carta de Atenas de 1931, resultado das conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o restauro dos monumentos. Este documento de 1964 não só reafirmou a importância da preservação do património cultural, como também serviu de catalisador para impulsionar Portugal num movimento nacional voltado para a salvaguarda do seu património histórico e cultural. A influência da Carta de Veneza foi significativa, promovendo um maior reconhecimento e uma ação mais estruturada na proteção dos bens culturais em Portugal. (Moreira, 2006, p. 130)

Para além dos organismos, foram promulgadas importantes cartas que norteavam a gestão e conservação do património. Os anos de 1975 e 1976 foram marcados pela sua emissão. A primeira, a Carta Europeia do Património Arquitetónico, foi adotada pelo Conselho da Europa e visava fortalecer os laços entre os países da União Europeia para proteger e valorizar o património arquitetónico comum. A segunda, uma recomendação da UNESCO sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e a sua Função na Vida Contemporânea, focava na promoção de estudos

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.

interculturais e na troca de informações. Além disso, incentivava a sensibilização do público e, acima de tudo, a participação ativa das comunidades locais na preservação e valorização do património cultural.

Entre outras importantes publicações, destaca-se a Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas, emitida pelo ICOMOS em 1987. Esta carta direcionou a sua atenção para a preservação não apenas das grandes cidades, mas também das pequenas e dos centros ou bairros históricos que possuem um valor significativo tanto histórico quanto para a compreensão das tradições urbanas. O documento estabeleceu princípios, objetivos, métodos e instrumentos de ação para garantir a proteção e a qualidade das cidades históricas. O objetivo era promover a conservação dos bens, mesmo os mais modestos, que representam a memória coletiva da humanidade.

Em 1997, a Convenção Europeia para a Proteção do Património Arqueológico foi revista com o objetivo de reforçar a proteção deste património, reconhecendo-o como uma fonte crucial da memória coletiva europeia e um valioso instrumento de estudo histórico e científico. Esta revisão introduziu novas diretrizes para a identificação de bens patrimoniais e a implementação de medidas de proteção e conservação mais eficazes. Adicionalmente, destacou-se a importância do financiamento sustentável para a pesquisa arqueológica, assegurando recursos adequados para a recolha, análise e difusão de informação científica. A revisão também enfatizou a promoção da consciência pública sobre a relevância do património arqueológico, através de programas educativos e campanhas de sensibilização. Outro ponto crucial foi a intensificação dos esforços para prevenir a circulação ilícita de elementos do património arqueológico, estabelecendo mecanismos de cooperação internacional e melhores práticas legais. Por fim, a revisão incentivou a assistência técnica e científica mútua entre os Estados membros, promovendo a troca de conhecimentos e tecnologias avançadas no campo da arqueologia (Diário da República, 1997, Artigo 1.º, I Série, n.º 289).

A análise das resoluções destas Conferências e Convenções revela observações interessantes. Uma delas é perceber que as resoluções mais recentes abordam

questões que ultrapassam a mera preservação e conservação. Há uma crescente preocupação em potencializar o património como motor de desenvolvimento económico, reconhecendo-o como um recurso de interesse cada vez mais regional e local. Além disso, destaca-se a elaboração de programas educativos destinados a conscientizar a população sobre a importância do património cultural, que têm vindo a ganhar cada vez mais destaque. Estes programas não só visam aumentar a consciência pública, mas também fomentar um sentido de identidade e pertença nas comunidades, incentivando a participação ativa na preservação do seu património.

Outro aspeto relevante é o incentivo à cooperação internacional para a proteção do património cultural, promovendo o intercâmbio de boas práticas e conhecimentos entre países. A adoção de tecnologias avançadas para a documentação e conservação do património também é uma tendência crescente, facilitando a preservação digital e o acesso global à informação sobre estes bens culturais.

Por fim, a implementação de medidas para combater o tráfico ilícito de bens culturais é uma preocupação constante, com esforços contínuos para fortalecer a legislação e a fiscalização, assegurando a proteção do património contra atividades criminosas.

Em 2009, teve lugar em Viena o 4º Encontro do Fórum Europeu de Responsáveis pelo Património, que resultou na Declaração de Viena. Neste encontro, foi solicitado a todos os governos nacionais que reconhecessem o papel crucial do património na recuperação económica sustentável. Destacou-se a necessidade de incentivar o património como um ativo estratégico em três áreas fundamentais: económica, ambiental e sociocultural.

A Declaração de Viena não só sublinhou a importância da preservação patrimonial, mas também reforçou o valor dos bens patrimoniais durante um período difícil de recessão económica. Foi enfatizado que o investimento no património pode trazer inúmeros benefícios, sendo um método eficaz para impulsionar a economia e criar postos de trabalho:

«Considerando os benefícios do investimento em património a curto e longo prazo, [apela-se] à inclusão de um orçamento específico para a

conservação/reabilitação de edifícios e sítios históricos nas políticas nacionais de recuperação económica, na medida em que o património é um instrumento eficaz no relançamento da atividade económica e na criação de emprego.»<sup>5</sup>

Além disso, a declaração salientou a importância de integrar o património em políticas de desenvolvimento sustentável, promovendo uma abordagem holística que considere os impactos económicos, sociais e ambientais. A valorização do património cultural foi vista como uma forma de fortalecer as identidades locais e regionais, promover o turismo sustentável e incentivar a participação das comunidades na gestão e conservação dos seus próprios recursos culturais. Foi também destacado o papel do património na educação e na formação profissional, incentivando o desenvolvimento de competências especializadas necessárias para a sua preservação e valorização. A cooperação internacional e a partilha de melhores práticas foram consideradas essenciais para enfrentar os desafios comuns e maximizar os benefícios do património para o desenvolvimento sustentável.

Em novembro de 2016, decorreu em Cracóvia uma Conferência Internacional dedicada ao tema «Património Cultural face às ameaças e desafios contemporâneos: Programas e Planos de Ação». Este evento reuniu especialistas, académicos e representantes de diversas organizações internacionais para discutir a preservação do património cultural num contexto de rápidas mudanças globais e riscos emergentes, como alterações climáticas, conflitos armados e urbanização desenfreada. A conferência abordou vários tópicos relevantes, incluindo a proteção de sítios culturais ameaçados, a necessidade de políticas e estratégias de preservação mais eficazes, e o papel da cooperação internacional na salvaguarda do património cultural. Em 2017, como resultado das discussões e recomendações da conferência, foi elaborada a Declaração de Cracóvia. Este documento delineia diretrizes e ações propostas para enfrentar os desafios identificados e promover a proteção e valorização do património cultural a nível global.

---

<sup>5</sup> Declaração de Viena, 2009.

No que diz respeito a esta temática em Portugal, é essencial destacar o papel da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). Esta entidade é incumbida da gestão e preservação do património cultural no território continental. A DGPC tem a sua sede em Lisboa, mas conta com uma rede de serviços espalhados por todo o país, que inclui museus, palácios e monumentos. Antes da criação da DGPC, existiram organismos predecessores, como o Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAR), que agora está integrado na DGPC.

A DGPC é responsável pela pesquisa, estudo e divulgação do património móvel, imóvel e imaterial, bem como pela gestão do património edificado, incluindo o património arquitetónico e arqueológico. Entre as suas competências estão a conservação e restauro de grandes monumentos, bem como a gestão dos Museus Nacionais e dos bens classificados como Património Mundial da UNESCO. A DGPC coordena também a Rede Portuguesa de Museus, realiza o inventário e documentação do património imaterial e supervisiona a conservação e restauro de peças de património móvel e integrado. Além disso, a DGPC desenvolve projetos e iniciativas para a valorização e promoção do património cultural, assegurando a sua acessibilidade e integração na vida cultural e educativa do país. A entidade colabora com instituições internacionais e promove ações de sensibilização para a preservação do património cultural a nível nacional e global<sup>6</sup>.

Entre toda a legislação portuguesa sobre património, destaca-se a Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001)<sup>7</sup>, que sublinha o dever de todos em preservar e conservar os bens culturais que nos rodeiam. Esta lei estabelece vários parâmetros importantes para a categorização dos monumentos, que podem ser classificados como de interesse nacional, público ou municipal. Além disso, a Lei de Bases define princípios fundamentais para a proteção, valorização e gestão do património cultural, abrangendo não apenas monumentos e edifícios, mas também o património imaterial, como tradições e saberes populares. A lei implementa um regime de proteção e

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/1900-72871514-72869684>.

incentiva a participação ativa da sociedade e a colaboração entre entidades públicas e privadas na conservação e promoção do património. Preconiza ainda a criação de instrumentos de planeamento e gestão, como os Planos de Gestão de Património e as Inventarias de Património, que são fundamentais para garantir uma abordagem coordenada e eficaz na proteção e valorização dos bens culturais. Adicionalmente, a Lei de Bases do Património Cultural reforça a necessidade de ações de sensibilização e educação para o património, promovendo a sua integração nos currículos educativos e incentivando a consciência e o envolvimento da comunidade na preservação do património cultural para as gerações futuras:

«4- Um bem considera-se de interesse nacional quando a respetiva proteção e valorização, no todo ou em parte, represente um valor cultural de significado para a Nação.

5- Um bem considera-se de interesse público quando a respetiva proteção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de proteção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado.

6- Consideram-se de interesse municipal os bens cuja proteção e valorização, no todo ou em parte, representem um valor cultural de significado predominante para um determinado município.» (Lei de Bases do Património Cultural Português, 2001, p. 5811)

Alguns dos critérios estabelecidos para a classificação ou inventariação de bens culturais incluem o seu valor como testemunho simbólico ou religioso, bem como a sua relevância histórica, estética, técnica e material. Também são considerados a importância do bem para a investigação histórica ou científica e a sua contribuição para a memória coletiva, entre outros fatores.

Nas últimas décadas, Portugal tem investido fortemente na política de recuperação patrimonial. Através de uma crescente intervenção do Estado, das autarquias e de outras entidades, foram dados passos significativos na conservação,

recuperação e promoção dos bens patrimoniais. Este esforço tem sido fundamental para garantir a preservação do legado cultural do país e para a valorização do património histórico e artístico para as gerações futuras:

«(...) em 1999, o conjunto da administração pública gastou em cultura e lazer cerca de 1,2% do valor do PIB, o que corresponde a uma taxa média de crescimento anual, face a 1990, de 14% (INE, 2003). Comparativamente com alguns países europeus, apenas as administrações públicas da Suécia, do Luxemburgo e da Dinamarca, efetuaram, em 1999, despesas em cultura e lazer com representatividade nos respetivos PIB superiores à observada em Portugal (1,8%, 1,8% e 1,6%, respetivamente).» (Cardoso e Pereira, 2003, p. 110)

Atualmente, assistimos a um aumento significativo na promoção de projetos voltados para o património cultural por parte dos sucessivos governos, com iniciativas que visam valorizar e proteger a riqueza cultural de Portugal. No entanto, apesar dos indicadores positivos e das políticas implementadas, a análise de várias cidades portuguesas revela uma presença ainda limitada de serviços especializados em património. Esta situação sublinha a necessidade de um reforço e ampliação dos recursos e infraestruturas dedicados a esta área.

Constatamos que, enquanto no passado o conceito de património se restringia principalmente a monumentos e edifícios históricos, hoje em dia o entendimento do património evoluiu para incluir não só o património material, mas também o imaterial. Isto engloba tradições vivas, práticas culturais, festas, saberes e técnicas artesanais que são fundamentais para a identidade cultural de uma comunidade. Esta transformação no conceito de património reflete um reconhecimento mais amplo da herança cultural de um povo, que vai além dos aspetos tangíveis e se estende às manifestações culturais e sociais que perpetuam a memória e a identidade coletiva.

No entanto, mais importante do que as resoluções estipuladas nos acordos entre os governos é a responsabilidade individual na conservação e preservação do legado deixado pelos nossos antecessores. A sociedade desempenha um papel crucial na compreensão da importância do património cultural e tem o dever de transmitir

esse valor às gerações futuras. As populações locais, em particular, têm a responsabilidade de intervir no património que lhes é mais próximo, contribuindo para a sua preservação e manutenção a longo prazo. Neste contexto, a escola e os professores surgem como verdadeiros veículos de mudança, promovendo a educação e a sensibilização sobre o património cultural e incentivando a participação ativa na sua conservação.

### **3.1.O Património cultural na sala de aula (e fora dela)**

«A primeira linha de defesa do Património histórico-artístico situa-se nos bancos das escolas de todos os níveis, do escalão pré-primário até ao superior. Impõe-se, portanto, a integração graduada de matéria da especialidade nesses diferentes níveis como elemento da formação cultural e cívica do cidadão. (...) Caberá ao docente imaginar, adaptar e por em prática os processos ao seu alcance que considere mais adequados em cada caso individual ou em cada turma.» (Silva, cit. por Barbosa, 1998, p. 25)

Em colaboração com as autarquias e outras instituições, as escolas têm a capacidade e o dever de identificar o património que as rodeia, proporcionar aos alunos o seu conhecimento e fomentar a transmissão de informações sobre o mesmo. Só assim é que conseguimos despertar nos mais jovens a sensibilidade para a preservação do património, algo que é amplamente destacado nas convenções e colóquios internacionais que mencionámos anteriormente.

O património cultural, especialmente aquele que está mais próximo dos alunos, pode ser um recurso didático extremamente valioso, como salienta Maria Helena Pinto:

«Proporcionar aos jovens a experiência única do contato direto, vivencial, com diferentes tipologias de património e iniciá-los na leitura dos bens patrimoniais,

a níveis cada vez mais sofisticados, são práticas educativas com enormes potencialidades (...) Os objetos, em museus ou sítios históricos, podem tornar-se fontes de educação patrimonial e, nesse sentido, a aprendizagem de História não se realiza somente na sala de aula (...) Neste contexto, as atividades no âmbito da comunidade local podem constituir um método válido para a progressão das ideias dos alunos, desde um nível baseado na sua experiência quotidiana até conceitos históricos mais avançados.» (Pinto, 2011, p. 146)

Esta abordagem direcionada ao património de uma dada comunidade exige um compromisso e entusiasmo especiais por parte dos docentes, alunos, escolas e da comunidade envolvente. Embora seja relativamente fácil obter informações sobre monumentos nacionais amplamente reconhecidos, o património local oferece desafios únicos que demandam uma investigação mais profunda, envolvente e entusiasmante. A proximidade do património local torna a pesquisa mais relevante e impactante para a comunidade, permitindo uma conexão mais pessoal com a história e a cultura local. Além disso, a abordagem local pode fomentar um sentimento de identidade e pertencimento entre os alunos, ao reconhecer e valorizar os elementos culturais que fazem parte do seu quotidiano. As escolas têm a oportunidade de transformar o estudo do património em projetos práticos e interativos, como visitas a locais históricos, entrevistas com membros da comunidade e a criação de exposições escolares, o que enriquece a experiência educacional e promove uma maior valorização do património cultural.

Manique e Proença (1994) destacam que o trabalho em torno do património local, particularmente o património construído, não deve ser realizado de forma aleatória. Deve começar com a inventariação sistemática dos bens patrimoniais locais, seguindo-se a seleção dos elementos a serem estudados. Este processo envolve a observação e descoberta dos elementos selecionados, a formulação de perguntas e hipóteses, e a construção de redes explicativas. A pesquisa deve incluir a coleta de dados, o tratamento e a síntese das informações obtidas, bem como a divulgação dos resultados. Além disso, é importante avaliar esses resultados e formular novos

problemas para continuar a investigação. Este método estruturado, assegura uma compreensão mais completa do património local e fomenta o envolvimento ativo e a conscientização da comunidade sobre a importância e o valor do seu património cultural. (Manique & Proença, 1994, p. 60) É fundamental esclarecer que, ao explorar o património histórico, podemos sensibilizar os jovens para a importância da história do seu povo e das suas próprias raízes. O património tem, sem dúvida, o potencial de ajudar os alunos a distinguir entre o presente e o passado, permitindo-lhes compreender melhor essas épocas e, assim, preservar a sua identidade cultural.

Mas, afinal, o que entendemos por Educação Patrimonial? De acordo com Maria Horta, Evelina Grunberg e Adriane Monteiro, a Educação Patrimonial é definida da seguinte forma:

«Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Património Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspetos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.» (Horta et al., 1999, p. 4)

Este trabalho focado no património cultural deve ser conduzido de maneira objetiva e estruturada, seguindo diretrizes específicas e bem definidas. Cardoso e Pereira, fundamentando-se em estudos de outros autores, propõem várias dessas diretrizes que consideramos particularmente relevantes. Entre as linhas orientadoras sugeridas, destacam-se a necessidade de contextualizar o património dentro do seu ambiente histórico e social, a importância de envolver a comunidade local na conservação e na valorização do património, e a promoção de uma abordagem

interdisciplinar que integra conhecimentos de história, arqueologia, arquitetura e ciências sociais. Além disso, enfatizam a importância de adaptar as estratégias educativas às características e necessidades específicas de cada comunidade, garantindo que a educação patrimonial seja acessível e relevante para todos. Estas orientações visam preservar o património cultural e fomentar um maior entendimento e apreciação do mesmo por parte das novas gerações. (Cardoso & Pereira, 2003, pp. 113-114)

Compreendemos a Educação Patrimonial como uma prática educativa essencial para a transmissão de valores e conhecimentos de gerações anteriores para as atuais e futuras. É fundamental que este trabalho seja cuidadosamente planeado com base em objetivos específicos e direcionado especialmente para as camadas mais jovens. A Educação Patrimonial deve, portanto, ser integrada de forma sistemática nos currículos escolares e nas atividades extracurriculares, promovendo o envolvimento ativo dos alunos na preservação e valorização do património cultural.

Faria & Woortmann (2009), citando Bezerra, explicam de forma clara o papel da escola na Educação Patrimonial, destacando que as instituições de ensino têm a responsabilidade de criar um ambiente que favoreça o conhecimento e a apreciação do património local e nacional. Isso inclui a implementação de programas educativos que abordem a história, a cultura e as tradições, bem como a realização de atividades práticas, como visitas a museus e sítios históricos, projetos de pesquisa e colaborações com especialistas e comunidades locais. O objetivo é formar cidadãos conscientes e respeitosos em relação ao seu património cultural, garantindo que as futuras gerações possam continuar a valorizar e a preservar a herança que lhes foi legada:

«[...] educar é um ato político que visa a formação de sujeitos críticos que utilizem o conhecimento construído na escola para lutar pelos seus direitos. Esses direitos que incluem o acesso aos bens culturais são constituintes da cidadania. Isto posto, entendo que a escola forma cidadãos e não agentes do património cultural. Então, educação patrimonial é ... educação.» (Bezerra, cit. por Faria & Woortmann, 2009, p. 53)

Na mesma linha de pensamento, Cardoso e Pereira defendem «a importância que a escola deve, e pode ter, na preservação e divulgação do património cultural. Tem muita responsabilidade em transmitir às gerações vindouras, e nas melhores condições, o legado artístico-histórico das gerações anteriores.» (Cardoso & Pereira, 2003, p. 116) No entanto, neste aspeto, Manique e Proença aprofundam a discussão de forma magnífica, apresentando uma reflexão muito pertinente. Estes autores argumentam que, em vez de simplesmente levar o património para as escolas e salas de aula, é ainda mais crucial fazer com que as instituições escolares se aproximem do património. Eles acreditam que este método permite uma experiência mais enriquecedora e envolvente para os alunos, facilitando a compreensão e valorização do património cultural através da interação direta com os locais e contextos históricos. Perspetiva muito inspiradora e levado em consideração na nossa prática pedagógica em estágio:

«Não é o património que tem que vir à Escola, mas, ao contrário, é a Escola que deve ir ao encontro do património, torná-lo objeto específico de estudo, estabelecer diálogo entre a comunidade escolar e o meio envolvente, valorizar as realidades patrimoniais no contexto ambiental em que se inserem.» (Manique & Proença, 1994, p. 57)

Contudo, mais do que simplesmente levar os alunos a contactar com a sua História e o seu passado, é essencial que eles sejam impulsionados a construir as suas próprias interpretações das fontes históricas, a formular questões e hipóteses. A autora Maria Helena Pinto sublinha que o verdadeiro objetivo é desenvolver a capacidade crítica dos alunos, permitindo-lhes analisar e questionar as informações de forma autónoma. Assim, os alunos não apenas assimilam os conhecimentos, mas também se tornam ativos na construção da sua aprendizagem, o que promove um conhecimento mais profundo e significativo:

«O contato direto com artefactos e edifícios do passado é uma oportunidade para aprofundar conhecimentos sobre pessoas, lugares e acontecimentos, mas deve permitir algo mais que isto. Os alunos devem construir a sua interpretação sobre essas fontes históricas, relacionando-as com a sua aprendizagem no momento e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, mas também é desejável que eles formulem questões investigativas e hipóteses explicativas acerca do passado de um objeto, edifício ou sítio.» (Pinto, 2011, p.148)

Adotando esta perspectiva, é possível concluir que a Educação Patrimonial desenvolve nos alunos competências de compreensão histórica e fomenta atitudes e valores essenciais para uma cidadania ativa. Esta abordagem educativa fortalece os laços identitários e promove a preservação e conservação do património que os rodeia. Além disso, a Educação Patrimonial destaca a importância de conhecer e valorizar a história e a cultura locais, incentivando um sentimento de pertença e responsabilidade entre os estudantes. Este tipo de educação não só promove a apreciação do património cultural e natural, mas também encoraja práticas sustentáveis e o respeito pela diversidade cultural. Deste modo, os alunos tornam-se cidadãos mais conscientes, preparados para contribuir ativamente para a conservação do património para as gerações futuras.

Numa sociedade cada vez mais globalizada, é crucial sensibilizar os jovens, adultos do amanhã, para a preservação dos traços identitários nacionais, algo que pode ser alcançado através de políticas patrimoniais inseridas na educação, mais propriamente na escola. Consideramos que educar pelo património vai muito além de conhecer as suas diversas tipologias; é entender o desenvolvimento de cada património, promover os jovens a um contexto cultural mais elevado e significativo e oferecer uma instrução rica em elementos culturais.

Concluindo este ponto, refletimos sobre a importância da educação patrimonial no contexto escolar. Ao explorar a história local, os alunos aprofundam a compreensão das suas raízes culturais, aprendendo a valorizar o património que molda a sua comunidade. Essa abordagem incentiva os jovens a desenvolver um pensamento

crítico e analítico, permitindo-lhes questionar e avaliar as diferentes narrativas do seu passado. Além disso, a educação patrimonial promove a criatividade e a expressão individual, ao envolver os alunos em atividades e projetos com foco na sua região. Este tipo de educação ajuda os jovens a desenvolver um sentido de identidade e pertença, reforçando os laços com a sua comunidade e cultura. Também fomenta valores de cidadania, como o respeito e a responsabilidade, destacando a importância da gestão e preservação do património para as futuras gerações. De facto, a educação patrimonial na escola enriquece o currículo académico e forma cidadãos mais conscientes, informados e comprometidos com a preservação do seu património cultural. Ao reconhecer e valorizar a história local, os jovens tornam-se guardiões da sua herança e identidade, preparados para construir um futuro melhor.

## **4. Contexto de intervenção e de investigação**

Neste capítulo, iremos apresentar o contexto da escola onde trabalhámos, juntamente com informações relevantes sobre a mesma. Além disso, faremos a caracterização das turmas que participaram diretamente neste estudo.

### **4.1. Escola Secundária António Sérgio, Vila Nova de Gaia**

A prática de ensino supervisionada foi realizada na Escola Secundária António Sérgio, situada em Vila Nova de Gaia. A história desta escola remonta a 1884, com a fundação da Escola de Desenho Industrial Passos Manuel. Desde então, a instituição passou por várias transformações até 1955, quando se mudou para um novo edifício em Soares dos Reis, onde ainda hoje se encontra. Em 1978, adquiriu a designação de escola secundária, e em 1984 passou a ser conhecida pelo nome atual, em homenagem ao seu patrono António Sérgio (Torre do Tombo, Rede de Arquivos Escolares 1867/2010). A Escola Secundária António Sérgio é uma escola pública que oferece dois ciclos de ensino: o 3.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário. Desde 2012, é a sede do Agrupamento de Escolas António Sérgio, que inclui cinco jardins de

infância, cinco escolas de 1.º ciclo e uma escola com 2.º e 3.º ciclos (Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 2017, p. 129).

Todo o agrupamento foi alvo de obras no âmbito do Programa de Modernização do Parque Escolar, com intervenções significativas na própria sede do agrupamento para melhorar as instalações, uma vez que o edifício se encontrava em mau estado. Após a conclusão das obras, em 2010, a capacidade da escola aumentou para 66 turmas (CMVNG., 2017, p. 130). Além de poder acolher um grande número de alunos, a escola dispõe de outros espaços que a enriquecem, como uma excelente biblioteca e amplas áreas exteriores. Destacamos, sem dúvida, a biblioteca da escola, que se encontra em excelentes e modernas condições e oferece um catálogo vasto e diversificado para uma escola secundária.

No que diz respeito à oferta formativa, a escola disponibiliza todos os cursos científico-humanísticos de carácter geral, tais como Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades, e Artes Visuais. Normalmente, a escola também oferece aos alunos a possibilidade de frequentar cursos profissionais, embora esta oferta tenha vindo a diminuir nos últimos anos. A escola também acolhe um Centro Qualifica, destinado a quem já concluiu a escolaridade obrigatória, mas deseja continuar a sua educação ou formação (CMVNG., 2017, p. 96).

Este é já o segundo ano letivo em que o núcleo de estágio se mantém ativo. O ambiente no núcleo sempre se destacou pela colaboração e entajuda, o que proporcionou uma experiência muito positiva na iniciação à prática profissional. Esta continuidade deveu-se, em grande medida, à nossa orientadora cooperante a Professora Célia Gomes e à direção da escola.

## **4.2. As turmas**

As turmas que acompanhamos ao longo do ano letivo foram duas, uma de 11.º ano e uma de 12.º ano, todas elas na disciplina de História A.

Foi possível constatar que ambas as turmas, de 11.º e 12.º ano, apresentavam muitas dificuldades no que respeita à análise documental. É importante destacar que,

apesar de serem turmas do ensino secundário, os alunos demonstravam algumas dificuldades na expressão escrita, na elaboração de respostas de desenvolvimento e na integração da informação contida nos documentos nas suas respostas, assim como na adaptação às exigências da disciplina de História A.

A turma do 11.º ano destacava-se pelo seu empenho e participação ativa nas aulas. Os alunos demonstravam um interesse genuíno pelas aulas e respetivas atividades o que se refletia num bom aproveitamento generalizado. Além disso, a relação entre colegas e professores era marcada por respeito e confiança, criando um ótimo ambiente dentro e fora da sala de aula.

Por outro lado, a turma do 12.º ano apresentava uma dinâmica bem diferente. Havia um desinteresse generalizado pelas aulas, o que dificultava o progresso da turma como um todo. A relação entre os colegas era distante e pouco colaborativa, sendo notória a falta de coesão do grupo. A participação ativa nas aulas ficava limitada a um número muito reduzido de alunos, enquanto a maioria permanecia alheia às discussões e atividades propostas.

Em suma, de forma geral, os alunos destas turmas demonstraram grande receptividade às atividades que desenvolvemos no âmbito desta investigação. Desde o início do ano letivo, mostraram-se muito motivados com a possibilidade de realizar uma visita de estudo e outras atividades relacionadas com o património do Vinho do Porto, contribuindo assim para o sucesso deste estudo.

## **5. Metodologia de trabalho, instrumentos de recolha dos dados e apresentação e análise dos dados**

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados ao longo da investigação, com o objetivo de responder às questões iniciais. Para tal, detalhamos os instrumentos utilizados para a recolha de dados e as técnicas empregues na sua análise, apresentando-os e analisando-os em seguida, de forma a retirar as nossas conclusões.

## 5.1. Metodologia de trabalho e instrumentos de recolha dos dados

Como já tivemos oportunidade de observar, a história local e o património desempenham um papel crucial no contexto escolar, pois permitem que os alunos estabeleçam uma conexão mais profunda e significativa com a sua comunidade, desenvolvendo um sentido de pertença e responsabilidade em relação à preservação das suas tradições e valores.

Estamos situados em Vila Nova de Gaia, no coração do distrito do Porto. E qual é um dos grandes símbolos identitários da nossa terra? O Vinho do Porto – o néctar que encarna a alma da nossa região. Este vinho é a expressão de séculos de tradição e paixão. Os históricos armazéns de Gaia, onde o vinho amadurece com paciência e muita dedicação, são guardiões de um legado que se estende e “estagia” através do tempo. Cada cálice de Vinho do Porto é um poema líquido, narrando a história e o orgulho de Vila Nova de Gaia, um verdadeiro “rótulo” da nossa essência.

Neste sentido, o principal objetivo deste trabalho foi verificar até que ponto os alunos conheciam e valorizavam a história de um dos símbolos da sua terra. Houve vários momentos, nas duas turmas, em que foi possível abordar esta questão, através da planificação de aulas e atividades focadas neste propósito e da criação de diversos instrumentos de recolha de dados.

Assim, tivemos como meta inicial compreender se os alunos valorizavam ou não a sua História local, se tinham conhecimento sobre o que é o património cultural, se reconheciam o património da sua localidade e se estavam sensibilizados para questões relacionadas com a preservação, entre outros aspetos. Assim, considerámos importante questionar os alunos sobre alguns destes temas num primeiro questionário, cujos resultados poderemos apresentar mais adiante.

O primeiro questionário foi aplicado em sala de aula a ambas as turmas (11.º e 12.º anos) no dia 3 de janeiro de 2024, sendo realizado de forma anónima para garantir

total confidencialidade<sup>8</sup>. Assim, os alunos puderam responder de forma livre, sem receio de serem identificados, assegurando a autenticidade e espontaneidade das suas respostas. Optámos por realizar o questionário em formato impresso, tendo em conta as grandes vantagens que, na nossa opinião, este método oferece. Ao disponibilizarmos o questionário em papel, pretendemos que os alunos respondam durante a aula, garantindo assim a participação imediata de todos. Além disso, o formato impresso permite um controlo mais direto do processo de recolha de dados, assegurando que as respostas são dadas num ambiente controlado e sem distrações externas.

Refletindo sobre a sua estrutura, dividimos em dois grupos distintos. No primeiro, os alunos forneceram dados pessoais básicos, como sexo, idade, ano de escolaridade e localidade de residência, informações que ajudariam a contextualizar as suas respostas. Pretendia-se averiguar essencialmente qual o grau de pertença dos alunos ao concelho de Vila Nova de Gaia. No segundo grupo, o questionário explorou a relação dos alunos com o património cultural. Inicialmente, pretendíamos verificar o entendimento deles sobre o que constitui o património, oferecendo várias opções de resposta, desde obras de arte até paisagens. Os alunos também foram questionados sobre a importância que atribuem ao conhecimento do património da sua localidade, com a possibilidade de justificar as suas respostas. Foram convidados a identificar monumentos e locais de Vila Nova de Gaia que já tivessem visitado, o contexto dessas visitas e os aspetos que mais lhes chamaram a atenção. Além disso, o questionário investigou se o património de Vila Nova de Gaia já tinha sido abordado em alguma disciplina, pedindo detalhes sobre a matéria tratada. Por fim, chegámos às questões-chave do nosso questionário em que os alunos foram levados a refletir sobre a importância de estudar a história e o património local nas aulas de História e a partilharam o que sabiam sobre o vinho do Porto.

A aplicação do questionário foi complementada por uma atividade intitulada «Olha-me e comenta que sou eu!». Nesta atividade, os alunos observaram uma fotografia, não identificada, da Região do Alto Douro Vinhateiro e foram desafiados a

---

<sup>8</sup> Cf. Anexo 1.

elaborar um comentário sobre a imagem, abordando aspetos como a localização (se conhecida), os elementos naturais presentes, os sentimentos que a imagem lhes transmitia e, se já tivessem visitado o local, descreviam essa experiência. Caso não conhecessem o local, indicavam se gostariam de o visitar. Esta atividade final teve como objetivos averiguar o grau de conhecimento dos alunos sobre a região do Douro e estimular uma ligação emocional e pessoal dos alunos com o respetivo património.

Após o preenchimento do questionário, considerámos relevante questionar, oralmente, os alunos sobre o conceito de Património. Dessa forma, poderíamos avaliar o seu nível de conhecimento e antecipar o que esperar do questionário. Após um debate interessante, pedimos a cada aluno que se dirigisse ao quadro e escrevesse uma palavra relacionada com o conceito de património. As respostas foram bastante interessantes e serão analisadas por nós mais à frente.

Outro momento crucial foi a lecionação de uma aula intitulada «Filho do Douro, Protegido de Gaia: O vinho do Porto», dedicada à temática da história do vinho do Porto<sup>9</sup>. Considerámos que faria sentido dedicar 100 minutos a uma aula em que abordaríamos aspetos pertinentes ligados ao cultivo, produção, armazenamento, engarrafamento, personalidades marcantes, entre outros aspetos relacionados com a história deste precioso néctar. Para além disso, o objetivo era cativar os alunos, através de pequenas curiosidades, para o interesse pela história da região que residem ou frequentam, assim como prepará-los para uma visita de estudo.

De facto, a nossa vontade aliou-se à vontade que os alunos demonstraram em fazer uma visita de estudo e conhecer de perto uma parte dos aspetos abordados em aula. Pensamos: E se levássemos os alunos a conhecer o Alto Douro Vinhateiro? Começamos a pensar sobre roteiros, transportes e despesas. Infelizmente, devido às despesas que envolvia a deslocação e sendo alunos que, em grande parte, possui dificuldades económicas, não foi possível a sua concretização. No entanto, perdemos uma batalha, mas não perdemos a guerra! Se não conseguimos ir até ao Alto Douro terá de ser o Alto Douro a vir até nós!

Neste contexto, começámos de imediato a elaborar um roteiro de uma visita

---

<sup>9</sup> Cf. Anexos 2-3.

de estudo pelas cidades de Vila Nova de Gaia e Porto, selecionando um conjunto de locais e instituições relacionados diretamente com a história do vinho do Porto.

No dia 26 de abril de 2024, realizámos a visita de estudo com o objetivo de permitir aos alunos explorar a riqueza histórica e cultural de ambas as cidades, com um foco especial na relação com o vinho do Porto. O nosso dia começou no pitoresco cais de Vila Nova de Gaia, um local emblemático onde pudemos admirar a imponência dos barcos rabelos que, anteriormente, transportavam o vinho do Porto ao longo do rio Douro. A vista para o rio e para a paisagem ribeirinha foi verdadeiramente marcante e deu aos alunos uma visão clara da importância deste meio de transporte na tradição vitivinícola da região.

Após o passeio pelo cais, dirigimo-nos aos armazéns de vinho situados à beira rio. A empresa Ramos Pinto, com grande amabilidade, proporcionou aos alunos uma visita gratuita ao seu museu e armazém. Durante a visita, tivemos a oportunidade de conhecer a história fascinante da empresa, bem como o processo meticuloso de produção, cultivo e armazenamento do vinho do Porto. A visita guiada ofereceu uma visão detalhada das técnicas utilizadas e da evolução da produção do vinho, permitindo aos alunos compreender a importância económica e cultural deste produto para a região.

Em seguida, dirigimo-nos até à Feitoria Inglesa, onde nos concentrámos na parte exterior do edifício. Embora não tenhamos conseguido entrar, fornecemos uma explicação sobre a história e o impacto do edifício. Além disso, discutimos o papel crucial dos ingleses na cidade do Porto e no comércio de vinho do Porto, realçando a influência significativa que tiveram no desenvolvimento económico e cultural da cidade.

A nossa visita de estudo terminou na Estação de São Bento, um dos marcos arquitetónicos mais icónicos do Porto. Aqui, os alunos puderam apreciar os deslumbrantes painéis de azulejos que retratam cenas relacionadas com o vinho do Porto. Este momento teve como objetivo levar os alunos a compreender em o peso que o vinho teve na economia e na sociedade, refletido, também, na arte e na arquitetura da cidade.

Durante todo o percurso, os alunos foram acompanhados por uma ficha de trabalho fornecida no início da visita, que tiveram de preencher à medida que exploravam cada local<sup>10</sup>. Este guião de trabalho intitulado «Filho do Douro, Protegido de Gaia: Quem és tu Vinho do Porto?» teve o objetivo de reforçar o conhecimento adquirido e garantir que cada momento da visita fosse bem documentado e compreendido. O guião possuía um exercício para cada um dos lugares visitados, sendo dividido em três desafios. No primeiro exercício, sobre a Casa Ramos Pinto, os alunos deveriam preencher lacunas no texto com informações específicas, como o nome do fundador, o ano de fundação, as estratégias utilizadas para a expansão da marca e as inovações na promoção dos vinhos. Deveriam, também, completar detalhes sobre os antigos escritórios da Casa Ramos Pinto, agora um museu, e identificar os elementos exibidos lá, como painéis, esculturas, e outros objetos históricos. Já no segundo exercício, sobre a Feitoria Inglesa do Porto, os alunos respondiam a questões de escolha múltipla. Precisavam de identificar o século em que a Feitoria foi estabelecida, qual era o principal produto negociado, e qual o papel desempenhado pela Feitoria no comércio entre Portugal e o Reino Unido. Por último, no terceiro desafio, sobre a Estação de São Bento, os alunos resolveram um exercício de palavras cruzadas, preenchendo palavras relacionadas com a estação. Precisaram de identificar elementos como o nome das peças cerâmicas que revestem as paredes, o nome das embarcações usadas no transporte de vinho, a tarefa representada nos painéis da estação relacionada com o vinho, o nome do artista responsável pelos azulejos e a região famosa pela produção de vinho.

Na mesma linha de ação, e sempre pensando em formas divertidas e entusiasmantes de aprendizagem, decidimos a criar um *escape room* com a temática do vinho do Porto. É verdade, estamos numa época em que o *escape room* começa a surgir nos shoppings, nas ruas das grandes cidades, mas e na escola? Colocámos mãos à obra e empenhámos toda a nossa criatividade na elaboração desta atividade que seria significativa e marcante para os alunos. Intitulada «Porto Proibido», a nossa sala de escape foi cenário de um mistério ocorrido numa adega, onde os alunos seriam

---

<sup>10</sup> Cf. Anexo 4.

desafiados a resolvê-lo.

A atividade, ocorrida a 22 de maio de 2024, contou com a participação individual das duas turmas, sendo cada turma dividida em dois grupos de investigação. Na respetiva sala de escape, criámos um cenário representativo de uma adega com diversos ornamentos, maquinaria, utensílios e afins relacionados com o vinho do Porto. Como acontece em todos os *escapes room*, elaboramos um desafio que seria objeto de uma investigação por parte dos alunos. E qual seria o nosso mistério? Desvendar quem foi o raptor de Adriano Ramos Pinto e com ele o segredo do vinho do Porto. No início do jogo, a turma dividiu-se em dois grupos e cada um deles era responsável por pistas e enigmas diferentes. Os alunos foram confrontados com uma carta, fictícia, escrita por António Ramos Pinto, irmão de Adriano, em que explicava a situação do rapto. Para além disso, a sala continha pistas e enigmas que os levariam a determinados objetos e, conseqüentemente, à impressão digital e à fotografia do respetivo raptor. É de salientar que todos os enigmas e respetivas fotografias estavam diretamente relacionados com o universo do vinho e que exigia conhecimentos específicos que os alunos deveriam ter assimilado das atividades anteriores<sup>11</sup>.

Neste jogo, cada equipa recebeu uma pequena ficha orientadora que teria de ser preenchida ao longo ou ao final da tarefa<sup>12</sup>. A responsabilidade de completar esta ficha foi atribuída a um membro selecionado de cada equipa, sendo um documento fundamental, pois funcionava como uma orientação que ajudaria, posteriormente, outra equipa a descobrir a chave do mistério proposto.

A ficha exigia um elevado nível de concentração por parte dos alunos, uma vez que continha informações essenciais para a resolução do desafio final. O aluno responsável tinha de estar atento aos detalhes e às pistas que surgiam durante a atividade, anotando tudo de forma clara e precisa. No final, as anotações feitas seriam partilhadas com outra equipa, que teria de decifrar as pistas e encontrar a solução para o mistério. Esta dinâmica promoveu o trabalho em equipa e a atenção ao detalhe, visto que a ficha se tornou um elemento crucial para o sucesso na atividade. Assim, cada

---

<sup>11</sup> Cf. Anexo 6.

<sup>12</sup> Cf. Anexos 7-8.

equipa tinha um duplo papel: resolver a sua própria parte do desafio e contribuir para que a outra equipa pudesse desvendar o mistério com base nas informações registadas. Após todas as atividades elaboradas, considerámos pertinente a elaboração de um segundo questionário com o objetivo de avaliar o impacto das atividades realizadas ao longo do ano letivo no conhecimento e na compreensão dos alunos sobre a temática do património e da história local. Através deste inquérito, pretendíamos medir o progresso dos alunos, identificar lacunas de conhecimento e compreender como e que as atividades tinham influenciado a sua perceção e valorização do património local, nomeadamente, ligado ao vinho do Porto.

O segundo questionário foi aplicado em sala de aula a ambas as turmas (11.º e 12.º anos) no dia 29 de maio de 2024<sup>13</sup>. Tal como estipulado no primeiro questionário, manteve-se o anonimato dos alunos e o formato impresso, pelas razões anteriormente mencionadas, garantindo assim a participação de todos e a confidencialidade das respostas. O questionário está organizado em duas partes.

A primeira parte, intitulada «Dados Pessoais», visa recolher informações básicas dos alunos que respondem ao questionário. As questões incluídas neste grupo procuram identificar o sexo, idade, ano de escolaridade e a localidade de residência do aluno. Estas informações são essenciais para contextualizar as respostas e entender melhor o perfil dos alunos, permitindo uma análise mais segmentada dos dados recolhidos.

A segunda parte, «Relação dos Alunos com o Património», é mais extensa e detalhada, focando-se em compreender a perceção e o envolvimento dos alunos com o património cultural de Vila Nova de Gaia. A primeira questão desta secção procura entender o que os alunos consideram como Património, oferecendo várias opções que abrangem desde obras de arte e saberes tradicionais até festas populares e paisagens. Os alunos podem selecionar múltiplas opções, refletindo sobre a diversidade do conceito de património. De seguida, o questionário indaga se os alunos consideram importante conhecer o património da sua localidade, solicitando uma justificação para a resposta dada. Esta parte é crucial para compreender as motivações e o valor

---

<sup>13</sup> Cf. Anexo 12.

atribuído pelos alunos ao património local. Após isso, o questionário questiona sobre a participação dos alunos nas diversas atividades ao longo do ano letivo, relacionadas com a História do Vinho do Porto. As atividades mencionadas incluem as visitas aos locais, como a Feitoria Inglesa e os armazéns Ramos Pinto, bem como as experiências interativas como o Escape Room «Porto Proibido». Os alunos são convidados a avaliar a importância de cada atividade para o próprio conhecimento, fornecendo também justificações detalhadas.

O questionário prossegue com perguntas específicas sobre a satisfação dos alunos em relação a certas atividades, utilizando uma escala de concordância de cinco pontos. Por exemplo, há questões que avaliam a aula sobre a História do Vinho do Porto e a visita de estudo intitulada «Filho do Douro, Protegido de Gaia: Quem és tu, Vinho do Porto?». Nessas avaliações, os alunos foram solicitados a indicar o grau de concordância com as afirmações sobre a qualidade e a relevância das atividades, utilizando uma escala que varia de «Discordo totalmente» até «Concordo totalmente». Esta metodologia tenciona captar nuances na perceção dos alunos, indo além de um simples «sim» ou «não».

Além das avaliações quantitativas, o questionário inclui perguntas abertas, como aquelas que solicitam aos alunos que mencionem três aspetos novos que aprenderam sobre o vinho do Porto. Esta é a nossa questão-chave, uma vez que proporciona uma visão mais rica e detalhada sobre os impactos das atividades realizadas ao longo do ano letivo.

## **5.2. Apresentação, análise e interpretação dos resultados**

Este ponto tem como objetivo específico apresentar os dados recolhidos através dos diversos instrumentos aplicados aos alunos nas aulas em que foi abordado o tema em apreço. Além da apresentação estatística dos dados, poderemos também realizar um cruzamento entre eles, nomeadamente no que diz respeito às comparações entre os resultados das duas turmas.

O nosso principal objetivo será verificar se este trabalho com os

alunos produziu os efeitos desejados tanto para eles como para a professora estagiária, e se foi ao encontro das questões e expectativas iniciais.

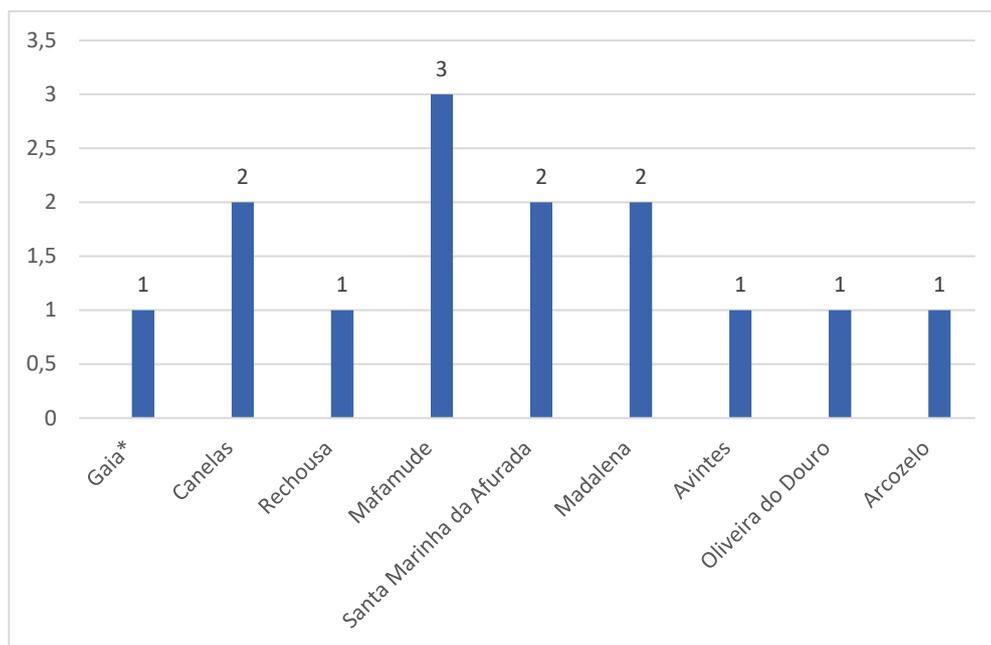
### **5.2.1. 1.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos)**

O primeiro questionário aplicado teve como principal objetivo recolher informações sobre as suas ideias prévias acerca da temática da História local e do património. Considerámos pertinente que, para garantir o anonimato e a confidencialidade dos participantes, o questionário foi desenhado de forma que não fosse possível estabelecer uma ligação direta entre as respostas e cada aluno individualmente. E, neste sentido, as respostas foram analisadas sem correspondência direta.

Este primeiro questionário foi respondido por um total de 39 alunos, sendo 14 da turma do 11.º ano e 25 da turma do 12.º ano, o que corresponde à totalidade dos alunos de cada turma. A participação completa de todos os alunos permitiu obter uma visão abrangente e representativa das suas ideias prévias sobre a História local e o património, assegurando assim a relevância dos dados recolhidos para o desenvolvimento do estudo.

No que respeita ao 11.º ano e no primeiro grupo do questionário, dedicado aos «dados pessoais», verificamos que nove inquiridos são do sexo feminino e cinco do sexo masculino. A maior parte dos alunos (cerca de oito) têm 16 anos, cinco têm 17 anos, um aluno tem 18 anos.

A questão sobre a freguesia de residência dos alunos despertou um interesse particular para nós. Após a análise, verificámos uma realidade que já não nos era totalmente desconhecida: a maioria dos alunos desta turma residia em freguesias do concelho de Vila Nova de Gaia. Destacamos as freguesias de Mafamude, Canelas, Santa Marinha da Afurada e Madalena. No entanto, destacamos que houve uma dificuldade significativa no preenchimento dessa questão, uma vez que a maioria dos alunos questionou o que era uma localidade. Um aluno chegou a preencher «Gaia», apesar de Vila Nova de Gaia não ser uma freguesia, mas sim um concelho.

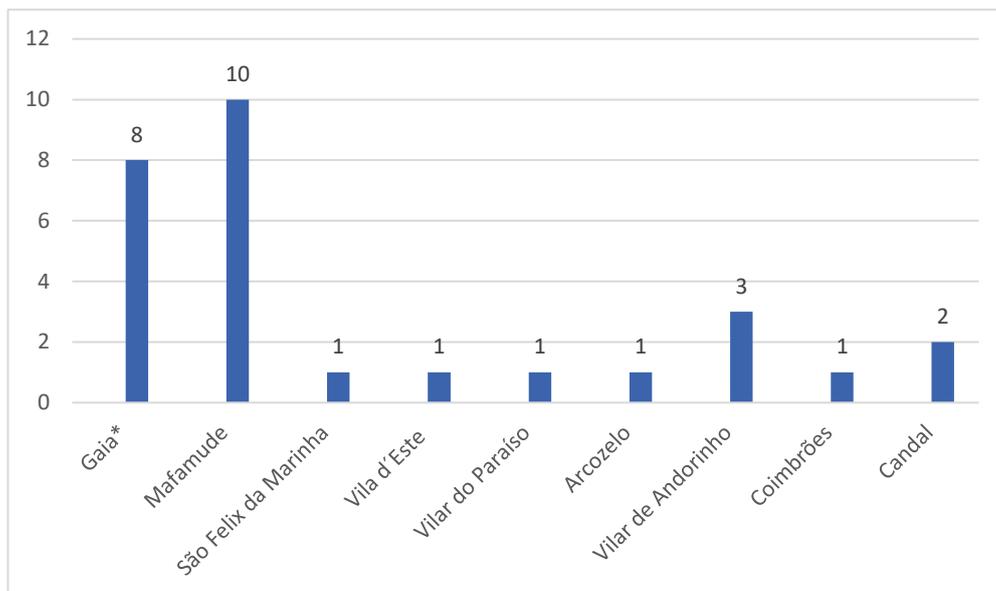


**Gráfico 1** - Freguesia de residência dos alunos do 11.º ano intervenientes no questionário.

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à turma de 12.º ano, apuramos que 14 inquiridos são do sexo masculino e 11 do sexo feminino. A maior parte dos alunos (cerca de 13) tem 17 anos, oito têm 18 anos, dois têm 19 anos, um aluno tem 16 e um tem 20 anos.

No que respeita à zona de residência destes 25 inquiridos, verificamos no gráfico abaixo, que a maioria dos alunos, tal como no 11.º ano eram provenientes de freguesias do conselho de Vila Nova de Gaia. Destacamos as freguesias de Mafamude, Vilar de Andorinho e Candal. Tal como o sucedido na turma do 11.º ano, houve uma dificuldade significativa no preenchimento dessa questão, uma vez que a maioria dos alunos questionou o que era uma localidade. Oito alunos chegaram a preencher «Gaia», apesar de Vila Nova de Gaia não ser uma freguesia, mas sim um concelho.

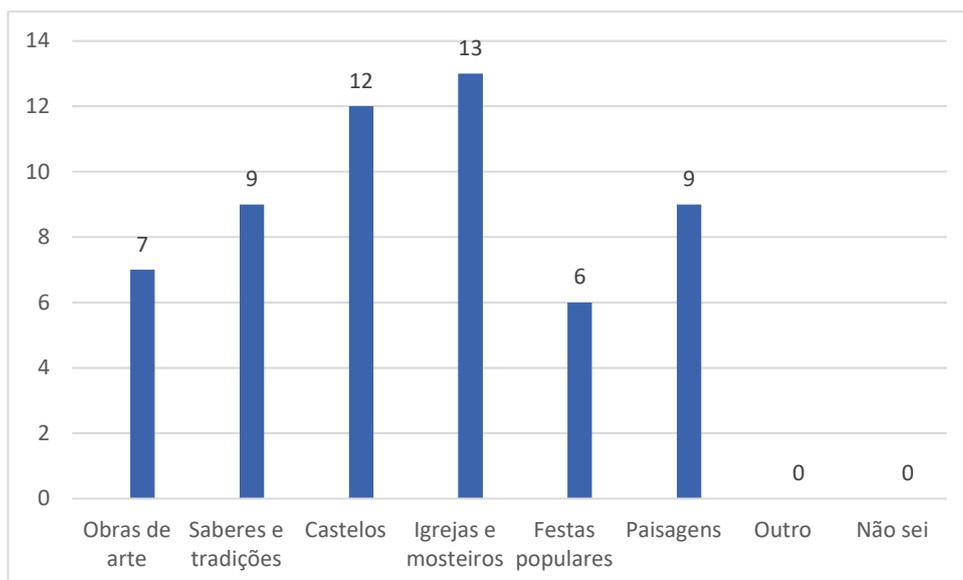


**Gráfico 2** – Freguesia de residência dos alunos do 12.º ano intervenientes no questionário.

Fonte: Elaboração própria.

A recolha dos dados sobre a residência dos alunos foi fundamental, pois permitiu confirmar que eles poderiam possuir um conhecimento prévio sobre o que seria abordado nas aulas. Desta forma, poderíamos suscitar mais facilmente um maior sentimento de pertença entre eles.

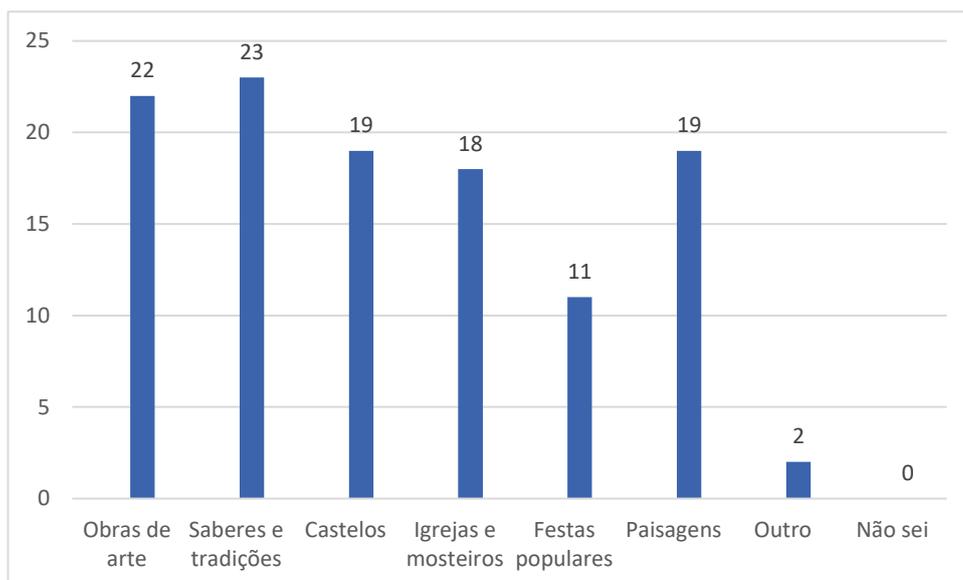
Em relação ao segundo grupo, já dedicado especificamente ao tema da História e património locais, a primeira questão pedia aos alunos para assinalarem o que consideravam ser património. No gráfico seguinte conseguimos obter algumas conclusões interessantes.



**Gráfico 3** – Resposta à questão: «O que consideras ser Património Histórico? Podes escolher mais do que uma opção» (11.º ano).

Mediante este gráfico, é perceptível que os alunos demonstraram conhecimentos pouco alargados em relação ao conceito de património ou, pelo menos, à variedade e tipos de património existentes. A grande maioria dos inquiridos da turma do 11.º ano considerou como património «Igrejas e mosteiros» e «Castelos». Apenas uma minoria dos alunos considerou como património as «Festas populares», os «Saberes e tradições». Um outro aspeto que despertou a nossa surpresa foi o facto que só sete inquiridos consideraram as «obras de arte» património. Ficamos espantados pelo facto de se realizarem, com regularidade, visitas de estudo, grande parte a museus, e de existir uma maior proximidade e sensibilidade dessas peças como património.

Observámos que a turma do 12.º ano apresentou respostas um pouco diferentes em comparação com a turma do 11.º ano. A maioria dos alunos do 12.º ano escolheu as opções saberes e tradições e obras de arte como património. Além disso, constatámos que um dos inquiridos escolheu a opção «Outro» e mencionou a «Culinária», enquanto outro optou por «Música» como património cultural.



**Gráfico 4** – Resposta à questão: «O que é que consideras ser património histórico? Podes escolher mais que uma opção» (12.º ano). Fonte: Elaboração própria.

Voltando ao 11.º ano, quando questionados se consideravam importante conhecer o património da localidade, dos 14 alunos inquiridos, 13 responderam «sim», enquanto um aluno respondeu «não». Quando lhes foi pedida a justificação da resposta, a maior parte associou o conhecimento do património da localidade à valorização e divulgação da região.

Apresentamos, de seguida, algumas das respostas apontadas pelos alunos, que categorizamos na «valorização e divulgação da localidade»:

*«Considero importante conhecer o Património Nacional uma vez que é importante para conhecer as nossas origens e culturas.»*

*«Para quando fizermos amigos ou até irmos de férias para fora da nossa localidade saber falar sobre o património da cidade.»*

*«Acho que é uma coisa importante já que faz parte da nossa localidade e é bom termos cultura geral.»*

*«Eu considero importante conhecer o património da minha localidade, porque é essencial ter pelo menos um pouco de sabedoria acerca dos costumes e tradições da região.»*

*«Para nós podermos conhecer o resto do mundo, temos que conhecer primeiro a nossa localidade.»*

Como percebemos, os alunos veem no conhecimento do seu património local uma forma de conhecer mais e melhor as suas origens e a sua localidade.

Categorizámos duas respostas como «conhecimento geral» porque considerámos que os alunos foram muito sintéticos na sua explicação, apontando aspetos vagos:

*«É importante conhecer o Património para termos mais conhecimento e é um incentivo para querer saber e conhecer mais.»*

*«É importante para o conhecimento»*

Numa vertente diferente, categorizámos uma resposta como «aprendizagem significativa» porque consideramos que este aluno foi um pouco mais longe no que respeita à reflexão em torno da questão:

*«O património de cada localidade permite conhecer as individualidades de cada região e aquilo que torna especial e atrativa aos locais e estrangeiros, contribuindo para o legado da história local.»*

Este(a) aluno(a), ao contrário da maioria, procurou explicar que o património de uma localidade, ou seja, os seus bens culturais, históricos, naturais e arquitetónicos, ajuda a revelar as características únicas de cada região. Segundo esta citação, ao olhar para esse património, é possível entender o que torna cada local especial e atrativo, tanto para quem vive lá como para os turistas e estrangeiros que o visitam. O/a aluno(a) quis ainda destacar que esse conjunto de elementos contribui significativamente para preservar a história e a identidade da região, assegurando que o seu legado seja transmitido às gerações futuras. Assim, o património não só valoriza a localidade, como também mantém viva a memória da sua cultura e tradições.

Num sentido oposto, a resposta «não» à questão foi justificada pelo inquirido da seguinte forma:

*«Não me dá mais dinheiro, nem muda a minha felicidade»*

Segundo esta justificação, está manifestado um desinteresse completo pelo conhecimento do património da sua localidade.

Quanto aos resultados retirados dos questionários do 12.º ano à mesma questão: «Consideras importante conhecer o Património da tua localidade?», constatámos que 22 inquiridos responderam «sim», dois responderam «não» e um inquirido assinalou «não sei». Quando lhes foi pedida a justificação da resposta, a maior parte associou o conhecimento do património da localidade à valorização e divulgação da região.

Apresentamos, de seguida, algumas respostas dos alunos, que categorizámos na «valorização e divulgação da localidade»:

<i>«Conhecer o património ajuda-nos a conhecer melhor o local onde vivemos e a dar mais importância a esse mesmo local.»</i>
<i>«Acho importante porque permite-nos conhecer mais sobre a história do local onde vivemos»</i>
<i>«Na minha opinião é importante conhecer o património da nossa localidade, pois devemos conhecer bem o local onde vivemos»</i>

Como percebemos, os alunos veem no conhecimento do seu património local uma forma de conhecer mais e melhor as suas origens e a sua localidade.

Categorizámos duas respostas como «conhecimento geral» porque consideramos que os alunos foram muito sintéticos na sua explicação, apontando aspetos vagos:

<i>«É sempre importante adquirir mais cultura geral.»</i>
<i>«Para ganhar mais conhecimentos.»</i>

Numa vertente diferente, categorizamos três respostas como «aprendizagem significativa» porque consideramos que estes alunos foram um pouco mais longe no que respeita à reflexão em torno da questão:

<i>«O conhecimento do património de uma localidade permite que se compreenda melhor o ambiente e seus habitantes.»</i>
<i>«Por um lado, ao conhecer o património da nossa localidade, absorvemos conhecimento e aprendemos sobre o lugar em questão. Isto faz com que tenhamos uma perspetiva diferente sobre o lugar e as pessoas.»</i>
<i>«Considero importante conhecer o Património da minha localidade para aumentar os meus conhecimentos sobre as minhas origens.»</i>

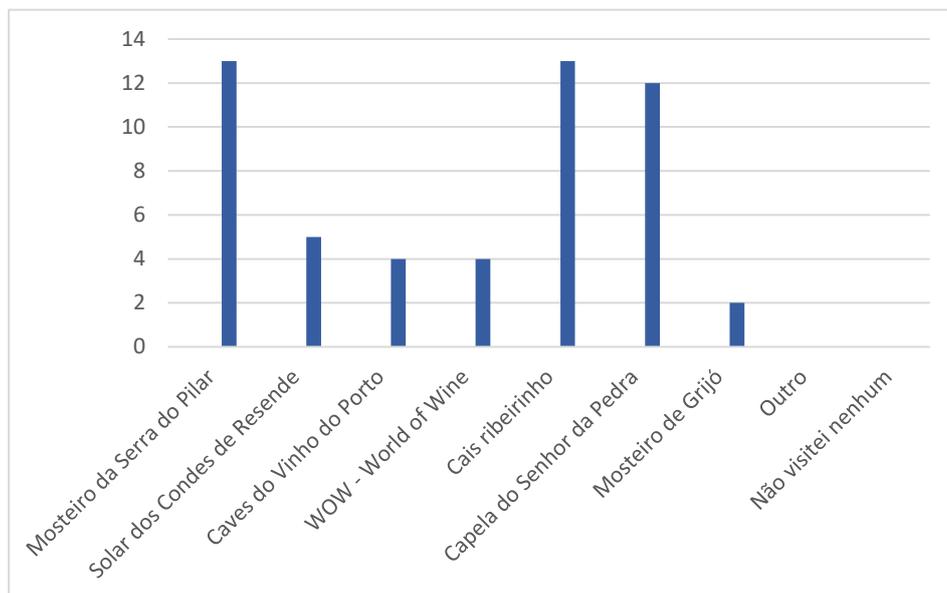
Estes alunos revelaram a compreensão da importância do património para sua aprendizagem, sobretudo na compreensão do presente através do passado. Colocaram o património local num patamar importante, não só para o conhecimento do passado, mas também para perceber certos acontecimentos e certas realidades presentes no seu quotidiano.

Como já referido, dois inquiridos responderam «não» à questão. Consideramos que seria pertinente citar as suas respostas:

<i>«Não é algo interessante de se saber»</i>
<i>«Não sei justificação, mas não me interessa saber porque todo parece ser a mesma coisa.»</i>

Segundo esta justificação, está manifestado um desinteresse por completo pelo conhecimento do património da sua localidade. Cabe ao professor tentar reverter esta situação.

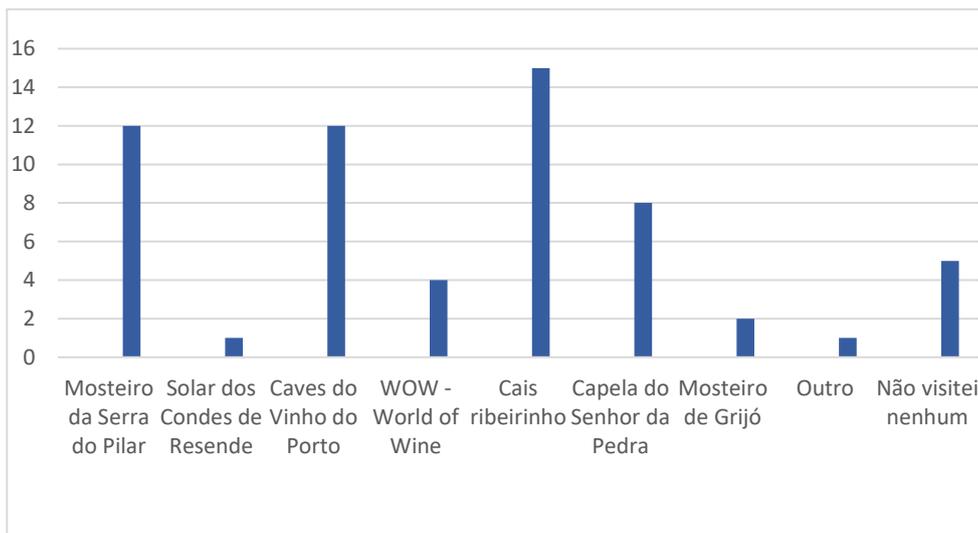
Relativamente ao conhecimento efetivo de património gaiense atestamos que os alunos do 11.º ano, na sua maioria (13), conhecem o Mosteiro da Serra do Pilar e o cais ribeirinho, seguido de 12 alunos que conhecem a Capela do Senhor da Pedra e cinco que dizem conhecer o Solar Condes de Resende. Só uma pequena parte dos inquiridos (4) dizem conhecer as Caves do Vinho do Porto, quatro inquiridos conhecem o WOW – World of Wine e dois alunos o Mosteiro de Grijó.



**Gráfico 5** – Resposta à questão: «Seleciona monumentos e locais do concelho de Vila Nova de Gaia que já tenhas visitado. Podes escolher mais do que uma opção.» (11.º ano). Fonte: Elaboração própria.

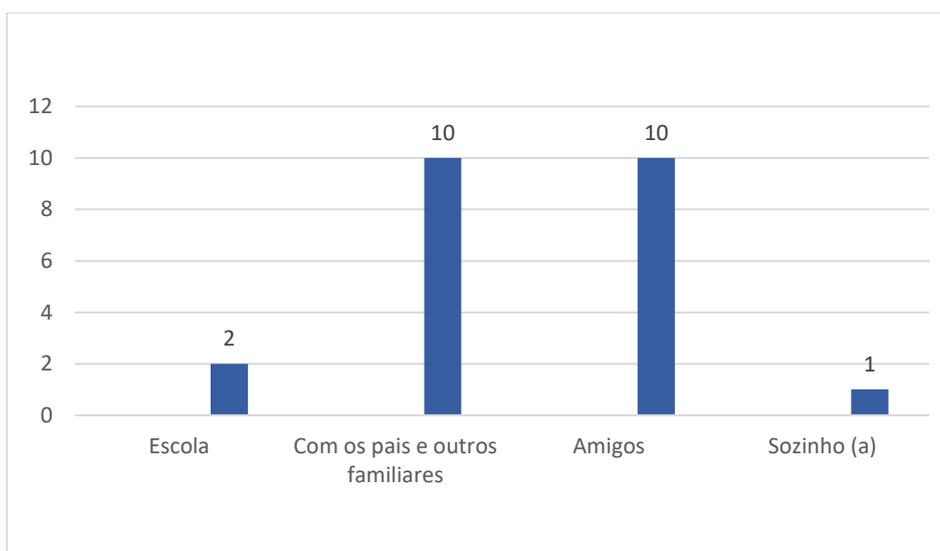
Quanto à turma do 12.º ano, constatamos que 15 inquiridos disseram conhecer o cais ribeirinho, 12 alunos assinalaram o Mosteiro da Serra do Pilar e o mesmo número as Caves do Vinho do Porto. Em menor número, oito alunos conhecem a Capela do Senhor da Pedra, quatro inquiridos dizem conhecer o WOW – World of Wine e dois alunos o Mosteiro de Grijó. Salientamos que cinco inquiridos assinalaram que não visitaram nenhum dos sítios. Interessante foi perceber que um aluno completou a opção «outro» disponível no questionário, onde considerou também como património o Convento Corpus Christi.

Foi com muita satisfação que verificámos que, de facto, a maior parte dos alunos já visitou pelo menos um dos monumentos presentes no questionário. Apenas cinco alunos, num universo de 39, afirmam não ter visitado nenhum dos monumentos e locais do concelho de Vila Nova de Gaia.



**Gráfico 6** – Resposta à questão: «Seleciona monumentos e locais do concelho de Vila Nova de Gaia que já tenhas visitado. Podes escolher mais do que uma opção.» (12.º ano). Fonte: Elaboração própria.

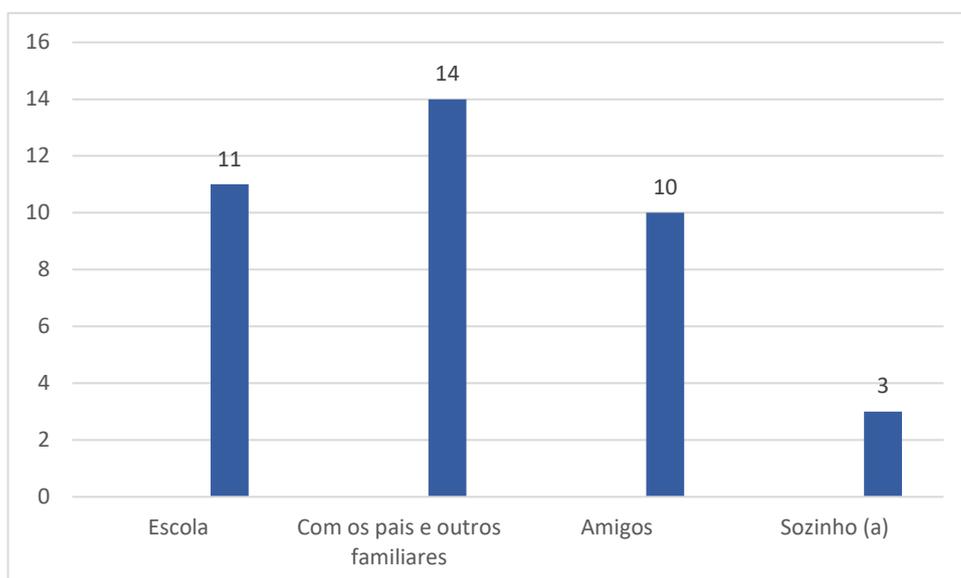
Neste campo, quisemos saber mais impressões dos alunos do 11.º ano sobre aquilo que visitaram. Grande parte dos alunos apontou que as visitas a esses monumentos e locais foram acompanhadas pelos pais e outros familiares assim como na companhia de amigos. Apenas dois alunos referiram que realizaram as visitas em contexto escolar.



**Gráfico 7** - Resposta à questão: «Em que contexto fizeste a(s) visita(s)?» (11.º ano). Fonte: Elaboração própria.

Quanto à turma do 12.º ano, constatamos resultados ligeiramente diferentes. Num universo de 25 inquiridos, 14 alunos apontaram que as visitas a esses monumentos foram acompanhadas pelos pais e outros familiares e 11 inquiridos afirmam que realizaram as visitas em contexto escolar.

Estes resultados deixaram-nos bastante satisfeitos, na medida em que reconhecemos a família como um fator determinante no acompanhamento e aproximação dos jovens ao seu património envolvente. Foi gratificante perceber que os familiares destes alunos os acompanham a visitas.



**Gráfico 8** – Resposta à questão: «Em que contexto fizeste a(s) visita(s)?» (12.º ano). Fonte:

Elaboração própria.

Sobre aquilo que lhes chamou mais à atenção no(s) monumento(s) visitado(s), 8 alunos pertencentes ao 11.º ano destacaram a arquitetura dos mesmos, a forma como foram construídos:

*«A arte/Decoração/Arquitetura»*

*«No cais ribeirinho foi o rio e arquitetura, na capela foi o mar ao lado da capela e o facto de ser no meio da areia.»*

*«A arquitetura, as cores e as marcas de antiguidade. E eu conheço o solar dos Condes de Resende desde pequena e gosto de toda a arquitetura de lá.»*

«A construção que marca o tempo em que foi construído, a arquitetura e decoração e o seu papel na história.»

Acrescenta-se que 2 alunos demonstraram uma sensibilidade e uma consciência crítica em relação ao estado de degradação social e ambiental dos locais visitados:

«A quantidade de venda de droga da parte de estrangeiros»  
«O exterior e como são feitos, o que também vi na capela foi bruxarias, lixo entre outras coisas por lá, o cais tem uma vista incrível.»

Em resposta à mesma questão, a turma do 12.º ano destacaram a paisagem envolta desses monumentos e a arquitetura dos mesmos:

«O facto de ter uma linda vista de os próprios monumentos serem bonitos e interessantes.»  
«As típicas formas de construção e a forma como os portugueses engrandecem as construções.»  
«Uma vez que já faz bastante tempo que não visito, não me lembro muito bem. Porém, lembro que a passagem era bonita.»  
«Os seus edifícios, decoração e história. Gostava muito de ver as obras e saber a sua origem.»

Regressando à análise dos resultados do 11.º ano, e quando lhes perguntamos se o património de Vila Nova de Gaia já havia surgido em aulas de alguma disciplina, a totalidade dos inquiridos (14) afirmou que o património gaiense já tinha aparecido em aulas. As disciplinas de História, Geografia e Português foram as referidas por 13 alunos. Um inquirido afirma que o património de Vila Nova de Gaia já foi abordado em alguma disciplina, mas não se recorda qual.

Em relação ao que foi estudado ou abordado, grande parte dos alunos respondeu ao pretendido, mas de forma muito superficial. Apurámos que os alunos que referiram ter abordado o património de Vila Nova de Gaia na disciplina de História mencionaram que isso ocorreu quando estudaram o Tratado de Methuen e o Museu do Vinho do Porto. Por outro lado, na disciplina de Geografia, os alunos indicaram que o património foi abordado no contexto das cidades-satélite e das economias locais.

No que respeita à turma do 12.º ano, esta questão foi respondida apenas por 13 inquiridos. Constatámos que, tal como ocorreu com a turma do 11.º ano, esta turma também destacou as disciplinas de História e Geografia como contextos em que o património de Vila Nova de Gaia foi mencionado. Adicionalmente, com menos expressão, houve também referências ao património na disciplina de Português e em Literatura Portuguesa.

Relativamente à matéria abordada, os alunos referiram que, na disciplina de História, o património de Vila Nova de Gaia foi mencionado quando estudaram o Cerco do Porto e, de forma mais ampla, ao longo das aulas sempre que se abordavam os monumentos importantes da cidade.

Procuramos saber se os alunos consideravam o património de Vila Nova de Gaia um bom recurso para as aulas de História. Na turma do 11.º ano, 12 inquiridos responderam positivamente e apenas dois responderam de forma negativa.

Como justificação da resposta, a maior parte dos alunos salientaram que o uso do património de Vila Nova de Gaia nas aulas de História pode contribuir para um maior conhecimento da região, como verificamos em alguns exemplos de categorização que fizemos:

<i>«Sim, pois é importante conhecer a cultura da nossa localidade.»</i>
-------------------------------------------------------------------------

<i>«Sim, para conhecer o património da nossa cidade.»</i>
-----------------------------------------------------------

<i>«Sim, para conhecermos aquilo que nos rodeia.»</i>
-------------------------------------------------------

<i>«Considero para conhecer melhor a nossa localidade e como ela se construiu»</i>
------------------------------------------------------------------------------------

De seguida, cerca de dois alunos focaram o património de Vila Nova de Gaia como um «motor» facilitador da aprendizagem:

<i>«Sim, pois ajuda na aprendizagem de conteúdos essenciais sobre a localidade em que os alunos se situam e a escola é das principais fontes de aquisição de conhecimento desde que uma pessoa nasce.»</i>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<i>«Acho importante estudar a história e o património de Vila Nova de Gaia para podermos conhecer a nossa cultura e os nossos antepassados.»</i>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Procurámos apurar quais seriam as respostas da turma do 12.º ano a esta questão. Como justificação da resposta, a maior parte dos alunos salientaram que o

uso do património de Vila Nova de Gaia nas aulas de História pode contribuir para um maior conhecimento da região:

*«Sim, para mim que sou imigrante considero muito importante para que eu possa saber a história e cultura de onde estou vivendo.»*

*«Sim, sempre é bom aprender sobre a História do nosso local de nascimento e isso»*

*«Eu acho que sim. O património de V.N.G é muito extenso e acho que deveria ser mais explorado e valorizado.»*

*«Sim. Da minha perspectiva, conhecer a história, a cultura, as tradições, etc, sobre um local é um conhecimento necessário.»*

De seguida, cerca de dois alunos focaram o património de Vila Nova de Gaia como um «motor» facilitador da aprendizagem:

*«Sim, uma vez que estudar a história nos ajuda a conhecer o passado da nossa cidade de V.N. de Gaia e o seu valor na História.»*

*«Sim, é importante que os habitantes saibam sobre o património local para entender melhor o seu meio e a história, é uma matéria que se relaciona muito com isso.»*

A última pergunta do questionário inquiria os alunos sobre os seus conhecimentos acerca do vinho do Porto, à qual todos responderam. Quatro alunos indicaram ter um conhecimento muito limitado, com dois deles a afirmarem que não possuíam qualquer informação sobre o tema. Em contraste, os restantes 10 alunos referiram aspetos como a região de origem das uvas utilizadas na produção do vinho e destacaram o facto de ser um produto reconhecido a nível mundial, vejamos algumas respostas:

*«É feito nas vinhas do Douro e não sei mais nada.»*

*«É muito conhecido no mundo pode e é fabricado nas vinhas do Douro»*

*«O vinho do Porto é dos mais conhecidos do mundo.»*

*«O vinho do Porto era considerado um dos melhores, senão o melhor vinho em séculos passados.»*

Verificámos a mesma situação na turma do 12.º ano, onde a questão foi respondida por todos os inquiridos (25). Cerca de 11 alunos afirmarem que não possuíam qualquer informação sobre o tema, aparecendo respostas como «nada»; «não sei» «não sei nada». Doze alunos mencionaram aspetos relacionados com o

armazenamento e a comercialização do vinho, destacando também o facto de ser um produto mundialmente reconhecido, vejamos algumas das respostas:

<i>«Portugal é mundialmente conhecido pelos seus ricos vinhos, seja pelo: gosto, história ou até mesmo as maneiras de fabricação.»</i>
<i>«Sei que o vinho do Porto é considerado o melhor vinho a nível mundial, que é um vinho puro sem passar por muitos procedimentos, onde o diferenciam dos outros.»</i>
<i>«O vinho do Porto, tal como o nome indica, teve a sua origem no Porto, tendo uma parte da sua indústria “ali” perto das devesas é algo que também inclui V.N. de Gaia. É um vinho produzido há muitos anos e é conhecido pelo seu incrível sabor.»</i>
<i>«É uma bebida que é apreciada por um grande número de pessoas, pelo que ouço de outras bocas.»</i>

Além disso, dois alunos revelaram um aspeto interessante ao referirem-se ao vinho do Porto como um património da cidade e de Portugal, sublinhando a sua importância cultural e histórica:

<i>«Sei que é património único de Portugal, apreciado por vários países do mundo e super valorizado.»</i>
<i>«O vinho do Porto é património cultural da humanidade e tem um cheiro interessante.»</i>

Podemos tirar conclusões interessantes da análise a esta questão. De facto, a esmagadora maioria dos alunos possui conhecimentos muito escassos sobre o vinho do Porto, limitando-se a referir o seu sabor intenso e o reconhecimento mundial do produto. É curioso notar que algumas respostas incluíam até a expressão «ouvi dizer», evidenciando a falta de informação concreta sobre o tema.

A aplicação do questionário foi complementada por uma atividade intitulada «Olha-me e comenta que sou eu!». Nesta atividade, os alunos observaram uma fotografia, não identificada, da Região do Alto Douro Vinhateiro e foram desafiados a elaborarem um comentário sobre a imagem, abordando aspetos como a localização (se conhecida), os elementos naturais presentes, os sentimentos que a imagem lhes transmitia e, se já tivessem visitado o local, descreviam essa experiência. Caso não conhecessem o local, indicaram se gostariam de o visitar.

Na turma do 11.º ano, no início da atividade, observou-se um silêncio admirável

e a maioria dos alunos mostrou-se visivelmente intrigada e fascinada pela fotografia apresentada. Todos os inquiridos participaram na atividade, e a grande maioria conseguiu identificar a paisagem como sendo o Douro, referindo ainda que é nesta região que se produz o vinho do Porto. Este resultado contrasta com a questão anterior, «O que sabes sobre vinho do Porto», uma vez que nesta atividade alguns alunos indicaram corretamente que o cultivo ocorre no Douro. Além disso, os alunos mencionaram vários aspetos relacionados com a paisagem, fazendo descrições da mesma:

*«Esta imagem localiza-se no Douro e estão representadas as vinhas onde são extraídas as uvas para fazer o vinho do Porto. Nesta imagem podemos ver o rio e as vinhas, sendo a imagem revestida de verdes e azuis, passando uma sensação de tranquilidade e organização devido às diversas filas de vinhas. Eu já visitei e foi bastante bonito ver a paisagem.»*

*«A localização da paisagem é o Douro. É possível observar as vinhas, o Rio e as planícies. Também podemos ver habitações na outra margem. Os sentimentos despertados pela imagem foram a tranquilidade, pois o local é bastante tranquilo como é possível de observar. Já tive a oportunidade de visitar este local, costumo ir todos os anos pois o local turístico tem diversas atividades. Costumo ir com a família, normalmente arrendámos uma casa onde temos a companhia de animais selvagens. É um local extremamente interessante que gostava de visitar com amigos.»*

*«A imagem apresentada, localiza-se no Norte de Portugal, mais concretamente nos vales do Rio Douro. Os vales estão organizados dessa maneira aproveita melhor o espaço e dificulta a erosão. Entre os vales está o lindo rio Douro. Ao observar a imagem, fico com um sentimento de tranquilidade. Imagina-me a meditar no topo do vale e a apanhar banhos de sol. Ainda não visitei esse local, porém, gostaria de visitar com o meu grupo de amigos: iríamos nadar no rio, fazer piqueniques, apanhar sol e muito mais. Portugal está repleto de paisagens super bonitas como esta e um objetivo meu é visitar o máximo de paisagens possíveis.»*

*«A imagem localiza-se no Douro, no norte de Portugal. Também se situa entre vales. Nesta paisagem do Douro, estão representadas vinhas de onde é extraída a uva para a produção de vinho. Estas vinhas são produzidas em regiões de maior relevo. Por outro lado, também estão representados o mar, as nuvens e cobertura vegetal maioritariamente. As culturas presentes na imagem variam, a cor e apresenta, estarem situadas num sítio propício à exposição solar. A partir desta paisagem, senti paz, já que as culturas estão bem organizadas, tranquilidade e serenidade. Contudo nunca visitei o local, mas adoraria ter a possibilidade de conhecê-lo com a minha família numa Primavera.»*

Na turma do 12.º ano, os resultados foram distintos em comparação com a turma do 11.º ano. A maioria dos inquiridos não conseguiu identificar o local retratado na fotografia, limitando-se a descrever os elementos naturais presentes na imagem:

*«Não conheço o lugar da imagem, mas ao visualiza-la tive um sentimento de paz, tranquilidade e aconchego, senti um grande desejo de conhece-la, pude até me imaginar nesse local ouvindo o barulho da água do rio e do vento. A paisagem é muito bonita, parece ter uma plantação transmitindo a sensação de algo vivo, tem a presença de montanhas e de um rio que parecer ser lindo.»*

*«A imagem transmite tranquilidade. Não conheço a localidade apresentada, entretanto, a flora local (aparentemente muito bem preservada), o rio (visualmente limpo) e as montanhas que compõem a cena tornam-na agradável, e fazem com que eu deseje visita-la. Acredito que seja um bom lugar para o turismo e para desfrutar do clima agradável e da natureza. Além disso, se fosse a este lugar, tiraria muitas fotos na tentativa de registar a beleza local.»*

*«Esta imagem retrata um local que eu desconheço, porém, que eu gostaria de visitar. Está presente o céu azul decorado com algumas nuvens brancas como se tentassem alcançar os céus, achamos montanhas cuja superfície é coberta por plantação, dando-lhes um ar da natureza, algo urbano e não destruído pelos humanos. Esta imagem me transmite paz, tranquilidade, sobriedade, clareza e um pouco de solidão. Estas sensações transmitidas me fazem querer lá ir»*

Apenas duas pessoas reconheceram que a região era o Alto Douro Vinhateiro, fornecendo detalhes interessantes:

*«Nesta imagem temos retratada a região do Alto Douro, identificável pelo Rio Douro no lado direito e pelas vinhas no lado esquerdo. Esta imagem revela uma grande tranquilidade e serenidade, a falta de grandes construções cria também um ambiente muito pacífico. Já visitei esta região numa viagem pelas seis pontes, devo dizer que foi muito relaxante, as vistas foram belíssimas e adoraria voltar a visitar a região, desta vez visitando em mais detalhe, pois a minha viagem lá focou-se mais na viagem de barco e nas vistas lindas. Adoraria visitar uma quinta e saber mais sobre a produção do vinho do Porto.»*

*«A região do Douro vinhateiro é onde se produz as uvas utilizadas na produção de vinho do Porto, antigamente o transporte de vinho em cru era feito através do Rio Douro com recurso a barcos rebeles. Hoje em dia esta região é alvo de bastante turismo através de vários meios. A construção de socacos onde as vinhas se localizavam remontam aos tempos medievais, a utilização desta técnica permite efetuar uma rega eficaz e o escoamento das águas. A via navegante do douro atravessa esta região.»*

### **5.2.2. Aula «Filho do Douro, Protegido de Gaia: Vinho do Porto, quem és tu?»**

Como já foi referido anteriormente, a ideia de lecionar uma aula sobre a temática do vinho do Porto surgiu da necessidade identificada pelos questionários aplicados, que revelaram um desconhecimento significativo por parte dos alunos sobre o assunto. Esta aula, lecionada em ambas as turmas, teve como objetivos despertar o interesse dos alunos por um tema com o qual estavam pouco familiarizados e prepará-los para a visita de estudo à empresa Ramos Pinto, que se seguiria. Foi imprescindível um cuidado rigoroso na seleção das fontes e na procura de material diversificado e cativante. A escolha dos recursos, que incluiu excertos literários, artigos científicos e ferramentas audiovisuais, foi orientada pela necessidade de proporcionar uma experiência de aprendizagem enriquecedora e envolvente para os alunos. Optou-se por incluir diferentes formatos, como músicas, gravuras, cartazes e rótulos, de forma a abordar o tema sob várias perspetivas e garantir que o conteúdo fosse não só informativo, mas também estimulante e acessível. Esta abordagem metodológica visou despertar o interesse dos alunos e promover uma participação ativa e reflexiva.

Esta aula teve como motivação o videoclipe da canção «Vinho do Porto, Vinho de Portugal», interpretada por Carlos Paião e Cândida Branca Flor. Foi solicitado aos alunos que registassem no caderno diário tudo o que envolvia o universo do cultivo e produção de vinho, e fiquei bastante satisfeita com os resultados obtidos. No entanto, na turma do 12.º ano, alguns alunos levantaram uma dúvida interessante: «O que é uma vindima?». Esta questão destacou a necessidade de explicar com maior pormenor essa etapa tão importante no processo de produção do vinho. De facto, os alunos demonstraram-se especialmente interessados em aspetos relacionados com a produção e transporte do vinho, onde demonstraram uma admiração incrível pela embarcação típica utilizada, o barco rabelo. A paisagem apresentada durante a canção também despertou o interesse da turma, servindo como um ponto de partida dinâmico para a discussão e aprofundamento do tema.

Durante a aula, preocupámo-nos também em apresentar uma fotografia da região do Alto Douro Vinhateiro, pois considerámos essencial que os alunos pudessem

visualizar com detalhe a paisagem e as suas características únicas. Acreditávamos que, ao proporcionar uma imagem concreta da região, seria mais fácil para os alunos compreenderem a importância geográfica e cultural deste território. A observação da imagem ajudou a destacar aspetos como os socacos das vinhas, o clima mediterrâneo e a organização do terreno, elementos fundamentais para o sucesso desta região vinícola. Os alunos mostraram-se curiosos e participaram de forma ativa, obtendo finais satisfatórios na participação oral, refletindo um entendimento crescente sobre a importância desta região.

Um dos momentos marcantes da aula foi a exploração da intervenção do Marquês de Pombal em 1756, quando foi criada a primeira região demarcada e regulamentada do mundo para a produção de vinho. No entanto, fiquei surpreendida com algumas intervenções da turma do 12.º ano durante a discussão. Muitos alunos associaram imediatamente o Marquês de Pombal ao Tratado de Methuen, o que evidenciou uma compreensão incorreta, visto que este Tratado, formalizando as relações comerciais entre Portugal e Inglaterra, data de 1703, antes da intervenção de Pombal. Este episódio proporcionou uma valiosa oportunidade para corrigir e aprofundar o conhecimento dos alunos sobre a matéria.

Durante abordagem sobre a influência dos ingleses em Portugal, especialmente, no Porto, foi revelador que a maioria dos alunos, tanto da turma do 11.º como do 12.º ano, desconhecia a existência de uma feitoria inglesa no Porto. Este detalhe suscitou surpresa e curiosidade, evidenciando a importância de contextualizar o impacto histórico e comercial da feitoria britânica no Porto.

Na observação da gravura do cais ribeirinho datada do início do século XIX, que ilustrava a Ponte Pênsil e o cais de Gaia, os alunos ficaram surpreendidos ao não reconhecerem imediatamente a ponte retratada. A falta de familiaridade com a Ponte Pênsil, visível na gravura, gerou um debate interessante sobre a evolução das infraestruturas na cidade do Porto e o seu impacto no comércio do vinho. Os alunos analisaram os detalhes da gravura e discutiram as mudanças significativas ocorridas na paisagem urbana ao longo do tempo.

Um dos pontos altos da aula ocorreu quando os alunos observaram os cartazes

de propaganda da Casa Ramos Pinto, datados de 1910. A análise destes cartazes despertou um grande entusiasmo entre os alunos, que demonstraram uma participação ativa e um profundo interesse. A curiosidade acerca da mensagem de cada cartaz e do impacto da propaganda na promoção do Vinho do Porto foi notável, levando-os a refletir sobre a evolução das estratégias de marketing ao longo dos anos.

A análise do rótulo antigo de vinho do Porto também foi um momento de descoberta para os alunos. Ao observar os elementos gráficos presentes no rótulo e a referência a Adelaide Ferreira, refletiram sobre a importância do design dos rótulos na identidade e na promoção do vinho. A discussão sobre a evolução dos rótulos e como estes refletem as mudanças no mercado e nas preferências dos consumidores gerou um interesse significativo.

A aula terminou com uma síntese em diálogo vertical com os alunos, utilizando a situação-problema «É como o Vinho do Porto, quanto mais velho, melhor» para consolidar o conhecimento adquirido. A participação dos alunos foi muito positiva e reveladora da matéria lecionada.

### **5.2.3. Visita de estudo « Filho do Douro, Protegido de Gaia: Vinho do Porto, quem és tu? »**

Como mencionado anteriormente, no dia 26 de abril de 2024, fizemos uma visita de estudo com a intenção de levar os alunos a descobrir de forma mais próxima a história e a cultura das cidades do Porto e Vila Nova de Gaia, explorando em particular a ligação especial que estas têm com o vinho do Porto. Ambicionávamos que esta experiência não só ampliasse os seus conhecimentos, mas também lhes permitisse sentir de perto a importância cultural e emocional que o vinho do Porto representa para a região.

Iniciámos a visita no cais ribeirinho de Vila Nova de Gaia, onde foram distribuídas fichas de trabalho aos alunos, que teriam de preencher ao longo da visita. Decidimos iniciar esta visita com uma breve exposição sobre o percurso do vinho desde

a sua origem até à chegada à cidade do Porto. Ficamos bastante satisfeitos com o feedback positivo que recebemos da participação oral dos alunos, que demonstraram um grande interesse e curiosidade durante esse momento. Após esta exposição, convidámos os alunos a contemplar a vista, onde barcos rabelos, utilizados tradicionalmente para o transporte de pipas de vinho, suscitaram ainda mais interesse nos alunos, que já possuíam um conhecimento prévio sobre estes barcos devido às abordagens anteriores feitas em sala de aula.

O ponto alto da visita foi, sem dúvida, a ida à empresa Ramos Pinto. Fomos calorosamente recebidos por uma guia que nos aguardava para iniciar a visita. Começámos no museu da Casa Ramos Pinto, onde a guia nos apresentou a história do fundador da empresa, Adriano Ramos Pinto, e o seu percurso profissional. Neste momento, os alunos iniciaram o preenchimento das suas fichas de trabalho, mostrando-se atentos e envolvidos.



**Fotografia 1** – Visita de estudo à empresa Ramos Pinto. Interior do museu.

Fonte: Fotografia da nossa autoria

Logo a seguir, os alunos tiveram a oportunidade de admirar uma série de painéis de azulejos com representações mitológicas, onde a maioria conseguiu identificar o deus Baco, símbolo do vinho, em um dos painéis, o que demonstrou o seu nível de atenção e capacidade de associar os conhecimentos adquiridos

anteriormente. Posteriormente, a visita continuou no interior do museu, onde a guia apresentou uma explicação detalhada sobre a evolução da propaganda utilizada pela marca Ramos Pinto, bem como as mudanças nos rótulos e garrafas ao longo dos anos, o que fascinou os alunos.

Por fim, dirigimo-nos ao armazém, onde o espanto dos alunos atingiu o seu auge. Fizeram inúmeras perguntas relacionadas com a capacidade dos barris, a forma de os distinguir, o processo de fermentação e até sobre o sabor e a cor do vinho do Porto. Foi gratificante ver o interesse e a curiosidade genuína dos alunos em relação ao processo de produção do vinho, o que revelou um forte envolvimento com a matéria.



**Fotografia 2** – Visita aos armazéns de vinho da empresa Ramos Pinto.

Fonte: Fotografia da nossa autoria

Após a visita, os alunos que ainda não haviam terminado o preenchimento das suas fichas de trabalho tiveram a oportunidade de o fazer. Assim, concluímos esta etapa da visita e seguimos rumo à Feitoria Inglesa, satisfeitos com o sucesso da atividade e o entusiasmo demonstrado pelos alunos.

Quando chegámos à Feitoria Inglesa, as primeiras palavras dos alunos das duas turmas foram de surpresa e admiração: «O edifício é mesmo grande!» e «Já passei aqui tantas vezes e não sabia que isto era uma feitoria». Um deles, curioso, perguntou: "Professora, ainda se dedicam ao comércio do vinho do Porto?" seguida de outra questão: "O que fazem agora lá dentro?". Para responder às suas curiosidades e ligar o passado ao presente, aproveitámos para fazer uma breve abordagem sobre a história e a evolução da Feitoria Inglesa ao longo do tempo. Explicámos que, no passado, a feitoria foi um centro importante para o comércio do vinho do Porto, desempenhando um papel crucial nas exportações deste vinho para Inglaterra e outros mercados. No entanto, ao longo dos anos, a função do edifício foi-se adaptando às mudanças económicas e sociais. Atualmente, o edifício já não tem a mesma função comercial, mas a sua importância histórica e patrimonial mantém-se, sendo utilizado para fins culturais e administrativos. Fizemos questão de destacar como este espaço, que outrora desempenhou um papel vital no comércio do vinho do Porto, continua a ser uma parte importante da história e identidade da região, mesmo que as suas funcionalidades tenham mudado com o passar do tempo. Os alunos, após ouvirem estas explicações, realizaram o exercício correspondente a este local nas suas fichas de trabalho com bastante facilidade, demonstrando uma boa compreensão dos temas abordados e um forte interesse em aprender mais sobre a história da feitoria.

Por último, dirigimo-nos em direção à Estação de São Bento para contemplar e analisar os seus magníficos painéis azulejares, com um foco especial nos que representam a produção de vinho. Solicitámos aos alunos que, de forma aleatória, descrevessem o que observavam nos painéis. Foi particularmente interessante perceber que, embora alguns alunos passassem diariamente por aquele espaço, nunca tinham parado para observar atentamente os painéis e as cenas que retratam momentos significativos da história de Portugal.

Uma das perguntas mais curiosas foi: «Professora, os painéis foram pintados neste espaço?». Este questionamento levou-nos a fazer uma breve explicação sobre o processo de produção dos azulejos, incluindo a encomenda feita ao artista Jorge Rey Colaço, responsável por estas obras de arte. Explicámos como foi feita a seleção dos

temas, o trabalho de pintura e a colocação dos azulejos na estação, proporcionando assim aos alunos uma visão mais completa do processo.

De facto, ficámos muito satisfeitos com o envolvimento e o interesse demonstrado pelos alunos durante esta visita. No final, completámos o último exercício da ficha de trabalho. No entanto, para nosso espanto, reparámos que alguns alunos estavam a ter dificuldade em escrever a palavra «azulejo», insistindo que a professora se tinha esquecido de colocar mais um quadradinho para poderem escrever «azuleijo». Este pequeno detalhe trouxe um momento descontraído à visita, apesar da confusão ortográfica.



**Fotografia 3** – Visita à Estação de São Bento. Análise dos painéis azulejares.

Fonte: Fotografia da nossa autoria.

Constatamos que, com base nos resultados obtidos através das fichas de trabalho aplicadas em ambas as turmas, o feedback foi extremamente positivo<sup>14</sup>. Contamos com a presença de 29 alunos (13 pertencentes ao 11.º ano e 16 da turma do 12.º ano). A maioria dos alunos conseguiu realizar corretamente todos os

---

<sup>14</sup> Cf. Anexo 5.

exercícios, apresentando um desempenho notável. Embora tenham surgido alguns erros nas palavras cruzadas, nomeadamente na palavra «azulejo», o desempenho geral dos alunos reflete um bom domínio dos conteúdos abordados durante as atividades.

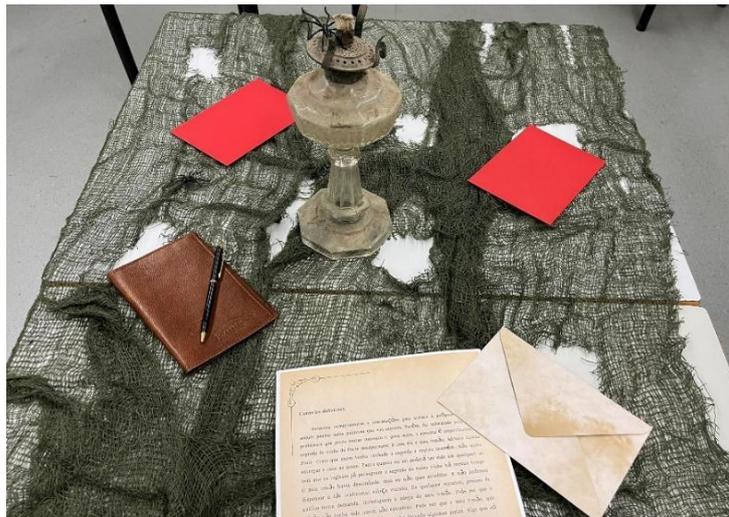
#### **5.2.4. *Escape Room* «Porto Proibido»**

Com o intuito de aprofundar a experiência dos alunos na temática do vinho do Porto de forma inovadora, decidimos criar uma sala de escape, centrada em torno de um mistério que os alunos teriam de desvendar. Cada turma foi dividida em dois grupos de investigação, cada um responsável por decifrar determinadas pistas e enigmas.

Todas as pistas e enigmas foram cuidadosamente elaborados com o intuito de mobilizar os conhecimentos adquiridos pelos alunos em atividades anteriores. Esta abordagem permitiu-nos obter um feedback detalhado sobre o nível de compreensão dos alunos. Além disso, avaliámos o trabalho de equipa e as habilidades de comunicação, uma vez que, no final da atividade, as equipas precisavam dialogar entre si para resolver o grande mistério e elaborar um último relatório de investigação.



**Fotografia 4** – Escape Room «Porto Proibido». Sala recriada. Fonte: Fotografia da nossa autoria.



**Fotografia 5** – Escape Room «Porto Proibido». Mesa central com a carta de António Ramos Pinto e respetivas pistas de partida. Fonte: Fotografia da nossa autoria.

De facto, a sala de escape proporcionou uma forma criativa e envolvente de explorar a temática do vinho do Porto, promovendo o desenvolvimento de competências importantes, como o trabalho em equipa, a comunicação e a aplicação dos conhecimentos. Salientamos que, durante a realização da atividade, foi possível observar o entusiasmo e a alegria dos alunos ao verem a sala de escape elaborada especialmente para eles. A surpresa e o fascínio com os utensílios e maquinarias que compunham o ambiente foram evidentes, criando um clima de excitação e curiosidade que impulsionou o envolvimento e o empenho dos alunos.



**Fotografia 6-** Escape Room «Porto Proibido». À descoberta dos enigmas. Fonte: Fotografias da nossa autoria.



**Fotografia 7** – Escape Room «Porto Proibido». À descoberta dos enigmas. Fonte: Fotografias da nossa autoria.



**Fotografia 8** – Escape Room «Porto Proibido». Preenchimento da ficha de investigação. Fonte: Fotografia da nossa autoria.

Em ambas as turmas, o mistério foi desvendado com sucesso e as fichas de investigação foram preenchidas de forma excelente<sup>15</sup>. O diálogo entre as equipas revelou-se crucial para a resolução do enigma, demonstrando a importância da colaboração e da comunicação.

#### **5.2.5. 2.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos)**

O segundo questionário foi aplicado em sala de aula a ambas as turmas (11.º e 12.º anos) no dia 29 de maio de 2024<sup>16</sup>. Considerámos pertinente, como no primeiro questionário, garantir o anonimato e a confidencialidade dos participantes desenhando o questionário de forma que não fosse possível estabelecer uma ligação direta entre as respostas e cada aluno individualmente. Este questionário teve como principais objetivos verificar se as conceções de património destes alunos tinham mudado, recolher as suas opiniões sobre as atividades relacionadas com a História local realizadas nas aulas e também avaliar se as atividades desenvolvidas tiveram impacto no conhecimento dos alunos sobre o tema do vinho do Porto.

Como referido anteriormente, este questionário está organizado em duas partes. A primeira parte, intitulada «Dados Pessoais», que visa recolher informações básicas dos alunos que respondem ao questionário. A segunda parte, «Relação dos Alunos com o Património», é mais extensa e detalhada, focando-se em compreender a perceção e o envolvimento dos alunos com o património cultural de Vila Nova de Gaia e avaliar o impacto das atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo, em particular as relacionadas com a temática do património do vinho do Porto. Pretendemos, assim, analisar de que forma estas atividades influenciam o conhecimento, a valorização e a relação dos alunos com este património.

Este segundo inquérito foi respondido por 36 alunos (14 alunos do 11.º ano e 22 do 12.º ano). Salientamos que, no que respeita à turma do 12.º ano, o número de alunos foi reduzido ao longo do ano letivo. Inicialmente composta por 25 alunos, a

---

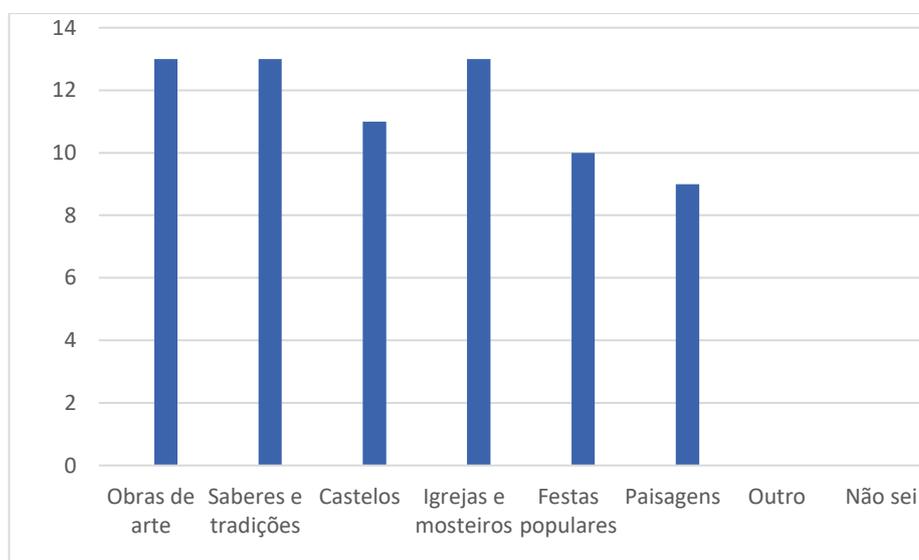
<sup>15</sup> Cf. Anexos 9-11.

<sup>16</sup> Cf. Anexo 12.

turma conta no final com 22 alunos, resultando numa diminuição de 3 alunos desde o início do ano letivo.

Quando inquiridos sobre o que consideravam ser «património», constatamos que os alunos, de ambas as turmas, continuaram a considerar património maioritariamente as obras de arte, os saberes e tradições e as igrejas e mosteiros.

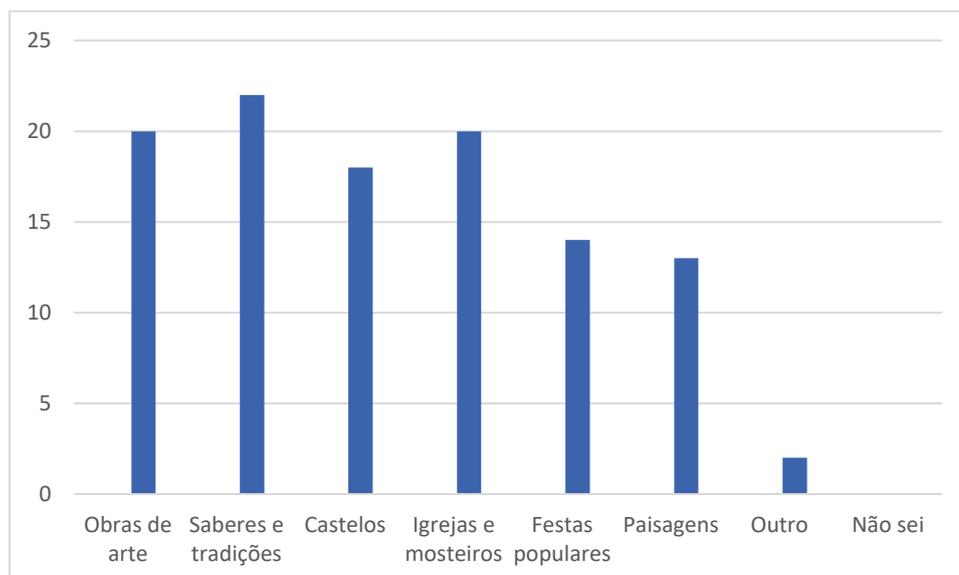
No gráfico seguinte conseguimos obter algumas conclusões interessantes relativamente à turma do 11.º ano:



**Gráfico 9** – Resposta à questão: «O que consideras ser Património Histórico? Podes escolher mais que uma opção» (11.º ano). Fonte: Elaboração própria.

De facto, constatamos que a opção «Saberes e tradições» registou um aumento significativo de preferência entre os alunos. No primeiro questionário, esta opção foi selecionada por 9 alunos, enquanto, nesta segunda análise, foi assinalada por 13 inquiridos.

No que respeita à turma do 12.º ano, apurámos que as opções «obras de arte», «Saberes e tradições» e «Castelos» foram as mais assinaladas pelos inquiridos. No entanto, comparativamente ao primeiro questionário, verificou-se uma diminuição na escolha da opção «Paisagens», que anteriormente tinha registado um considerável número de preferências.



**Gráfico 10** – Resposta à questão: «O que consideras ser Património Histórico? Podes escolher mais que uma opção» (12.º ano). Fonte: Elaboração própria.

Voltando ao 11.º ano, quando questionados se consideram importante conhecer o património da localidade, dos 14 alunos inquiridos, todos responderam «sim». Temos, portanto, uma alteração relativamente ao primeiro questionário: o número de alunos que consideraram importante conhecer o património da sua localidade aumentou de 13 para 14. Este pequeno crescimento poderá refletir uma maior valorização do património local por parte dos alunos.

Quando lhes foi pedida a justificação da resposta, a maior parte associou o conhecimento do património da localidade à valorização e divulgação da região.

Apresentamos, de seguida, algumas das respostas apontadas pelos alunos, que categorizamos na «valorização e divulgação da localidade»:

*«É importante conhecer o património pois conhece-se a história e a cultura da nossa cidade.»*

*«Eu acho importante conhecer o património da minha localidade, uma vez que me permite saber mais acerca dos costumes e tradições do lugar e leva-se a espalhar essa cultura para outros locais.»*

Como observamos, os alunos veem o conhecimento do seu património local como uma forma de conhecer, divulgar e compreender melhor a sua localidade.

Categorizámos duas respostas como «conhecimento geral» porque as explicações fornecidas pelos alunos foram bastante sintéticas, abordando aspetos vagos e pouco detalhados:

*«Como eu considero a História de um local um património, acho importante conhecer a história/passado dessa região, por fatores de curiosidade e conhecimento.»*

*«Considero importante pois irá aumentar o meu conhecimento sobre o local onde vivo.»*

Numa vertente diferente, categorizamos duas respostas como «aprendizagem significativa» porque consideramos que estes alunos foram um pouco mais longe no que respeita à reflexão em torno da questão:

*«Conhecer o património local é extremamente importante tanto para conhecermos o nosso legado regional e a sua importância. Tanto para compreendermos melhor a história uma vez que nos conseguimos aproximar mais.»*

*«Acho importante, pois sabermos das nossas origens e porque temos tal património para podermos analisar a história dos nossos antepassados.»*

Estes alunos demonstraram uma compreensão profunda da importância do património para o seu conhecimento, reconhecendo não só o seu valor, mas também o seu papel fundamental na compreensão do presente através do passado. Para eles, o património é visto como uma ferramenta essencial para conhecer a história, permitindo-lhes criar laços significativos com ela e, assim, reforçar a sua identidade e ligação às suas origens.

No que respeita à turma do 12.º ano, quando lhes foi solicitada a justificação das suas respostas, a maioria dos alunos associou o conhecimento do património da sua localidade à valorização e divulgação da região. Além disso, mencionaram que conhecer o património local é uma forma de adquirir mais «conhecimento geral». Vejamos algumas respostas:

*«Acho importante conhecer o património da minha localidade pois gosto de saber a história e a cultura do sítio que me rodeia e gosto também de procurar saber mais sobre outras localidades também.»*

*«Acho essencial aprender sobre o local onde vivemos pois, no fundo esse património faz parte da nossa vida.»*

*«Eu acho importante cada um saber o passado e o património da sua localidade, até porque faz parte da cultura geral. Acho que se deve conhecer bem o sítio onde moramos saber sobre a sua riqueza histórica, e orgulhamo-nos pela localidade em que vivemos hoje em dia, esse local reflete-se nas escolhas do seu passado e no património deixado para nós, as futuras gerações.»*

*«Acredito que seja importante e fundamental, para que possa me informar melhor sobre a história de onde vivo e valorizar a cultura e história.»*

*«Ao conhecer o Património local aprendemos a valorizar o local em que vivemos. Para além disso expande o nosso conhecimento em relação à cultura local.»*

De uma perspetiva diferente, classificámos duas respostas como de «aprendizagem significativa», uma vez que entendemos que estes alunos foram além na sua reflexão sobre a questão:

*«Considero sim importante conhecer o Património da minha localidade porque através do mesmo podemos conhecer a história de tudo o que nos envolve.»*

*«Conhecer o património local contribui para a formação de um vínculo entre o indivíduo e o meio.»*

Para estes alunos, o património é encarado como uma ferramenta indispensável para conhecer a história e o meio, permitindo-lhes estabelecer laços significativos com esses e, assim, fortalecer a sua identidade e ligação às suas raízes.

Procuramos identificar em quais atividades desenvolvidas ao longo do ano os alunos participaram, com o objetivo de avaliar o impacto dessas experiências no seu nível de conhecimento.

Relativamente à turma do 11.º ano, registámos a participação de 13 alunos, de um total de 14, em cada uma das atividades realizadas. No que se refere à turma do 12.º ano, de um total de 22 alunos, todos estiveram presentes na aula sobre a temática da história do vinho do Porto. Desses, 16 participaram na visita de estudo e 18 envolveram-se na atividade do *Escape Room*.

Quando questionados sobre a importância destas atividades para o seu conhecimento, a esmagadora maioria dos alunos assinalou «sim», à exceção de um aluno da turma do 11.º ano e outro da turma do 12.º ano, que responderam «não». Vejamos algumas das justificações dos alunos de ambas as turmas:

«As atividades foram importantes pois permitiram com que eu ficasse a conhecer mais sobre uma coisa que é tão importante para a nossa cultura que é o caso do vinho do Porto. Também o facto de as atividades serem mais didáticas e mais interativas levaram a uma melhor assimilação dos conhecimentos.»
«Todas as atividades propostas foram importantes para o meu conhecimento, pois não tinha conhecimento sobre a cidade de Vila Nova de Gaia, nem sobre o vinho do Porto. Achei realmente interessante conhecer mais sobre o património e cultura portuguesa.»
«Eu considero importantes porque apesar de aprendermos coisas novas tanto para a escola como para a vida, acabamos por ficar mais interessados por fazermos isso em conjunto e por sairmos um bocado do contexto de aula e fazer e conhecer coisas e lugares diferentes.»
«Considero importante pois faz parte da história da localidade onde vivo e fez-me interessar mais num assunto que eu desconhecia a história o que foi algo didático pois iremos com os nossos próprios olhos os locais enquanto conhecíamos a sua história.»
«Eu considero estas atividades importantes porque ajudam a fazer com que percebamos melhor a cultura da nossa cidade. Acho que fiquei a saber muito mais sobre o vinho do Porto depois de realizar estas atividades e fizeram com que eu gostasse muito mais de perceber e abordar a história do vinho do Porto.»

Salientamos que, para além de os alunos considerarem que estas atividades contribuíram para a ampliação e aprofundamento dos seus conhecimentos sobre a temática em questão, elas também proporcionaram uma oportunidade para colocarem à prova o que aprenderam e estabelecerem uma relação entre o passado e o presente. Vejamos a seguir algumas das suas respostas, que ilustram de forma clara o impacto destas atividades:

«É possível adquirir conhecimento de diversas formas. A visita de estudo levou-nos a compreender melhor e apreender melhor. O escape room foi uma forma criativa e bastante interessante de colocarmos o nosso conhecimento à prova.»
«Porque é importante termos conhecimento de quase todos os tipos, este tipo de conhecimento histórico-urbanístico ajuda-nos a entender o que se passou anteriormente e estabelecer uma relação com o presente.»

Por último, constatamos que alguns inquiridos foram além das expectativas ao mencionar a forma criativa e divertida com que a temática foi abordada. Estes alunos destacaram que o método utilizado não só cativou o seu interesse, como também facilitou a assimilação do conhecimento. Ficamos verdadeiramente satisfeitos e

realizados ao observar estas respostas, que evidenciam o impacto positivo das nossas abordagens. Vejamos algumas das justificações:

*«É possível adquirir conhecimento de diversas formas. A visita de estudo levou-nos a compreender melhor e apreender melhor. O escape room foi uma forma criativa e bastante interessante de colocarmos o nosso conhecimento à prova.»*

*«Acho que as atividades realizadas ajudaram imenso na aprendizagem sobre o conhecimento local e a forma como foi abordada foi bastante criativa. A forma com que o ensino foi abordado faz com que, muito provavelmente, não me esqueça tão cedo que foi ensinado.»*

*«A professora utilizou como estratégia de ensino que não deixou a aula “secante”, mas também não foi uma bagunça. De maneira didática e descontraída, influenciou-nos a prestar atenção e absorver a informação transmitida mais facilmente.»*

De seguida, questionámos os alunos sobre a sua opinião relativamente à abordagem da história e do património da região nas aulas de História. Na turma do 11.º ano, dos 14 inquiridos, 13 manifestaram um entusiasmo positivo, respondendo «sim» à pergunta, enquanto um único aluno respondeu «não». Quanto à turma do 12.º ano, dos 22 inquiridos, 20 responderam «sim», enquanto 2 alunos responderam «não». De seguida, pedimos aos alunos que justificassem as suas respostas. Vejamos algumas das justificações que nos foram fornecidas:

*«Considero que a história e o património regional devem ser inseridos nas aulas de história uma vez que são capazes de nos aproximar das realidades históricas. Foi bastante interessante aprender mais sobre o vinho do Porto, um produto tão aclamado e conhecido, um produto que faz parte da nossa história, nomeadamente da história do Porto e o legado que este nos deixou. Este produto tão importante tem as suas marcas pela cidade de Vila Nova de Gaia e Porto.»*

*«Eu gostei muito de trabalhar e aprender sobre a história e património da minha região isto porque gosto muito do Porto e agora quando passo em certos sítios como a estação de S. Bento e a Feitoria Inglesa estou mais informado sobre a história desse mesmo sítio.»*

*«Gostei de abordar este tema e acho que fiquei a saber mais sobre algo que considero essencial pelo seu impacto na nossa identidade. Acho que as conexões que o vinho do Porto tem com a cidade de Vila Nova de Gaia faz isto uma matéria essencial para se ensinar e aprender.»*

*«Porque parece-me algo importante de sabermos. Além disso oferece variedade às aulas de história de forma a que elas não se tornem repetitivas. Esta variedade também é importante devido à importância do vinho do Porto para esta região tornando esta matéria útil e importante de ser estudada.»*

De facto, a esmagadora maioria dos alunos considerou fundamental e essencial conhecer o património e a história do concelho. Muitos destacaram a sua importância, sublinhando como esses conhecimentos contribuem para uma maior valorização e compreensão do seu contexto local. Além disso, surgiram sugestões para que houvesse mais aulas com esta abordagem. Este feedback deixou-nos muito satisfeitos, pois confirma o impacto positivo e o interesse crescente dos alunos por estas temáticas.

Tal como aconteceu na questão anterior, recebemos um feedback muito positivo sobre as atividades. Os inquiridos descrevem as atividades como interativas e interessantes, destacando a forma envolvente com que a temática foi abordada. Esta resposta reforça o sucesso das iniciativas e a eficácia da metodologia:

*«Gostei de trabalhar a História e o Património da minha região pois fiquei a conhecer mais sobre a minha região, que apesar de cá viver havia várias coisas e curiosidades que não sabia e até mesmo edifícios e detalhes que nunca tinha reparado se não fosse com as aulas da professora Cristiana.»*

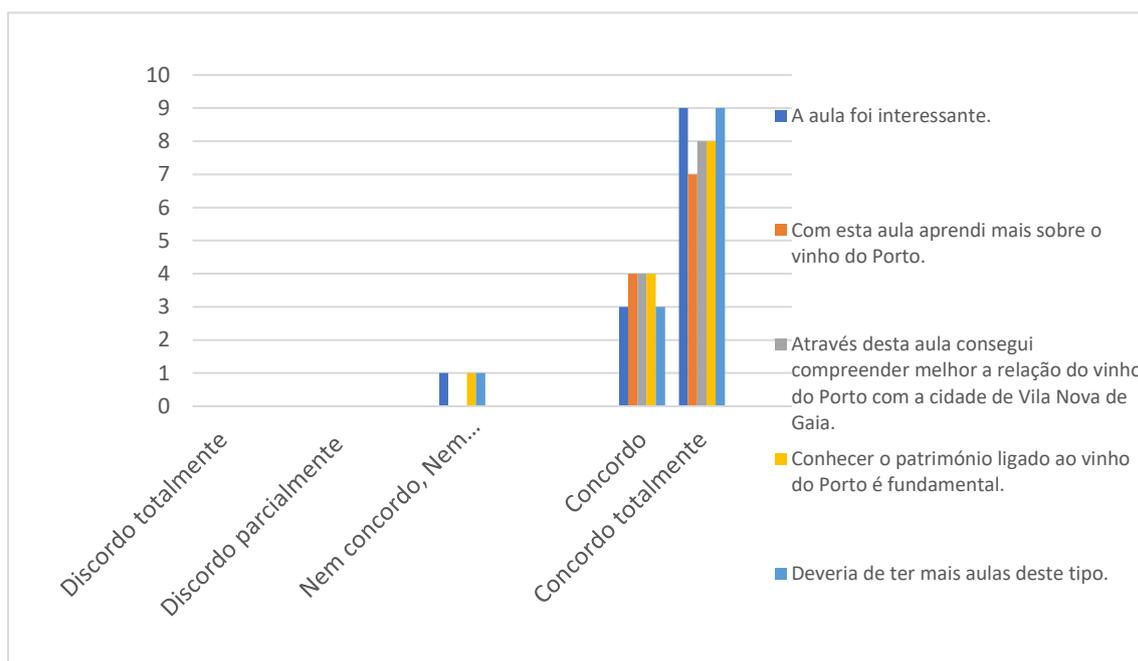
*«Acho que as aulas em que abordamos a História e o Património da minha região foram muito interessantes e divertidas, pois fizemos várias atividades interessantes que tornaram as aulas mais produtivas, engraçadas e, no geral, muito boas. Estas aulas foram as mais engraçadas e divertidas do meu secundário, com certeza.»*

*«Apesar de muitos professores falarem de forma aprofundada sobre o Património e a História regional, não sou o aluno mais focado, mas apesar disso fui capaz de absorver algumas informações devido ao método que a professora utilizou.»*

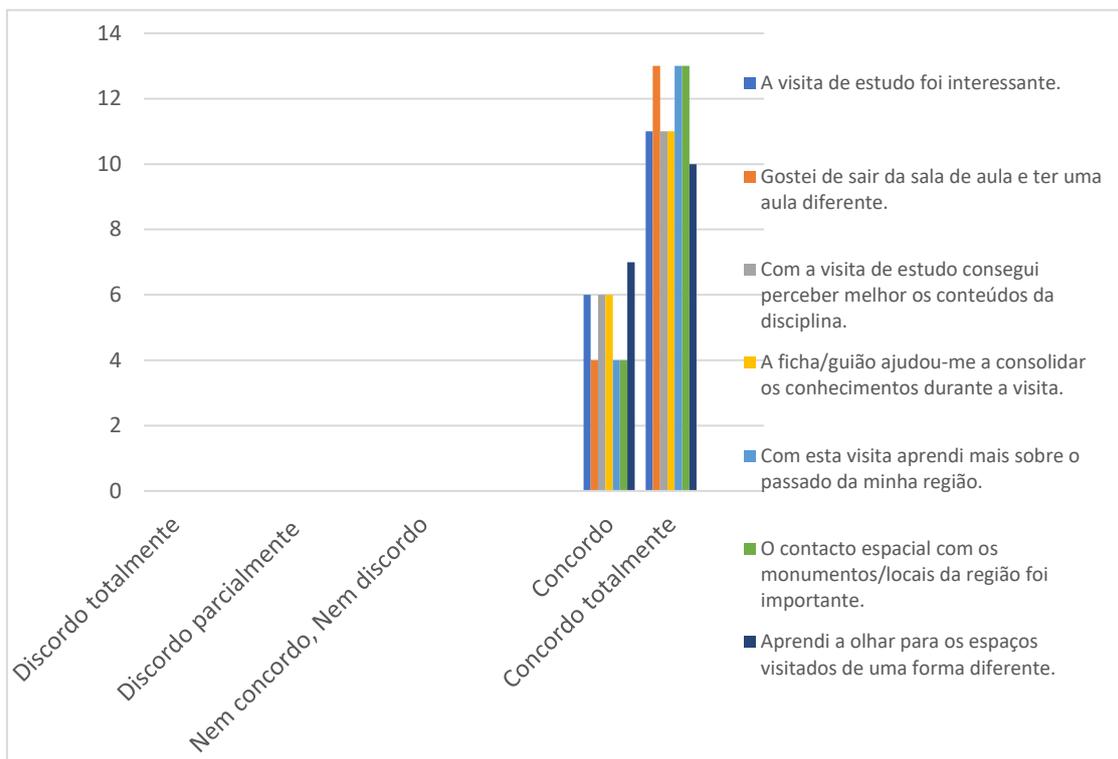
Com este feedback tão positivo, confirmámos a nossa impressão de que estas atividades tinham sido um sucesso. Na avaliação da satisfação dos alunos relativamente às atividades realizadas, foi utilizada uma escala de cinco pontos. Foi solicitado aos alunos que indicassem o seu grau de concordância com várias afirmações sobre a qualidade e a relevância das atividades, numa escala que variava de «Discordo totalmente» a «Concordo totalmente». Na esmagadora maioria dos casos, ambas as turmas expressaram uma opinião muito positiva sobre as atividades em questão.

Observou-se um grande número de alunos que considerou a aula, a visita e o *escape room* atividades extremamente interessantes e que contribuíram de forma significativa para o aprofundamento do conhecimento. Além disso, muitos alunos

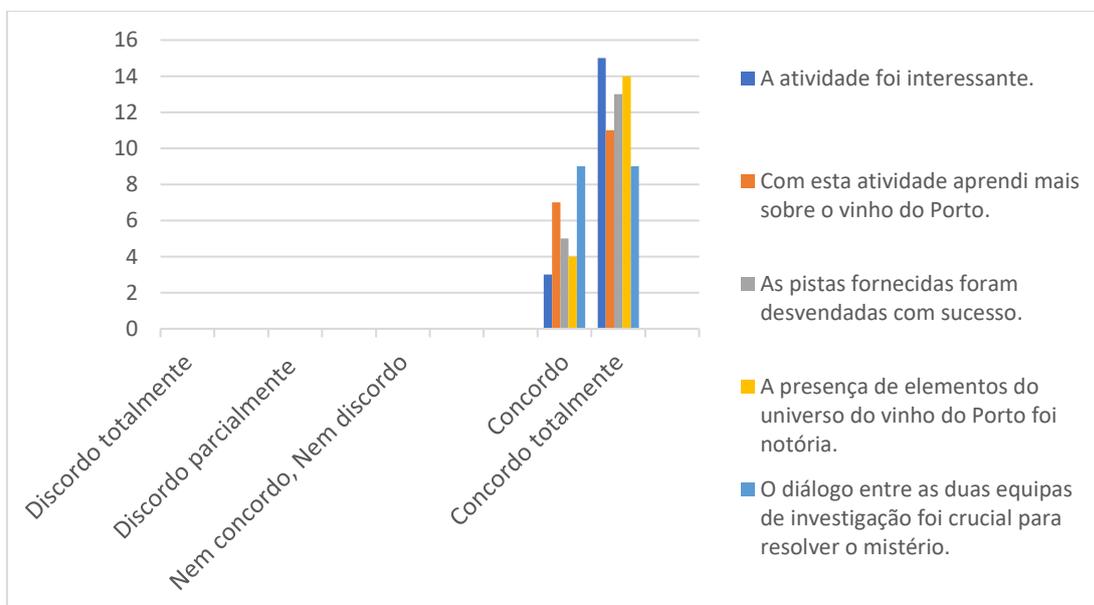
expressaram a opinião de que deveriam existir mais atividades deste tipo. Este feedback reforça a ideia de que estas iniciativas foram bem-sucedidas e que há um claro desejo por mais experiências semelhantes. Apresentamos, de seguida, os resultados das respetivas respostas dos inquiridos:



**Gráfico 11** – Gráfico elaborado a partir dos dados recolhidos na questão «Indica a tua avaliação da aula sobre a história do vinho do Porto. Marca com um (X) o nível de concordância com cada uma das frases seguintes:» (11.º ano). Fonte: Elaboração própria



**Gráfico 12** – Gráfico elaborado a partir dos dados recolhidos na questão «Indica a tua avaliação da visita de estudo sobre a história do vinho do Porto» (12.º ano). Fonte: Elaboração própria



**Gráfico 13** – Gráfico elaborado a partir dos dados recolhidos na questão «Indica a tua avaliação do escape room» (12.º ano). Fonte: Elaboração própria

Na última pergunta do questionário, os alunos foram solicitados a partilhar três aspetos que não conheciam anteriormente e que tinham aprendido sobre o vinho do Porto através das atividades em que participaram. Os resultados obtidos foram muito satisfatórios e demonstraram um conhecimento aprofundado dos alunos sobre a temática abordada.

A esmagadora maioria dos alunos referiu três ou mais aspetos sobre o tema abordado. Destacam-se os aspetos relacionados com o transporte e o armazenamento. Abaixo, apresentamos alguns exemplos de resposta:

*«Eu não sabia muitas coisas sobre o vinho do Porto, mas algumas delas são: o facto de o vinho ficar armazenado nas pipas ser devido aos ingleses para controlar a qualidade do mesmo. Também não sabia que o sabor mais frutado e o alto teor a álcool era também devido ao gosto dos ingleses. Para além disso gostei muito de ir às caves pois não tinha ideia que o vinho era armazenado em barris tão grandes e ser lá armazenado para manter a sua temperatura.»*

*«Nestas atividades aprendi o nome dos barcos que transportavam o vinho em pipas, transportado por uma embarcação especial, Rabelo. O motivo pelo qual o vinho começou a ser forçado a estagiar e a dar a prova do tempo, como forma de garantir a qualidade do vinho e garantir que este não havia sido adulterado por exigência inglesa. Desconhecia o facto que a região de produção de vinho do Douro, remonta a criação da companhia das vinhas do Alto Douro pela mão de Marquês de Pombal, esta limitação foi criada para garantir a qualidade e autenticidade deste produto tão aclamado. Estes conhecimentos aliados ao meu conhecimento permitiram-me conhecer melhor o legado e o património local.»*

*«Com a aula sobre a história do vinho do porto, a visita de estudo às caves do vinho do Porto, à feitoria inglesa e à estação de São Bento e também atividade interativa do escape room foram cruciais para o esclarecimento das minhas dúvidas que eram o porquê das caves do vinho do Porto estarem localizadas no cais de Gaia, e porquê da utilização dos barcos rabelos e não outros tipos de barcos e também o significado dos azulejos da estação de São Bento. Concluindo eu considero este tipo de atividades uma forma mais interativa de aprender mais sobre o património da nossa região.»*

*«Antes tinha um conhecimento vago em relação ao vinho do Porto e com a aula e com as atividades (visita de estudo e escape room) senti que obtive mais conhecimento. Por exemplo, não sabia o que era a feitoria inglesa, sem onde ela se localizava no Porto. Não sabia também, onde eram as vindimas no Douro e sobre os barcos rabelos, achei que era apenas turístico e que não havia uma “história” por de trás dos barcos rabelos. Soube o motivo dos armazéns terem passado para o lado de Vila Nova de Gaia, devido ao espaço. Basicamente, aprendi imenso com todas as aulas e a professora conseguiu fazer de forma a captar a minha atenção e achar interessante estudar sobre este assunto.»*

Constatamos que aspetos relacionados com o conhecimento obtido diretamente durante a visita de estudo foram amplamente mencionados pelos alunos. Esta experiência prática proporcionou uma compreensão mais profunda e concreta dos temas abordados, refletindo-se nas observações e comentários apresentados:

*«Com as diversas atividades em que participei aprendi muitas coisas novas. Apercebi-me também de que não tinha muito conhecimento sobre o vinho do Porto, e que na verdade havia muito que eu desconhecia. Nomeadamente que os barcos que transportavam as pipas de vinho tinham o nome Rabelos. Aprendi também que Adriano Ramos Pinto fazia ótima publicidade fora dos seus vinhos enquanto o seu irmão António tratava das finanças. Uma das suas publicidades que mais me recordo era um poster da sua autoria onde se mostrava em plano grande e a sua concorrência em plano mais pequeno mostrando de forma simples como o seu produto era superior. Uma outra coisa que também fiquei a saber foi que as caves Ramos Pinto chegaram a inundar algumas vezes.»*

No entanto, partilhamos três respostas que consideramos revelar a excelente mobilização dos conteúdos e que realmente merecem destaque:

*«Através das três atividades realizadas, aula teórica, visita de estudo e escape room, fiquei a conhecer melhor a história do vinho do Porto. Fiquei a saber que este é fabricado no Porto, no entanto, devido à imposição de Inglaterra com a prova do tempo (o vinho que era enviado por barcos chegava à terra britânica em mau estado, levando os britânicos a impor-se e a ordenar a prova de tempo, ou seja, estagiar 3 a 4 anos e só depois ser provado e estiverem em bom estado seriam comprados. Passaram a serem armazenados em V.N. de Gaia. Para o transporte, eram transportados através dos barcos rabelos. A maior compradora do vinho do Porto era Inglaterra, que apreciava muito este.»*

*«Um dos aspetos que sou capaz de referir que não tinha conhecimento é sobre os barcos rabelos e a sua importância perante o transporte dos vinhos portuenses. O segundo aspeto que consigo indicar que me interessei foi da grande importância que a personalidade de Adriano Ramos Pinto teve no marketing e publicidade do Vinho do Porto. O último aspeto que irei referenciar é a mudança dos armazéns dos vinhos do Porto para Vila Nova de Gaia, esta mudança deve-se porque várias remessas de vinhos chegavam estragados e com isso os armazéns gaienses ajudavam na prova do tempo dos vinhos.»*

*«Três dos aspetos que não sabia sobre o vinho do Porto antes, que aprendi nestas atividades são: o local onde este é feito, ou seja, no Douro sendo transportado depois para as caves aqui em Vila Nova de Gaia, pois antes não haveria espaço no Porto para armazenar o vinho pois a Inglaterra deu ordem de que o vinho antes de ser exportado devia estagiar de 3 a 4 anos e como o Porto não tinha espaço foi necessário*

*transportarem para Gaia. Outro aspeto era os barcos que levavam as pipas que transportavam o vinho que tem o nome Rabelo feito especialmente para o transporte do vinho.»*

Além disso, merece também destaque uma resposta particularmente interessante, na qual o aluno demonstrou um forte sentido de pertença e afeto pelo património:

*«Antes das aulas fornecidas pela professora, eu não tinha muito conhecimento acerca do “nosso” vinho, mas as atividades ajudaram bastante. Principalmente, eu não sabia como e quais foram as bases da fundação do vinho do Porto. Sendo que o comércio foi dos principais fatores para o reconhecimento do nosso vinho e foi responsável pelo seu sucesso mundial através da feitoria inglesa (que foi visitada durante a atividade) que foi um centro que ajudou a facilitar o comércio entre Portugal e Inglaterra, o que aumentou o acesso inglês ao vinho. Outro conhecimento importante adquirido durante as atividades foi como o vinho do Porto é produzido desde a vindima até ao estágio (onde podemos observar os barris na visita e entender mais sobre o mesmo). Foi bastante interessante ver com os meus próprios olhos algo que seria impossível de ver se não fosse a professora.»*

Podemos concluir, na análise final, que todo o trabalho e as atividades realizadas em torno desta temática resultaram em resultados muito positivos. A análise das respostas revela que, na maioria dos casos, os alunos adquiriram conhecimentos que eram praticamente inexistentes no início. Esta evolução é especialmente significativa, pois demonstra uma melhoria no entendimento dos conteúdos e um progresso notável na capacidade de aplicar esses conhecimentos de forma prática durante as atividades. De facto, é gratificante ver como este esforço da nossa parte contribuiu para que os alunos desenvolvessem um verdadeiro afeto pelo património da região. Este sentimento de pertença e valorização é um resultado enriquecedor que reforça o impacto positivo da nossa abordagem durante o ano letivo.

## Considerações Finais

Terminado o ano de estágio e a redação do presente estudo, é o momento de fazermos um balanço e retirarmos conclusões. Este trabalho teve como principal objetivo trabalhar o património do vinho do Porto com os alunos, procurando perceber se eles se identificavam com a sua História e património locais, se tinham conhecimento sobre o tema, e se uma abordagem centrada nesta temática específica poderia constituir uma vantagem no ensino da História.

Através da análise dos resultados obtidos com os instrumentos de avaliação aplicados e da observação direta, já somos capazes de tirar algumas conclusões. Antes de as apresentarmos, é essencial destacar a importância do enquadramento teórico. Este forneceu as bases necessárias para abordar conteúdos e conceitos ligados ao património do vinho do Porto e ofereceu uma perspetiva clara sobre o Estado da Arte relativamente a este tema.

Elaborámos este trabalho com a plena convicção de que era possível orientar os alunos para uma aprendizagem histórica mais significativa, através do estudo de uma realidade próxima – o património do vinho do Porto – profundamente ligada ao meio onde vivem ou estudam. Acreditamos que esta abordagem enriquece o processo de ensino-aprendizagem, criando uma ligação mais emocional e autêntica com a História, tornando-a mais real e relevante no quotidiano dos alunos.

Acreditamos que, de forma geral, conseguimos mobilizar os alunos para a criação de um sentimento de afeto e apropriação em relação à sua terra, ao dar-lhes a conhecer a sua História, as suas marcas e o valor do património local, nomeadamente o vinho do Porto. Este envolvimento permitiu que os alunos compreendessem melhor a relevância histórica e cultural do meio em que vivem e fomentou um maior interesse e respeito pelo seu legado.

A interpretação dos resultados revela que todas as intervenções junto dos alunos foram extremamente positivas. Este êxito foi largamente impulsionado pela atitude recetiva das turmas, que demonstraram entusiasmo por metodologias de ensino mais dinâmicas. A colaboração incondicional da escola, que apoiou plenamente todas as atividades propostas, foi também determinante. Além disso, o contributo da

professora cooperante, com o seu pensamento aberto e sem preconceitos, foi essencial, ao envolver-se ativamente em cada projeto e apoiar todas as ideias, reforçando assim o impacto das nossas intervenções.

Por tudo isto, sinto uma enorme satisfação por ter tido a oportunidade de desenvolver um trabalho tão enriquecedor com os alunos. Fica a sensação de dever cumprido, sabendo que consegui despertar neles um maior interesse pela sua História e património local, e que, de alguma forma, contribuí para fortalecer o vínculo entre os jovens e a sua terra, fomentando um sentimento de pertença e valorização, tão importante para a sua formação cívica e cultural.

## Referências Bibliográficas

- Alves, L. (2014). *A História local como estratégia para o ensino da História*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Araújo, S. I. B. (2017). *Só se ama o que se conhece...: Contributos da História local no Ensino da História*. Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/108721>
- Barbosa, P. (1998). *Preservação e memória*. Em *O Património Local e Regional: subsídios para um trabalho transdisciplinar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- Cardoso, A. B. (2001). O Porto e o comércio do vinho – dos alvores de Setecentos à instituição da Real Companhia (1756). *HISTÓRIA*, nº3, vol.2, 107-128. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8510>
- Cardoso, A. B. (2003). Os vinhos macios e a história (século XVIII) Nótulas históricas sobre alguns afamados “vinhos macios”. *Douro: estudos & documentos*, vol. 8, n.º 16, 2003, 39-53. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23748>
- Cardoso, A. B. (2019). *Como se “vestia” o vinho do Porto (séculos XVI e XVIII)*. *The Overarching Issues of the European Space - a strategic (re)positioning of environmental and socio-economic problems?* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Cardoso, A. B.; Pina, H. (2017). *A vinha, a paisagem e o património no desenvolvimento sustentável da região duriense: alguns exemplos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/110414>

- Cardoso, A., & Pereira, M. (2003). A escola e a educação patrimonial: Perspetivas de intervenção. *Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde*, 15 (no. 38), 110- 117.
- Cardozo, P. & Melo, A. (2015). Património, Turismo Cultural e Educação Patrimonial. *Revista de Educação Social*, 36 (no. 133) . pp. 1061, 1066 e 1067.
- Choay, F. (2000). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.
- Nora, P. (1989). Mémoire et Histoire. In P. Nora (Dir.), *Les Lieux de Mémoire: la République, la Nation, les France*. (pp. 23-43) Paris: Gallimard.
- Varine, H. de. (1985). *Les racines du futur: le patrimoine au service du développement local*. Paris: Dunod.
- Costa, A. L. P. (1997). *Alto Douro, Terra de Vinho e de Gente*. Lisboa: Edições Cosmos.
- DECLARAÇÃO DE VIENA, 2009. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-cultural/cartas-e-convencoes/>
- Faria, N., & Woortmann, E. (2009). A Educação Patrimonial como elemento de socialização para jovens em situação de risco. *Revista Hospitalidade*, VI (no. 2), 53-62.
- Fernandes, E. L. P. (2010). *Os Painéis de Azulejo da Estação de S. Bento: História, Contexto e Iconografia*. Dissertação de Metrado em História da Arte Portuguesa. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55773>
- Ferreira, C. B. (2023). A filoxera e as fábricas de sulfureto de carbono em Vila Nova de Gaia. *Douro: Vinho, História & Património*, nº10, 31-41.
- Horta, M., & Grunberg, E., & Monteiro, A. (1999). *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN.
- LEI DE BASES DO PATRIMÓNIO CULTURAL PORTUGUÊS, 2001. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>

- Lowenthal, D. (1999). *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Manique, A. P., & Proença, M. (1994). *Didática da História: Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora.
- CONVENÇÃO DA UNESCO, artigos 1 e 2.º, 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>
- Marques, G. M. (2011). *Do vinho de Deus ao vinho dos Homens: o vinho, os Mosteiros e o Entre Douro e Minho*. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Martins, C. A. (1991). A filoxera na viticultura nacional. *Análise Social*, vol.26, 653-688. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em: [https://www.academia.edu/1204610/A\\_filoxera\\_na\\_viticultura\\_nacional](https://www.academia.edu/1204610/A_filoxera_na_viticultura_nacional)
- Mendes, J. (2015). *Revisitando o património: dar um futuro ao passado. O Património: Dar um futuro ao passado (Guia do Professor)*. Lisboa: Santillana.
- Pereira, G. M. (coord.) (2003). *O vinho do Porto*. Porto: Instituto do Vinho do Porto.
- Pereira, G. M; Barros, A. M. (2016). O vinho do Porto e a Região do Douro na Época Moderna. *Revista Iberoamericana de Viticultura, Agroindustria y Ruralidad*, vol. 3, nº8, 110-126.
- Pereira, P. A. (2017). *O Vinho na Lusitânia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, H. (2011). *Educação Histórica e Patrimonial: conceções dos alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19745>
- Silva, F. R. (1999). *História Local: Objetivos, Métodos e Fontes*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8247>
- Smith, L. (2006). *Uses of Heritage*. London: Routledge.

Torga, M. (1977). *Diário*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

## Webgrafia

<https://whc.unesco.org/en/list/1046/> [Consulta realizada em 15/01/2024].

<https://agendaculturalporto.org/tudo-sobre-o-barco-rabelo/> [Consulta realizada em 25/01/2024]

<https://www.icomos.org/fr> [Consulta realizada em 10/07/2024].

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/patrimonio-mundial/> [Consulta realizada em 11/08/2024].

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/> [Consulta realizada em 15/08/2024].

<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> [Consulta realizada em 15/08/2024].

## Anexos

### Anexo 1 – 1.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos)

 REPÚBLICA PORTUGUESA	EDUCAÇÃO Ano letivo 2023/2024   História	 MUNICÍPIO DE ANTÓNIO SÉRGIO
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Questionário sobre História e Património Local e Regional**

O presente questionário realiza-se no âmbito do Relatório Final do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pretende conhecer o nível de conhecimento que os alunos apresentam em relação à sua História local/regional e ao Património local/regional.

Este é um questionário anónimo, pelo que todos os dados serão confidenciais.

Responde de forma sincera e honesta às seguintes questões.

**I – DADOS PESSOAIS**

1. Sexo:  Masculino  Feminino

2. Idade: \_\_\_\_ anos.

3. Ano de escolaridade que frequentas neste momento: \_\_\_\_.

4. Localidade em que vives: \_\_\_\_\_.

**II – RELAÇÃO DOS ALUNOS COM O PATRIMÓNIO**

1. O que consideras ser Património? Podés escolher mais do que uma opção.

<input type="checkbox"/> Obras de arte	<input type="checkbox"/> Igrejas e mosteiros
<input type="checkbox"/> Saberes e tradições	<input type="checkbox"/> Festas populares
<input type="checkbox"/> Castelos	<input type="checkbox"/> Paisagens
<input type="checkbox"/> Outro: _____.	<input type="checkbox"/> Não sei

2. Consideras importante conhecer o Património da tua localidade?

Sim  Não  Não sei

2.1. Justifica a tua resposta.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**3. Selecciona monumentos e locais do concelho de Vila Nova de Gaia que já tenhas visitado. Podes escolher mais do que uma opção.**

- |                                                      |                                                    |
|------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Mosteiro da Serra do Pilar  | <input type="checkbox"/> Cais ribeirinho           |
| <input type="checkbox"/> Solar dos Condes de Resende | <input type="checkbox"/> Capela do Senhor da Pedra |
| <input type="checkbox"/> Caves do vinho do Porto     | <input type="checkbox"/> Mosteiro de Grijó         |
| <input type="checkbox"/> WOW – World of Wine         | <input type="checkbox"/> Outro: _____              |

**3.1. Em que contexto fizeste essa visita?**

- |                                                          |                                      |
|----------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Escola                          | <input type="checkbox"/> Amigos      |
| <input type="checkbox"/> Com os pais e outros familiares | <input type="checkbox"/> Sozinho (a) |

**3.2. O que é que te chamou mais à atenção nesse(s) monumento(s) e local(s)?**

---

---

**4. O Património de Vila Nova de Gaia já apareceu em aulas de alguma disciplina?**

---

---

**4.1. Se sim, em que disciplina? E do que é que falaram?**

---

---

---

**5. Consideras importante estudar a história e o património existente em Vila Nova de Gaia nas aulas de História? Justifica a tua resposta.**

---

---

---

**6. Para terminar, o que sabes sobre vinho do Porto.**

---

---

---

## Anexo 2 – Plano de aula sobre a História do Vinho do Porto

Domínio: A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais			
Subdomínios: Triunfo dos Estados e dinâmicas económicas nos séculos XVII e XVIII			
Sumário: Filho do Douro, protegido de Gaia: O vinho do Porto		Tempo letivo: 100 minutos	Turma: 11.º ano
<b>Aprendizagens Essenciais:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interpretar as políticas económicas portuguesas no contexto do espaço euro-atlântico;</li> <li>• Enquadrar a política económica e social pombalina na prosperidade comercial de finais do século XVIII;</li> </ul>		<b>Conceitos:</b> Companhia monopolista Feitoria	
<b>Situação-problema:</b> «É como o Vinho do Porto, quanto mais velho, melhor.» Provérbio português			
<b>Questões-orientadoras:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quem és tu, vinho do Porto?</li> </ul>			
Conteúdos	Indicadores de aprendizagem	Estratégias de aprendizagem	Avaliação
1. O Vinho do Porto tem uma longa e rica história que se entrelaça com a região do Douro e os seus protagonistas ao longo dos séculos. A área conhecida como Douro Vinhateiro, com as suas encostas íngremes e socacos cuidadosamente esculpidos, é o berço deste vinho fortificado. Esta região, de paisagens deslumbrantes e de condições climatéricas singulares, é considerada		<b>Motivação:</b> Audição e visualização de um videoclipe da música «Vinho do Porto, Vinho de Portugal» interpretada por Carlos Paião e Cândida Branca Flor (1983). Pretende-se que os alunos identifiquem as etapas que envolve a produção de vinho, nomeadamente, a vindima e o transporte das uvas para os lagares. Também se pretende que os alunos conheçam a embarcação típica do transporte de vinho do Porto, o barco	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação oral e qualidade das intervenções.</li> </ul>

<p>Património Mundial pela UNESCO e desempenhou, desde sempre, um papel central na produção do Vinho do Porto. O processo de vinificação no Douro remonta a tempos antigos, mas foi durante os séculos XVII e XVIII que o vinho do Porto se afirmou como um produto distinto e de grande importância comercial.</p> <p>Uma das figuras centrais na história do Vinho do Porto é o Marquês de Pombal, que em 1756 criou a primeira região demarcada e regulamentada do mundo. Esta decisão surgiu em resposta às fraudes que ameaçavam a reputação do vinho e tinha como objetivo garantir a sua qualidade. A Real Companhia Velha, também criada pelo Marquês de Pombal, foi a entidade responsável pela supervisão da produção e comércio do vinho do Porto, regulando a sua exportação e protegendo os interesses dos vicultores. A influência de Pombal foi decisiva para a organização do setor e para o reconhecimento internacional do vinho do Porto como produto de excelência.</p> <p>A ligação dos ingleses ao Vinho do Porto é uma parte incontornável desta história. Durante o século XVII, as tensões entre Inglaterra e França levaram os ingleses a procurar alternativas ao vinho francês, e Portugal, com a sua proximidade e relações comerciais, tornou-se um parceiro privilegiado. Os mercadores ingleses estabeleceram-se no Porto e começaram a importar vinho da região do Douro, o qual,</p>	<p>1. Explicar a denominação «vinho do Porto» e o seu papel no circuito comercial do mundo.</p>	<p>rabelo. Será chamada a atenção dos alunos para a paisagem visualizada no decorrer da canção.</p> <p>1.1. Leitura e análise de um excerto da obra «Diário XII» da autoria de Miguel Torga. Esta análise será acompanhada por uma fotografia da Região do Alto Douro Vinhateiro. Pretende-se que os alunos identifiquem características paisagísticas presentes no texto e relacionem com a respetiva fotografia. A professora chamará atenção para certas características climáticas, nomeadamente, o clima mediterrâneo, e de terreno, especialmente, os socalcos e a forma de organização das vinhas.</p> <p>1.2. Leitura e análise de um excerto de uma notícia da Agenda Cultural do Porto. Os alunos devem identificar que as quintas produtoras do Vinho do Porto estavam localizadas ao longo do Rio Douro antes do desenvolvimento de estradas e ferrovias. O transporte do vinho era feito principalmente por meio do rio, que era conhecido por ser revoltoso e tempestuoso, com uma corrente turbulenta e imprevisível. Os alunos devem reconhecer as características dos Barcos Rabelos, embarcações de madeira projetadas para enfrentar as difíceis condições do Douro. Estes barcos tinham dimensões entre 19 e 23 metros, eram construídos com tábuas sobrepostas,</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta ao nível do interesse e do empenho na realização das tarefas.</li>   <li>• Participação oral e qualidade das intervenções</li> </ul>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

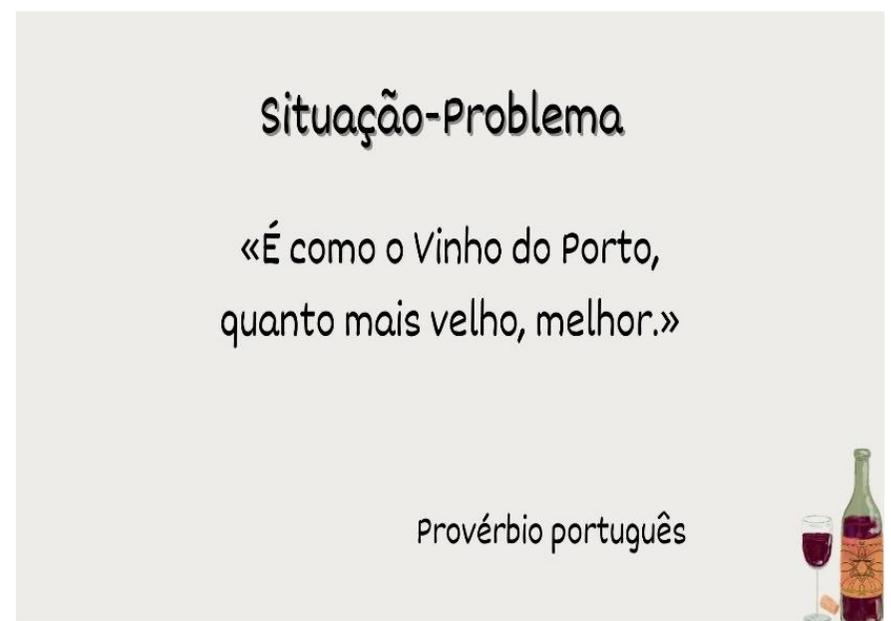
<p>para suportar as longas viagens até Inglaterra, passou a ser fortificado com aguardente, uma prática que deu origem ao que hoje conhecemos como Vinho do Porto. Este comércio foi consolidado em 1703, com o Tratado de Methuen, que formalizou as relações comerciais entre os dois países, beneficiando os vinhos portugueses e, em particular, o vinho do Porto.</p> <p>A presença inglesa no comércio do vinho do Porto tornou-se tão significativa que surgiram várias “feitorias” britânicas, com armazéns e escritórios dedicados exclusivamente à gestão e exportação do vinho. A sua influência foi tal que moldaram muitos dos aspetos do comércio vinícola português durante séculos, e várias das casas de vinho do Porto de maior renome.</p> <p>Até aos anos quarenta do século XVIII, o vinho resultante das vindimas anuais do Douro era conduzido até à cidade do Porto e, até ao mês de março/abril do ano seguinte ao da colheita, era armazenado na cidade do Porto. Esses vinhos não permaneciam nos armazéns em largos períodos, seguiam diretamente para os portos de importação, particularmente para as docas da Ilha inglesa de Guesnesey e para o cais de Londres e de outros portos britânicos ou então desaguavam nos portos coloniais portugueses, nomeadamente os portos das capitânicas do Brasil. O estacionar dos vinhos ocorria nesses portos de destino. Contudo «por razões que se prendem com a falta de</p>		<p>possuíam um fundo chato e uma vela quadrada, e eram capazes de transportar até 100 barris de Vinho do Porto. A tripulação dos Barcos Rabelos, composta por cerca de 12 homens, desempenhava um papel crucial na navegação segura das águas turbulentas. Além de identificar esses aspetos, os alunos devem compreender a importância histórica e funcional dos Barcos Rabelos. É essencial entender que o Rio Douro representava um desafio significativo para o transporte devido às suas condições adversas, e que os Barcos Rabelos foram projetados para superar essas dificuldades, desempenhando um papel vital no transporte do vinho.</p> <p>1.3. Leitura e análise de um excerto da obra «O Porto e o comércio de vinho» da autoria de António Barros Cardoso, datada de 2001. Tenciona-se que os alunos identifiquem que a maior parte dos vinhos que chegavam ao Porto era exportada para o Brasil, para áreas próximas e para portos do norte da Europa. Eles devem compreender que os mercadores ingleses dominavam o mercado de exportação para o Norte da Europa, enquanto os mercadores portugueses se ocupavam principalmente do mercado brasileiro. Além disso, pretende-se que os alunos conheçam a importância da influência inglesa na definição do vinho do Porto, apreciado por suas características doces e aromáticas, e identificar como a forte ligação comercial entre Portugal e Inglaterra ajudou</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação oral e qualidade das intervenções.</li> </ul>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>qualidade de alguns carregamentos, os destinatários importadores e respetivos comissários de comerciantes ingleses no Porto, começaram por essa altura a comprar somente vinhos que tivessem dado a «prova do tempo». Ou seja, vinhos que tivessem permanecido nos armazéns do Porto, pelo menos durante três anos. Desta forma, garantia-se que o vinho estaria em perfeitas condições de ser comercializado e bebido. A cidade do Porto confrontou-se com um problema, visto que os armazéns em sua posse não seriam suficientes para um armazenamento em longo período de tempo. É nesta altura que os vinhos do Douro começam a ser armazenados na margem do rio fronteira ao Porto. Seria em Vila Nova de Gaia – a «Guardiã dos vinhos do Porto» – que iriam prestar a prova do tempo.</p> <p>Ao longo dos séculos, várias figuras de destaque contribuíram para o sucesso do Vinho do Porto. Adriano Ramos Pinto, fundador da Casa Ramos Pinto em 1880, foi um dos pioneiros no campo do marketing de vinhos. Visionário, percebeu a importância da comunicação visual e criou campanhas publicitárias inovadoras, que impulsionaram a sua marca tanto em Portugal como no estrangeiro, especialmente no Brasil e em França. A sua abordagem moderna ajudou a promover o Vinho do Porto e a consolidar a sua presença em mercados internacionais.</p> <p>Outro nome incontornável é o de Dona Antónia Adelaide Ferreira, conhecida como</p>		<p>a estabelecer uma comunidade inglesa significativa no Porto.</p> <p>1.4. Observação de uma gravura da autoria do artista Éveque, datada dos inícios do século XIX. Pretende-se que os alunos identifiquem a Ponte das Barcas, visível na imagem, que conecta o Porto a Gaia. Também devem reconhecer o cais de Gaia, onde ocorriam as atividades de carga e descarga do Vinho do Porto e outras mercadorias. Além disso, é importante que observem os barcos representados na gravura, usados para o transporte do vinho, e a intensa atividade comercial, evidenciada pela movimentação de cargas e pessoas no cais.</p> <p>1.5. Leitura e análise de um excerto da obra «Como se vestia o vinho do Porto (século XVII – XVIII) da autoria de António Barros Cardoso, datada de 2019. Pretende-se que os alunos identifiquem que, até aos anos 40 do século XVIII, o vinho do Douro era armazenado no Porto e enviado para portos internacionais como Guernesey e Londres. Também se tenciona que compreendam que os importadores ingleses exigiam que o vinho fosse armazenado por pelo menos três anos antes da sua exportação. Além disso, devem identificar que, devido à falta de espaço nos armazéns do Porto, foram criados novos armazéns em Vila Nova de Gaia.</p> <p>1.6. Observação e análise de um rótulo de uma</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação direta ao nível do interesse e do empenho na realização das tarefas</li> </ul>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>"A Ferreirinha". Esta empresária notável do século XIX dedicou-se ao desenvolvimento das quintas vinícolas da família e transformou a Ferreira numa das casas de Vinho do Porto mais prestigiadas. Sob a sua liderança, a empresa prosperou e introduziu melhorias nas práticas agrícolas, defendendo sempre os interesses dos viticultores da região do Douro. O seu legado é de perseverança e inovação, sendo ainda hoje uma referência na história do Vinho do Porto.</p> <p>Assim, o Vinho do Porto é o resultado de uma combinação única de condições naturais, decisões estratégicas e personalidades visionárias. A sua história reflete a importância económica e cultural deste vinho para Portugal e o mundo, e continua a ser um símbolo de excelência reconhecido internacionalmente.</p>		<p>garrafa de vinho do Porto. Neste rótulo, pretende-se que os alunos identifiquem a personalidade ilustrada, o Marquês de Pombal e a sua ligação à Real Companhia Velha, instituída por alvará régio em 1756. Tenciona-se que os alunos conheçam a importância deste ministro e a influência desta Companhia no comércio do vinho.</p> <p>1.7. Observação e análise de um mapa representativo da delimitação da Região do Douro em 1758. Tenciona-se que os alunos identifiquem as principais áreas da Região do Douro conforme delineadas no mapa de 1758, incluindo os limites geográficos e as zonas de cultivo. Também, pretende-se que compreendam como a delimitação da região naquela época influenciava a produção de vinho e a organização do território.</p> <p>1.8. Observação e análise de um conjunto de garrafas de vinho do Porto. Tenciona-se que os alunos identifiquem as datas das respetivas garrafas e compreendam a evolução do designe. Também pretende-se levar os alunos a refletir sobre como essas alterações podem estar relacionadas à evolução do mercado e às preferências dos consumidores.</p> <p>1.9. Observação e análise de três cartazes da empresa Ramos Pinto, datados de 1910. Tenciona-se que os alunos identifiquem o nome da empresa, Ramos Pinto, e o ano de</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação oral e qualidade das intervenções.</li> </ul>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>1910, situando o cartaz no contexto histórico. Também se pretende que compreendam o objetivo do cartaz como uma peça de propaganda destinada a promover o Vinho do Porto da empresa. Devem entender como o cartaz visava atrair clientes e destacar o produto. A professora pretende levar os alunos a refletir em torno dos slogans dos respectivos cartazes.</p> <p>1.10. Observação e análise de um dos primeiros rótulos conhecidos de vinho do Porto. Tenciona-se que os alunos conheçam um dos nomes mais marcantes no comércio de vinho do Porto, Adelaide Ferreira. Pretende-se que os alunos identifiquem elementos presentes no rótulo (quinta, planícies). A professora chamará atenção dos alunos para o papel do rótulo na identidade e na promoção do vinho.</p> <p><b>Realização de uma síntese da aula</b> em diálogo vertical com os alunos através da situação-problema «É como o Vinho do Porto, quanto mais velho, melhor.»</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação oral e qualidade das intervenções</li> </ul>
<p><b>Competências específicas da História:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço;</li> <li>• Situar e caracterizar aspetos relevantes da história de Portugal, europeia e mundial;</li> <li>• Relacionar a história de Portugal com a história europeia e mundial, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional ou local;</li> <li>• Problematizar as relações entre o passado e o presente e a interpretação crítica e fundamentada do mundo atual.</li> </ul>			

### Anexo 3 – Apresentação Powerpoint da aula sobre a História do Vinho do Porto





## Questão-orientadora

Quem és tu, Vinho do Porto?



## Doc. 2 - Os Barcos Rabelos

Muito antes de haver estradas e até ligações ferroviárias, as Quintas produtoras do precioso Vinho do Porto estavam apenas acessíveis através do Rio Douro. Este era um rio revoltoso e tempestuoso, com uma corrente tão turbulenta quanto imprevisível. E foi neste contexto que surgiram os Barcos Rabelos. De madeira e tripulados por homens sem medo, rompiam as águas revoltas do Douro, carregados de pipas com Vinho do Porto, para este envelhecer nas Caves de Vila Nova de Gaia e, posteriormente, dali sair para o mundo. O Barco Rabelo é uma obra prima da época. Com dimensões compreendidas entre os 19 e os 23 metros, era erguido através de tábuas sobrepostas, com um fundo chato e vela quadrada. Em média, era possível transportar em cada barco até 100 barris de Vinho do Porto. E a tripulação aventureira desempenhava, também, um papel fundamental: constituída normalmente por 12 homens, eram eles que faziam a diferença quando o barco era apanhado na corrente enfurecida das águas do rio.



Agenda Cultural do Porto - Tudo sobre o Barco Rabelo.

## Doc. 1 - Douro Vinhateiro



O Douro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.

Miguel Torga, Diário XII

## Doc. 3 - O Vinho do Porto no circuito do comércio



Boa parte dos vinhos entrados no Porto foi exportada para a cercanias da cidade, para o Brasil e porto do norte da Europa. O mercado exportador foi dominado pelos mercadores ingleses a grande distancia dos nacionais e dos estrangeiros de outras nacionalidades. Aos britânicos esteve entregue sobretudo a exportação para os portos do Norte. Já aos mercadores nacionais coube o mercado brasileiro (...). Percebe-se pelo papel preponderante dos ingleses no negócio dos vinhos no Porto que lhes coube também uma intervenção profunda na caminhada experimental que conduziu à produção do «vinho do Porto», entendendo aqui a expressão no sentido da identidade dos vinhos doces aguardentados e aromáticos hoje apreciados em todo o mundo. De facto, o interesse dos ingleses pelo vinho regista-se desde muito cedo e cresceu em relação direta com o insucesso nas tentativas de produzirem vinhos um pouco por toda a parte. A robusta ligação entre Portugal e a Inglaterra que se começou a desenhar ainda em tempos medievais, fomentou um interesse comercial recíproco que envolveu mercadores do Porto e mercadores dos portos do sul das Ilhas Britânicas que culminou com o estabelecimento de uma forte comunidade inglesa na cidade em torno dos lucros do comércio.

António Barros Cardoso – O Porto e o comércio do vinho – dos alvares de Setecentos à instituição da Real Companhia (1756). HISTÓRIA, nº3, vol.2, 107-128. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001.



Doc. 4 - Gravura «Cais ribeirinho de Gaia» do artista Évêque, inícios do séc. XIX.

### Doc. 5 - Vila Nova de Gaia: a Guardiã do Vinho do Porto



Até aos anos quarenta do século XVIII, o vinho resultante das uvas das vindimas anuais durienses era conduzido até à cidade do Porto e, até ao mês de Março/Abril do ano seguinte ao da colheita, era guardado nos armazéns dentro do espaço urbano que hoje conhecemos como Porto. Tais vinhos não permaneciam aí muito tempo, seguindo diretamente para os portos de importação, particularmente para as docas da Ilha inglesa de Guernesey e para os cais de Londres e de outros portos britânicos ou rumavam aos portos coloniais portugueses, com destaque para os das capitânias do Brasil. O estanciar dos vinhos ocorria nestes portos de destino. Contudo, por razões que se prendem com a falta de qualidade de alguns carregamentos, os destinatários importadores e respetivos comissários de comerciantes ingleses do Porto, começaram por essa altura a comprar somente vinhos que “tivessem dado a prova do tempo”. Ou seja, vinhos que tivessem permanecido nos armazéns do Porto, pelo menos durante três anos. Ora, está bem de ver que tais armazéns que até aquela data se concentravam no velho casco urbano, ainda cercado pelos muros da cidade, mostraram-se insuficientes para guardar o triplo da quantidade de vinhos relativamente à sua capacidade de armazenagem. É nessa altura que os vinhos do Douro começam a ser armazenados na margem do rio fronteira ao Porto. Nasceram as caves do Vinho do Porto em Vila Nova de Gaia.



António Barros Cardoso – Como se “vestia” o vinho do Porto (séculos XVI e XVIII). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 102-III, 2019.

### Doc. 8 - A Propaganda



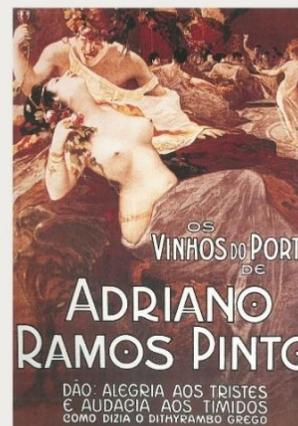
Adriano Ramos Pinto (1859-1927), o génio do “marketing” do século XIX.



Doc.8a - Impressão litográfica para a marca de vinho do Porto



Doc. 8b - Primeiro cartaz realizado por Campiello para Ramos Pinto (1910)

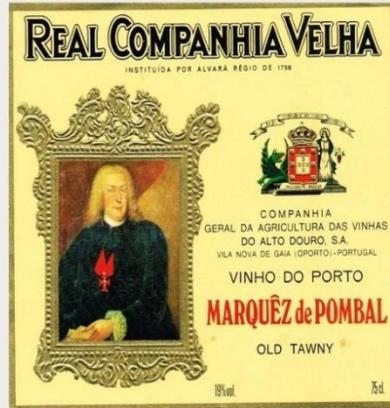


Doc.8c- Cartaz Ramos Pinto, autor desconhecido, 1910.



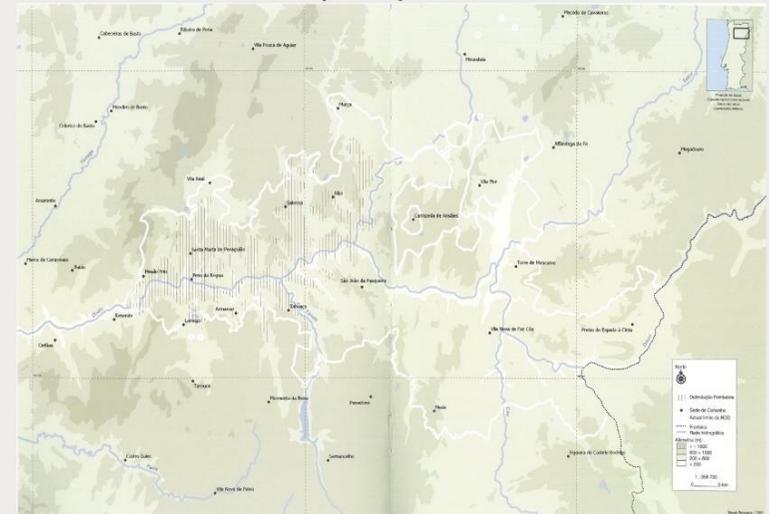
doc.8d- Cartaz Ramos Pinto, do artista Metlicovitz, 1910.

Doc. 6 - Da crise produtiva e comercial do século XVIII à criação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro



Rótulo de uma garrafa de Vinho do Porto.

Doc. 7 - A delimitação da região do Douro desde 1758



D. Antónia Adelaide Ferreira (1811-1896), mais conhecida como "Ferreinha", foi uma das personalidades mais marcantes da história do Douro Vinhateiro.

Doc. 8c- Um dos primeiros rótulos conhecidos de vinho do Porto (c.1870).

## Situação-Problema

«É como o Vinho do Porto,  
quanto mais velho, melhor.»

Provérbio português



## Anexo 4 – Ficha de Trabalho da visita de estudo «Filho do Douro, Protegido de Gaia: Quem és tu, Vinho do Porto?»

Ufaaa!! O Último destino: A Estação de São Bento



### FILHO DO DOURO, PROTEGIDO DE GAIA

### Quem És tu, Vinho do Porto?

**Horizontal**

- Pequenas peças cerâmicas que revestem as paredes da Estação, onde são retratadas cenas representativas da História de Portugal.
- Importante estação ferroviária localizada na cidade do Porto, famosa pelos seus impressionantes painéis de azulejos que retratam cenas históricas e culturais de Portugal.
- Embarcações tradicionais do rio Douro, usadas para transportar barris de vinho, nomeadamente de vinho do Porto.
- Designação da tarefa da colheita das uvas, ilustrada num dos painéis da Estação.
- Região de Portugal famosa pelas suas vinhas em socalcos e pela produção de Vinho do Porto.

**Vertical**

- Artista e pintor português conhecido pelos seus azulejos, incluindo os da Estação de São Bento no Porto.
- Cidade portuguesa famosa pela sua ligação ao vinho do mesmo nome, situada nas margens do rio Douro.



Nome: \_\_\_\_\_

## Chegamos ao 1º destino: A Casa Ramos Pinto



\_\_\_\_\_ fundou a Casa Ramos Pinto em \_\_\_\_\_ no ano de \_\_\_\_\_. Aos 21 anos de idade começou uma história que dura há mais de 140 anos. Fruto de uma estratégia \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ expandiu a marca para o mercado \_\_\_\_\_. O sucesso não tardou e no início do séc. XX era responsável por metade da exportação de vinhos para a América do Sul, ao mesmo tempo que criava um mercado em \_\_\_\_\_ e no Mundo.

Adriano foi também inovador pela sua \_\_\_\_\_ na forma de embalar e promover os vinhos, e que contribuiu para aumentar o reconhecimento da marca.

Os antigos escritórios da Casa Ramos Pinto, foram convertidos num \_\_\_\_\_, onde expõem \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ da época. Logo à entrada, podemos apreciar painéis de \_\_\_\_\_ ilustrativos de cenas mitológicas, da autoria de \_\_\_\_\_, onde o Deus \_\_\_\_\_ é representado junto de mulheres seminuas.

A Casa exibe uma \_\_\_\_\_ da escultura oferecida por Adriano Ramos Pinto à cidade de \_\_\_\_\_ em 1906 como símbolo das boas relações comerciais entre ambos os países.

**Azulejo . Adriano Ramos Pinto . museu . 1880 . inovadora . cartazes . brasileiro  
maquete . Portugal . criatividade . Vila Nova de Gaia . Baco . mobiliário . pioneira  
rótulos . garrafas . Pedro Figueiredo . Rio de Janeiro**

## Depois de uma pequena caminhada . . . cá estamos na Feitoria Inglesa do Porto!



1. Quando foi estabelecida a Feitoria Inglesa no Porto?

- a) Século XVII
- b) Século XVIII
- c) Século XIX

2. Qual era o produto negociado pela Feitoria Inglesa no Porto?

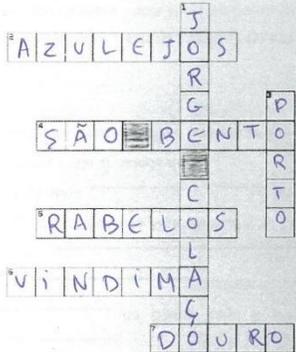
- a) Azeite
- b) Vinho
- c) Sal

3. Qual era o papel da Feitoria Inglesa no Porto na organização do comércio entre Portugal e o Reino Unido durante o período em que esteve ativa?

- a) Controlar o comércio exclusivamente em benefício da Inglaterra.
- b) Facilitar o intercâmbio comercial entre os dois países, especialmente no que diz respeito ao Vinho do Porto.
- c) Dominar o mercado português, eliminando a concorrência de outros países.
- d) Exercer influência política sobre Portugal através do controle económico.

## Anexo 5 – Ficha de Trabalho preenchida por um aluno

Ufaaa!! O Último destino: A Estação de São Bento

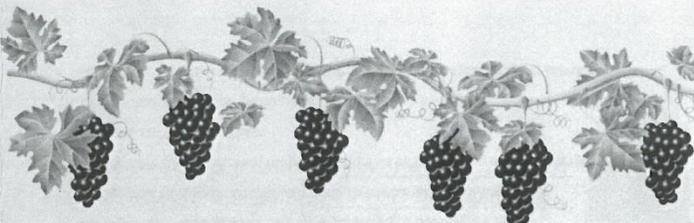


**Horizontal**

- Pequenas peças cerâmicas que revestem as paredes da Estação, onde são retratadas cenas representativas da História de Portugal.
- Importante estação ferroviária localizada na cidade do Porto, famosa pelos seus impressionantes painéis de azulejos que retratam cenas históricas e culturais de Portugal.
- Embarcações tradicionais do rio Douro, usadas para transportar barris de vinho, nomeadamente de vinho do Porto.
- Designação da tarefa da colheita das uvas, ilustrada num dos painéis da Estação.
- Região de Portugal famosa pelas suas vinhas em socalcos e pela produção de Vinho do Porto.

**Vertical**

- Artista e pintor português conhecido pelos seus azulejos, incluindo os da Estação de São Bento no Porto.
- Cidade portuguesa famosa pela sua ligação ao vinho do mesmo nome, situada nas margens do rio Douro.



# FILHO DO DOURO, PROTEGIDO DE GAIA

## Quem És tu, Vinho do Porto?

Nome: \_\_\_\_\_




## Chegamos ao 1º destino: A Casa Ramos Pinto



Adriano Ramos Pinto fundou a Casa Ramos Pinto em Vila Nova de Gaia no ano de 1880. Aos 21 anos de idade começou uma história que dura há mais de 140 anos. Fruto de uma estratégia inovadora e pioneira expandiu a marca para o mercado brasileiro. O sucesso não tardou e no início do séc. XX era responsável por metade da exportação de vinhos para a América do Sul, ao mesmo tempo que criava um mercado em Portugal e no Mundo.

Adriano foi também inovador pela sua criatividade na forma de embalar e promover os vinhos, e que contribuiu para aumentar o reconhecimento da marca.

Os antigos escritórios da Casa Ramos Pinto, foram convertidos num museu, onde expõem cartazes, garrafas, rotulos, mobiliário da época. Logo à entrada, podemos apreciar painéis de azulejo ilustrativos de cenas mitológicas, da autoria de Pedro Figueiredo, onde o Deus Baco é representado junto de mulheres seminuas.

A Casa exibe uma maquete da escultura oferecida por Adriano Ramos Pinto à cidade do Rio de Janeiro em 1906 como símbolo das boas relações comerciais entre ambos os países.

Azulejo . Adriano Ramos Pinto . museu . 1880 . inovadora . cartazes . brasileiro  
maquete . Portugal . criatividade . Vila Nova de Gaia . Baco . mobiliário . pioneira  
rotulos . garrafas . Pedro Figueiredo . Rio de Janeiro

Depois de uma pequena caminhada . . . cá estamos na

## Feitoria Inglesa do Porto!



1. Quando foi estabelecida a Feitoria Inglesa no Porto?

- a) Século XVII
- b) Século XVIII
- c) Século XIX

2. Qual era o produto negociado pela Feitoria Inglesa no Porto?

- a) Azeite
- b) Vinho
- c) Sal

3. Qual era o papel da Feitoria Inglesa no Porto na organização do comércio entre Portugal e o Reino Unido durante o período em que esteve ativa?

- a) Controlar o comércio exclusivamente em benefício da Inglaterra.
- b) Facilitar o intercâmbio comercial entre os dois países, especialmente no que diz respeito ao Vinho do Porto.
- c) Dominar o mercado português, eliminando a concorrência de outros países.
- d) Exercer influência política sobre Portugal através do controle económico.

## Anexo 6 – Guião da atividade «*Escape Room – Porto Proibido*»

### Atividade «*Escape Room – Porto Proibido*»

Um cenário com diversos ornamentos, objetos, decorativos e afins relacionados com o vinho do Porto. Na parede, fotografias de cinco indivíduos. Na MESA, quatro pistas iniciais. Os alunos terão de ir resgatá-las ao longo da *Storyline*. A turma será dividida em duas equipas de investigação, sendo a primeira equipa responsável por desvendar as duas primeiras pistas e a segunda equipa as duas últimas pistas. Apenas no final da atividade, após uma grande deliberação entre as duas equipas, saberão a identidade dos ladrões.

#### Dentro dos envelopes as seguintes pistas:

- 1 – AGUENTO COM MAIS VINHO DO QUE VINTE ZÉ POVINHOS!
- 2 – EM MIM PEGAS, DE MIM DEGUSTAS, COMIGO SABOREIAS
- 3 – ANTES DE NO COPO SER SERVIDO, SOU O ÚLTIMO CORPO DO VINHO DO PORTO
- 4 – ESCONDI A CHAVE ONDE ME VINDIMARAM, MESMO ASSIM O MEU SEGREDO ROUBARAM

#### Ao centro da mesa está um envelope com uma mensagem muito importante:

“Meninos, arrisco a própria vida em sequer pensar estas palavras que vos escrevo. Porém, fui informado pela vossa professora que posso contar convosco e, para mais, o assunto é urgentíssimo. O segredo do vinho do Porto desapareceu. E com ele o meu irmão, Adriano Ramos Pinto. Creio que quem tenha roubado o segredo o raptou também. Não quero entregar o caso a um qualquer. Tanto quanto eu sei poderá ter sido um qualquer, se bem que os ingleses já o perseguem o segredo do nosso vinho há imenso tempo. O meu irmão havia desconfiado, mas eu não quis acreditar. De qualquer maneira, preciso de auxílio nesta demanda. Investiguem a adega do meu irmão. Pode ser que o ladrão não tenha sido assim tão cauteloso. Pode ser que o meu irmão, que pensou que isto pudesse acontecer, tenha deixado algumas pistas. Algo que só vós consigais encontrar!

Descubram o nome do ladrão ou ladrões que roubaram o segredo do vinho do Porto. Depois disso, eu trarei o meu irmão para casa. Vocês, gabar-se-ão de terem preservado algo tão nosso. Estou a contar convosco!

António Ramos Pinto”

#### 1ª *Storyline*:

- MESA – “AGUENTO COM MAIS VINHO DO QUE VINTE ZÉ POVINHOS!”, que leva à PIPA;
- PIPA – no interior, revela-se um bilhete - “O LADRÃO LEVOU O VINHO TODO. COMO TERÁ CONSEGUIDO UM SÓ HOMEM TRANSPORTAR TANTO VINHO?”. Juntamente com esta

mensagem, são também revelados os nomes das personalidades das fotografias. Todos os nomes serão sublinhados, cada um com a sua cor. Cada nome será associado a uma fotografia na parede através da cor do seu sublinhado que coincidirá com a cor de marcas presentes nas mesmas fotografias. Essas marcas serão pequenas e estarão «escondidas», incentivando um olho mais atento e curioso.

**2ª Storyline:**

- MESA – “EM MIM PEGAS, DE MIM DEGUSTAS, COMIGO SABOREIAS”, que leva aos COPOS;

- COPOS – lá no meio revela-se um bilhete – “O SOL POR AQUI ESQUENTA. TODA A GARRAFA PRECISA DE UM CHAPÉU”, que leva ao CESTO com as ROLHAS;

- CESTA COM AS ROLHAS – lá no meio um bilhete – “O LADRÃO NÃO QUIS CORTIÇA, MAS PASSOU POR AQUI, ASSIM COMO IMENSAS OUTRAS PESSOAS”. Misturados nas ROLHAS, 5 PAPÉIS com 5 IMPRESSÕES DIGITAIS diferentes. As IMPRESSÕES DIGITAIS terão presente uma pequena MARCA camuflada no raiado, cada uma cor a sua cor. As diferentes cores serão associadas às fotografias nas paredes e/ou às cores dos SUBLINHADOS dos nomes das pessoas encontrados na PIPA.

**3ª Storyline:**

- MESA – “ANTES DE NO COPO SER SERVIDO, SOU O ÚLTIMO CORPO DO VINHO DO PORTO”, que leva às GARRAFAS;

- GARRAFAS – no meio ou por baixo das garrafas, revela-se um papel escondido: “CADA MARCA UM RÓTULO, CADA LADRÃO UMA IMPRESSÃO, CADA SEGREDO UM CAIXÃO”, e envolto desta mensagem uma pequena TESOURA que leva a uma CAIXA DE GARRAFA DE VINHO DO PORTO VAZIA (será necessário a TESOURA para prosseguir);

- CAIXA DE GARRAFA DE VINHO VAZIA - a caixa está envolta com FITA COLA. Apenas com a TESOURA é aberta – revela-se uma nota – “Ó, NÃO! NÃO SE CONTENTARAM EM APENAS ROUBAR O SEGREDO”. Por baixo da nota, revela-se UMA IMPRESSÃO DE UM DOS LADRÕES.

**4ª Storyline:**

- MESA – “ESCONDI A CHAVE ONDE ME VINDIMARAM, MESMO ASSIM O MEU SEGREDO ROUBARAM”, que leva às VIDEIRAS artificias;

- VIDEIRAS – escondida entre as folhas, encontra-se uma CHAVE que abre uma CAIXA DE MADEIRA;

- CAIXA DE MADEIRA – no interior um bilhete - “ANTES DE LÍQUIDO, SOU FRUTA”, que leva ao CESTO DE UVAS;

- CESTO DE UVAS – ao remexer as uvas encontram um bilhete - “AS SEMENTES ENTERRAM-SE FUNDO, OS SEGREDOS MAIS ABAIXO”, que leva ao TERREIRO COM VIDEIRAS;

- TERREIRO COM VIDEIRAS – ao escavar a terra encontram uma GARRAFA DE MINIATURA de aguardente com um PAPEL no interior com a IMPRESSÃO DIGITAL do 2º ladrão.

## Anexo 7 – Ficha de trabalho – 1ª equipa de investigação

### Relatório da Equipa de Investigação



Nome da equipa: \_\_\_\_\_

Detetives:

---

---

---

1ª Pista de partida:

---

---

Quais as pistas encontradas junto da mensagem «O LADRÃO LEVOU O VINHO TODO. COMO TERÁ CONSEGUIDO UM SÓ HOMEM TRANSPORTAR TANTO VINHO?»?

---

---

---

2ª Pista de partida:

---

---

Qual a pista que te levou ao CESTO das Rolhas? Explica o raciocínio da tua equipa.

---

---

---

Quais as pistas encontradas dentro do CESTO das Rolhas?

---

---

---



## Anexo 8 – Ficha de trabalho – 2ª equipa de investigação

### Relatório da Equipa de Investigação



Nome da equipa: \_\_\_\_\_

Detetives:

---

---

---

1ª Pista de partida:

---

---

A pista «ANTES DE NO COPO SER SERVIDO, SOU O ÚLTIMO CORPO DO VINHO DO PORTO» conduziu-te a que objeto? Explica o raciocínio da tua equipa.

---

---

---

Pistas encontradas no interior da CAIXA de madeira de uma garrafa:

---

---

---

2ª Pista de partida:

---

---

---

A pista «AS SEMENTES ENTERRAM-SE FUNDO, OS SEGREDOS MAIS ABAIXO.» conduziu-te a que objeto? Explica o raciocínio da tua equipa

---

---

---

Quais as pistas encontradas dentro da garrafinha de aguardente?

---

---





## Anexo 9 – Ficha de trabalho preenchida por uma equipa

### Relatório da Equipa de Investigação



Nome da equipa: OS vindimozos  
~~OS CANTOZOS~~

**Detetives:**

Bernardo, Daniel, Daniela, Lara,  
Majida, Maria

**1ª Pista de partida:**

Antes de no copo ser servido, sou o  
último copo do vinho do porto

A pista «ANTES DE NO COPO SER SERVIDO, SOU O ÚLTIMO CORPO DO VINHO DO PORTO» conduziu-te a que objeto? Explica o raciocínio da tua equipa.

Garrafas. Antes de ser servido  
no copo, o vinho está armazenado  
em uma garrafa

**Pistas encontradas no interior da CAIXA de madeira de uma garrafa:**

1 impressão digital, @ azul  
o, não! Não se condensaram em  
apenas 7 ou 8 segundos

**2ª Pista de partida:**

Escondi a chave onde me vindimaram,  
mesmo assim o meu segredo  
trabalham

A pista «AS SEMENTES ENTERRAM-SE FUNDO, OS SEGREDOS MAIS ABAIXO.» conduziu-te a que objeto? Explica o raciocínio da tua equipa

Terra com viduizas, pois é  
onde são enterradas as  
sementes

**Quais as pistas encontradas dentro da garrafinha de aguardente?**



Impressão digital, vermelha. Guarda  
um segredo é como vindimar um  
bom vinho: Requer tempo, paciência e  
muito cuidado e cuidado. Apesar de anos



## Anexo 10 – Ficha de trabalho preenchida por uma equipa

### Relatório da Equipa de Investigação



Nome da equipa: PIDE

**Detetives:**

Detetives Miguel, Diogo, Felipe, Rodrigo Miranda, Rodrigo Rodrigues, Sôbia, Vicente, Lara e Vitor

**1ª Pista de partida:**

"Aguardo mais vinho do que vinte Zé Povinho" pista que levou à pista.

**Quais as pistas encontradas junto da mensagem «O LADRÃO LEVOU O VINHO TODO. COMO TERÁ CONSEGUIDO UM SÓ HOMEM TRANSPORTAR TANTO VINHO?»?**

Os memes dos homens representados nas fotos.

**2ª Pista de partida:**

"Em mim pegas, de mim degustas, comigo saboreias".

**Qual a pista que te levou ao CESTO das Rolhas? Explica o raciocínio da tua equipa.**

"O sol por aqui esquenta, toda a garrafa melisa de um chapéu", a última parte da frase levou-nos a pensar que o "chapéu" seria a rolha de uma garrafa.

**Quais as pistas encontradas dentro do CESTO das Rolhas?**

As pistas encontradas dentro do cesto das rolhas foram as impressões digitais que tinham cores que associavam as fotos na parede. As cores eram vermelho, amarelo, verde azul, lilás



## Anexo 11 – Relatório final preenchido por uma equipa

### Relatório Final de Investigação



Após árdua investigação, já sabemos quem são os ladrões do segredo do Vinho do Porto e os raptores de Adriano Ramos Pinto!!

**Quem são os ladrões? Explica como foi possível fazer a conexão entre as pistas encontradas pela sala e as fotografias nas paredes.**

O segredo do vinho do Porto e Adriano Ramos Pinto por um lado, e a primeira pista, fomos dar um pequeno passeio com diversos nomes depois de alguns passos chegamos a um cesto de vinhos com as impressões digitais que posteriormente ligamos aos nomes já dados. Ao girar o cesto de vinhos e outro de fora que nos levou a uma caixa de madeira com as impressões digitais (cruz), seguimos para a 2ª e última pista dirigimo-nos para a outra caixa (fermento) (cruz) que nos levou a terreiro e descobrimos os amentes enterrados. Por fim no jardim de guardante tinha a última impressão digital (vermelha)

Atue - António Betelhe Reis  
Vermelho - Álvaro Moreira Fonseca



Os Ladrões

O Detetive-chefe,  
Perjuda.



## Anexo 12 – 2.º Questionário (aplicado ao 11.º e 12.º anos)

### **Questionário sobre História e Património Local e Regional**

O presente questionário realiza-se no âmbito do Relatório Final do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pretende conhecer o nível de conhecimento que os alunos apresentam em relação à sua História local/regional e ao Património local/regional.

Este é um questionário anónimo, pelo que todos os dados serão confidenciais.

Responde de forma sincera e honesta às seguintes questões.

#### **I – DADOS PESSOAIS**

1. Sexo:  Masculino  Feminino

2. Idade: \_\_\_\_\_ anos.

3. Ano de escolaridade que frequentas neste momento: \_\_\_\_\_.

4. Localidade em que vives: \_\_\_\_\_.

#### **II – RELAÇÃO DOS ALUNOS COM O PATRIMÓNIO**

1. O que consideras ser Património? Podés escolher mais do que uma opção.

Obras de arte  Igrejas e mosteiros

Saberes e tradições  Festas populares

Castelos  Paisagens

Outro: \_\_\_\_\_  Não sei

2. Consideras importante conhecer o Património da tua localidade?

Sim  Não  Não sei

2.1. Justifica a tua resposta.

---

---

**3. Selecciona as atividades em que participaste ao longo do presente ano letivo. Podes escolher mais do que uma opção.**

- |                                                                  |                                                       |
|------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Aula sobre a História do Vinho do Porto | <input type="checkbox"/> Visita à Feitoria Inglesa    |
| <input type="checkbox"/> Visita às caves Ramos Pinto             | <input type="checkbox"/> Escape Room «Porto Proibido» |
| <input type="checkbox"/> Visita à Estação de São Bento           |                                                       |

**3.1. Consideras as atividades em que participaste importantes para o teu conhecimento?**

- Sim     Não

**3.1.1. Porquê?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**4. Gostaste de trabalhar a História e o Património da tua região nas aulas de História?**

- Sim     Não

**4.1. Porquê?**

---

---

---

---

---

---

---

---

**6. Indica a tua avaliação da aula sobre a história do vinho do Porto. Marca com um (X) o nível de concordância com cada uma das frases seguintes.**

	Discordo totalmente <b>1</b>	Discordo parcialmente <b>2</b>	Nem concordo Nem discordo <b>3</b>	Concordo <b>4</b>	Concordo totalmente <b>5</b>
A aula foi interessante.					
Com esta aula aprendi mais sobre o vinho do Porto.					
Através desta aula consegui compreender melhor a relação do vinho do Porto com a cidade de Vila Nova de Gaia.					
Conhecer o património ligado ao vinho do Porto é fundamental.					
Deveria de ter mais aulas deste tipo.					

**7. Indica a tua avaliação da visita de estudo «Filho do Douro, Protegido de Gaia: Quem és tu, Vinho do Porto?»**

	Discordo totalmente <b>1</b>	Discordo parcialmente <b>2</b>	Nem concordo Nem discordo <b>3</b>	Concordo <b>4</b>	Concordo totalmente <b>5</b>
A visita de estudo foi interessante.					
Gostei de sair da sala de aula e ter uma aula diferente.					
Com a visita de estudo consegui perceber melhor os conteúdos da disciplina.					
A ficha/guião ajudou-me a consolidar os conhecimentos durante a visita.					
Com esta visita aprendi mais sobre o passado da minha região.					
O contacto espacial com os monumentos/locais da região foi importante.					
Aprendi a olhar para os espaços visitados de uma forma diferente.					

